



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA, TEORIA E CRÍTICA
LINHA DE PESQUISA: POÉTICAS DA SUBJETIVIDADE

DIÓGENES DE FIGUEIREDO LEITE

**METÁSTASES DO ÓDIO: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE AS NUANCES
DA OPRESSÃO SULISTA E SEUS EFEITOS EM TO KILL A MOCKINGBIRD**

JOÃO PESSOA - PB

2024

DIÓGENES DE FIGUEIREDO LEITE

**METÁSTASES DO ÓDIO: UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE AS NUANCES
DA OPRESSÃO SULISTA E SEUS EFEITOS EM TO KILL A MOCKINGBIRD**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura, Teoria e Crítica.

Linha de pesquisa: Poéticas da Subjetividade

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

JOÃO PESSOA - PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L533m Leite, Diógenes de Figueiredo.

Metástases do ódio: um olhar psicanalítico sobre as nuances da opressão sulista e seus efeitos em To Kill a Mockingbird / Diógenes de Figueiredo Leite. - João Pessoa, 2024.

147 f. : il.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ódio. 2. Segregação. 3. Justiça. 4. Preconceito racial. 5. Gótico sulista. 6. Psicanálise. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 159.964.2(73)(043)



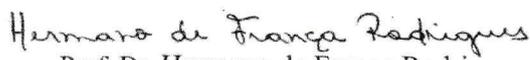
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)
DIÓGENES DE FIGUEIREDO LEITE

Aos dezoito dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas e trinta minutos, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: “Metástases do ódio: um olhar psicanalítico sobre as nuances da opressão sulista e seus efeitos em to kill a mockingbird”, apresentada pelo(a) aluno(a) Diógenes de Figueiredo Leite, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRE EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Teoria e Crítica, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O(A) professor(a) Doutor(a) Hermano de França Rodrigues (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o(a)s Professores Doutore(a)s Jailto Luis Chaves de Lima Filho (UEPB), Eneida Maria Gurgel de Araújo (UEPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: Aprovado. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Hermano de França Rodrigues (Secretário *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

João Pessoa, 19 de julho de 2024.

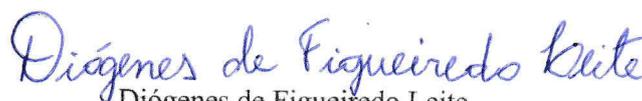
Parecer:

A arguição da banca determinou que a dissertação cumpriu os requisitos necessários para a aprovação e publicação.


Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
(Presidente da Banca)


Prof. Dra. Eneida Maria Gurgel de Araújo
(Examinadora)


Prof. Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho
(Examinador)


Diógenes de Figueiredo Leite
(Mestrando)

Dedico este trabalho as minhas filhas Lavínia, Louise e Lívia e a minha dedicada e amada esposa Kátia.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sua grandiosa e eterna misericórdia sobre nossas vidas, agradeço pela dádiva da vida, por suas bênçãos, vitórias concedidas e sua eterna graça e misericórdia.

A minha amada e querida esposa Kátia, te agradeço por seu companheirismo e dedicação durante todos estes anos, seu carinho e amor marcaram minha vida completamente, muito obrigado por sempre acreditar em mim.

Aos amores da minha vida, as 3Ls, Lavínia, Louise e Lívia, vocês são as melhores filhas de todo o universo, nada me faz mais feliz do que ver o sorriso contagiante e delicado de vocês, nunca esqueçam que nossos corações estarão onde vocês estiverem, e que vocês são os maiores presentes que Deus nos deu nesta breve passagem terrena, temos orgulho de cada uma de vocês e nunca esqueçam que tudo passa, mas o amor é a única coisa que é eterna e para sempre. Te amamos mais que a nós mesmos.

Aos meus amorosos e carinhosos pais Dimas e Fátima, que foram meu alicerce para tentar fazer a diferença, vocês que sempre tanto acreditaram na educação de seus filhos e que tanto nos apoiaram em nossas profissões, obrigado por terem sido, estes pais maravilhosos e pelo seu amor incondicional, vocês sempre serão nossa fonte de inspiração, sempre seremos gratos por seu carinho fraterno e suas orações.

A meu estimado irmão José Carlos, serei sempre admirador de tua bondade, teu amor aos nossos pais e teu altruísmo, obrigado pelos conselhos e eterno companheirismo.

A minha querida irmã Driele, obrigado por ser tão dedicada aos nossos pais.

A minha irmã que partiu cedo demais Cristina, nunca te esquecerei.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, muito obrigado por ter acreditado neste projeto, suas orientações sempre me deram o Norte que eu precisava para me encontrar neste percurso do conhecimento na psicanálise, foram tantas descobertas teóricas nestes dois anos e sem sua ajuda e compreensão das minhas limitações jamais teria conseguido, muito obrigado por ter me guiado neste processo acadêmico.

A professora Dra. Maria Eneida Gurgel de Araújo e ao professor Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho, que também foram tão importantes neste meu percurso acadêmico, agradeço por vocês terem aceitado fazer parte na banca da qualificação, suas contribuições foram de extrema riqueza para o prosseguimento desta pesquisa.

A Dra. Maria Eneida Gurgel de Araújo e ao Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho por terem aceitado fazerem parte da banca de defesa, significou muito para mim, muito obrigado por tudo.

Agradeço a todos que de forma direta, ou indiretamente me ajudam a realizar este sonho.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as dimensões psicanalíticas do ódio e suas metástases socioculturais, focando particularmente no contexto da segregação no Sul dos Estados Unidos, conforme retratado na obra pertencente ao subgênero Gótico Sulista *To Kill a Mockingbird* de Harper Lee (1960). A análise inicia-se com a concepção de ódio na Grécia arcaica, traçando como a gênese e o papel desempenhado pelas Erínias, foram capazes de conceber uma das primeiras concepções do ódio através destas deusas, por elas estarem diretamente associadas a vingança e a justiça retributiva, em seguida amparados pela interpretação filosófica Aristotélica, traçaremos um paralelo entre a concepção mítica e filosófica desta emoção. Subsequentemente, mediante uma análise histórica da escravidão nos Estados Unidos, investigaremos como o ódio alimentou as estruturas capitalistas sulistas desde o período colonial perpassando pelo *Antebellum*, durante e pós guerra civil americana, e como o ódio racial se perpetuou depois da era da Reconstrução com as leis Jim Crow até os Movimento pelos Direitos Civis. Ademais, o estudo engaja-se com perspectivas psicanalíticas a partir das obras *Totem e Tabu*, *Psicologia das massas e análise do eu*, e *o Mal-estar na civilização* de Sigmund Freud, afim de tentarmos desvendar a origem e o desenvolvimento do ódio amparados no contexto da psicanálise para uma melhor compreensão de como este sentimento se expressou e se amplificou tanto individualmente quanto em grupos sociais de massas através do discurso, das injustiças e da hipocrisia da sociedade sulista americana dentro do contexto da obra prima de Harper Lee, onde o ódio e a injustiça compartilharam na ficção uma triste realidade contextualizada que pormenoriza a realidade dos afro-americanos antes da conquista dos seus direitos civis, além de desvendarmos como o ódio se metamorfoseou-se no preconceito e no ódio racial que atravessaram séculos, soma-se como ferramenta neste empreendimento às percepções do psiquiatra Frantz Fanon sobre preconceito e discriminação racial, como o ódio é gerado e perpetuado dentro do sistema colonial, as implicações emocionais e psicológicas relacionadas as injustiças e principalmente a alienação da identidade negra, bem como a desumanização inerentes ao colonialismo. A conclusão desta obra é um exame matizado dos temas de ódio, injustiça e preconceito em *To Kill a Mockingbird*, que oferece uma compreensão abrangente das raízes psicológicas da segregação e seu infame legado duradouro na sociedade americana.

Palavras-chave: ódio, segregação, justiça, preconceito racial, gótico sulista, psicanálise

ABSTRACT

This research investigates the psychoanalytic dimensions of hatred and its sociocultural metastases, focusing particularly on the context of segregation in the South of the United States, as depicted in the work that belongs to the *Southern Gothic* subgenre *To Kill a Mockingbird* by Harper Lee (1960). The analysis begins with the conception of hatred in archaic Greece, tracing how the genesis and role played by the Erinyes, were able to conceive one of the first conceptions of hatred through these goddesses, as they were directly associated with revenge and retributive justice, then supported by the interpretation Aristotelian philosophy, we will draw a parallel between the mythical and philosophical conception of this emotion. Subsequently, through a historical analysis of slavery in the United States, we will investigate how hatred fueled southern capitalist structures from the colonial period through the *Antebellum*, during and after the American Civil War, and how racial hatred was perpetuated after the Reconstruction era with the Jim Crow laws to the Civil Rights Movement. Furthermore, the study engages with psychoanalytic perspectives from Sigmund Freud's works '*Totem and Taboo*,' '*Group Psychology and the Analysis of the Ego*,' and '*Civilization and Its Discontents*,' in an attempt to unravel the origin and development of hatred in the context of psychoanalysis for a better understanding of how this feeling was expressed and amplified both individually and in mass social groups through the discourse, injustices and hypocrisy of American southern society within the context of Harper Lee's masterpiece, where hatred and injustice shared in fiction a sad contextualized reality that details the reality of African-Americans before the achievement of their civil rights, in addition to revealing how hatred metamorphosed into prejudice and racial hatred that spanned centuries, it adds up as tool in this endeavor to psychiatrist Frantz Fanon's perceptions about prejudice and racial discrimination, how hatred is generated and perpetuated within the colonial system, the emotional and psychological implications related to injustice and especially the alienation of black identity, as well as the dehumanization inherent to colonialism. The conclusion of this work is a nuanced examination of the themes of hatred, injustice, and prejudice in *To Kill a Mockingbird*, which offers a comprehensive understanding of the psychological roots of segregation and its infamous lasting legacy in American society.

Keywords: hate, segregation, justice, racial prejudice, southern gothic, psychoanalysis

FIGURAS

- Figura 01:** A castração de Urano, Giorgio Vasari e Cristofano Gherardi (c.1560).....20
- Figura 02:** O remorso de Orestes, William-Adolphe Bouguereau (1862).....22
- Figura 3:** Mapa dos Estados Unidos em 1861, McConnell's historical maps of the United States in the first year of the Civil War (1919).....35
- Figura 04:** O primeiro senador e representantes de cor no 41º e 42º Congresso dos Estados Unidos, (1872). Retrato de grupo de legisladores afro-americanos H. R. Revels, Benjamin S. Turner, Robert C. De Large, Josiah T. Walls, Jefferson H. Long, Joseph H. Rainey [Rainey] e R. Brown Elliot, Cortesia de LOC P&P.....41
- Figura 05:** Visita da Ku-Klux, (1872). Impressão de Frank Bellow. Harper's Weekly 16, nº. 791 (24 de fevereiro de 1872): 160, Cortesia de LOC P&P.....43
- Figura 06** – A União como era; A causa perdida, pior que a escravidão (1874). Membro da Liga Branca apertando a mão de Klansman sobre escudo ilustrando um casal afro-americano. Harper's Weekly 18, nº. 930 (24 de outubro de 1874): 878, Cortesia de LOC P&P.....44
- Figura 07** - The Freedmen's Bureau (1868), Impressão de Alfred R. Waud. Harper's Weekly (25 de julho de 1868): 473, Cortesia de LOC P&P.....46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPÍTULO I – A INTERTEXTUALIDADE DO ÓDIO: DA COSMOVISÃO GREGA À ECONOMIA SULISTA NORTE AMERICANA.....	15
1.1 Da teogonia à razão: Do surgimento das Erínias em Hesíodo à dessacralização do ódio por Aristóteles.....	15
1.2 Reverberações do ódio na economia sulista: Uma perspectiva da opressão.....	28
1.3 Paisagens do ódio: O surgimento do gótico sulista e seus elementos em <i>To Kill a Mockingbird</i>	49
2. CAPÍTULO II – ALÉM DA SUPERFÍCIE: DESVENDANDO O PRECONCEITO COMO MANIFESTAÇÃO DO ÓDIO.....	63
2.1 Teoria Freudiana acerca do ódio na formação do indivíduo.....	63
2.2 Da alienação nas relações sociais à fenda para o ódio na teoria social psiquiátrica de Frantz Fanon.....	79
2.3 Transmutação do ódio e suas manifestações na literatura sulista.....	90
3. CAPÍTULO III – COMO O CONTEXTO HISTÓRICO SE INFILTRA E REVERBERA O ÓDIO ENRAIZADO EM MAYCOMB.....	104
3.1 Maycomb uma cidade não tão fictícia assim: Um recorte da perversa alma sulista em <i>To Kill a Mockingbird</i>	104
3.2 A narrativa e seus personagens, como o ódio emerge e se dispersa simbolicamente através das tensões raciais e subjetivas.....	118
3.3 Atticus Finch e sua consciência ética de justiça contra o ódio abominável e irrestrito de seus pares.....	129
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144

INTRODUÇÃO

O ódio, sentimento que intrinsecamente permeia a essência humana e que, apesar de ser vivenciado com uma intensidade exacerbada ao longo de nossa efêmera existência terrena, frequentemente esquiva-se à nossa compreensão, camufla-se nas relações humanas, e se transborda nas injustiças, é algo inato que sempre esteve entre nós e que continuará entre nós, as vezes se revela nas nossas micro relações e se exaspera nas macro relações humanas, revelando-se através de conflitos, insurreições, holocaustos, guerras e nas mais diversas formas de destruição criadas por nossa espécie como armas biológicas, químicas, e bombas nucleares, e que ainda hoje nos causa espanto como questões relacionadas ao poder geopolítico manipulam as massas através do ódio, contudo, uma possível compreensão desse fenômeno emocional expandiu-se significativamente devido aos novos desdobramentos que surgiram a partir dos insights provenientes das análises de Sigmund Freud (1856-1939), eminente neurologista e psiquiatra austríaco, que em seus estudos pioneiros foi o responsável pela alvorada da psicanálise, ciência que se dedicou à investigação teórica da psique humana, distinta e independente das correntes convencionais da psicologia que ajudaram a elucidarem a fascinante coexistência de sentimentos, dentre os quais estão presentes o ódio e o amor, que à primeira vista, se apresentam antagonicamente em lados opostos, porém, inextricavelmente entrelaçados, são mutuamente indispensáveis no recôndito da psique humana. Esta coalescência de emoções aparentemente antagônicas, designada como ambivalência, não são meramente apenas normais, mas também são indissociáveis para o pleno desenvolvimento dos processos psíquicos, que são inerentes e indispensáveis à experiência emotiva e a evolução cognitiva de nosso ser e muitas vezes é expressado nas artes e na literatura.

Neste sentido, antes de iniciarmos nossa pesquisa, fizemos um levantamento da fortuna crítica de trabalhos acadêmicos que escolheram a obra de Lee, e encontramos apenas dois trabalhos de defesa para Mestrado, um de 2019 de Luiza Pitrez Gressler com o tema “It’s time you started bein’ a girl”: To Kill a Mockingbird, a Female Bildungsroman” que se detém mais no amadurecimento social, moral e psicológico da protagonista dentro da estética e dos padrões da formação da perspectiva feminina, este trabalho foi totalmente escrito em inglês. Em relação ao segundo trabalho que encontramos, possui o tema: “Os efeitos de sentidos de To Kill a Mockingbird no Brasil: Análise de uma nota de apresentação” de autoria de Laís Callegaro Fritzen de 2022 que se propôs a investigar as subjetividades e peculiaridades envoltas no processo de tradução desta obra para o público brasileiro, e a desestabilização dos sentidos realizados na nota de apresentação da obra com toda carga de valores criada pelo enunciador

em relação ao personagem Atticus Finch, esta dissertação está em escrita em língua portuguesa, falaremos um pouco mais sobre estes trabalhos na nossa conclusão.

O cerne da narrativa de "To Kill a Mockingbird", de Harper Lee (1960) desenrola uma trama intrincada que transita entre a inocência infantil e as sombrias realidades do preconceito racial e da injustiça social Sulista dos anos 1930. O protagonista, Atticus Finch, é um advogado cuja integridade e compromisso com a justiça o colocam em um percurso de colisão com os valores predatórios de sua comunidade ao defender Tom Robinson, um homem negro injustamente acusado de estuprar uma mulher branca. Esta decisão não somente catalisa o confronto entre Atticus e a comunidade racista, mas também serve como um catalisador para o sofrimento e amadurecimento de seus filhos, Scout e Jem, que são forçados a confrontarem o lado sombrio da alma humana desnudado pelo preconceito e pelo ódio, que permeia sua comunidade, um mal que infelizmente não se encontra apenas confinado na população da cidade fictícia de Maycomb, por ser um sintoma do reflexo de uma sociedade adoecida. A travessia narrativa de Lee (1960) não apenas expõe as fissuras morais de uma sociedade ancorada na segregação racial, mas também, e talvez mais crucialmente, revela o processo de desilusão e amadurecimento das crianças, que observam, processam e internalizam as injustiças presenciadas, emergindo com uma compreensão complexa da moralidade, ética e da condição humana.

A partir destas indagações nasceu este trabalho, que se inaugura neste capítulo introdutório, e que será estruturado em três capítulos centrais, mais suas considerações finais. No primeiro capítulo tentaremos compreender as primeiras influências literárias manifestadas pelo ódio que se originaram na Grécia antiga, como investida apropriada daquele tempo histórico para encontrar uma resposta pela religião a partir do impressões encontradas na teogonia, poema épico do período arcaico que expõe uma minuciosa explanação sobre a cosmologia e as primeiras impressões ambíguas sobre o surgimento do amor e do ódio, ambiguidade que estaria presente até nossos dias como expostas pela psicanálise, assim, faremos uma comparação da concepção interpretativa do ódio a partir do surgimento das Erínias e a sacralização do ódio através da vingança executada por elas conforme descrito no poema épico escrito por Hesíodo (2007) e a contraposição da concepção do ódio pela razão apresentada pelo filósofo grego Aristóteles, em seguida, abordaremos como o ódio foi usado como força motriz no sistema capitalista do sul dos Estados Unidos, esmiuçando os fatores históricos que propiciaram a aristocracia o uso do ódio como uma ferramenta de imposição que subjugou os afrodescendentes, elencaremos momentos históricos que identificam como este sentimento se camuflou sobre o véu do "ódio racial", produziu a segregação e o surgimento de diversas

injustiças, desigualdades sociais e a formação de castas que perduram até nossos dias, e por fim, concluiremos o primeiro capítulo recapitulando sobre o surgimento do subgênero “gótico sulista” que está intimamente vinculado à todo processo histórico de formação dos estados ligados aos cinturões de plantações, e que inevitavelmente concederam as condições para romances de grande importância na literatura norte americana como a obra de Nelle Harper Lee (1960) que se consagrou neste subgênero.

No capítulo dois, discutiremos possíveis relações sobre o ódio, e suas manifestações no domínio do inconsciente, a partir da extenso legado deixado por Freud, que nos apresentou uma nova perspectiva interpretativa não apenas acerca deste afeto e suas implicações, mas também na especulação teórica acerca das primeiras organizações primitivas da sociedade apresentadas em seu livro *Totem e Tabu* (1913), momento em que o homem primitivo se deparou com ambivalência de seu amor e ódio para destronar o pai primevo. O assassinato do pai primevo por consequência provavelmente deu origem a um dos primórdios complexos edípicos vinculadas a culpa coletiva como foram propostas pelo pai da psicanálise. Em seguida, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), examinaremos a natureza das massas e como os indivíduos perdem parte de sua individualidade ao se integrarem nestes grupos, conforme foi apontado por Freud (1921) que destacou a redução das inibições e o aumento da expressão de impulsos, como o ódio, em um ambiente de massa. Este fenômeno pode ser explicado através da identificação dos membros da massa uns com os outros e particularmente com a figura do líder, onde os indivíduos projetam seu ideal do ego. Assim, Verificaremos, a dualidade de amor e ódio dentro das massas, argumentando que ambos podem servir como forças unificadoras, seja por meio de uma adoração compartilhada ao líder ou por meio de um sentimento de ódio contra um inimigo comum. Este contraste é fundamental para entendermos as emoções coletivas e a sua dinâmica dentro das massas, além de analisarmos como o comportamento em massa pode ser compreendido através de mecanismos psicológicos tais como transferência, projeção e identificação, de modo que o ódio, possa ser especialmente direcionado a um inimigo externo, dentro desta configuração o ódio pode atuar como um elemento significativo de coesão social, unindo os indivíduos em um sentimento coletivo. Dessa forma, *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), proporciona uma análise aprofundada sobre como sentimentos intensos, como o ódio, são moldados e amplificados no contexto social e psicológico das massas, revelando a complexidade das emoções humanas e suas manifestações em grupos.

Ainda no 2º capítulo, abordaremos também o *Mal-Estar na Civilização* (1929), onde exploraremos como a tensão entre as necessidades instintivas humanas e as restrições impostas pela sociedade, podem estarem relacionadas ao desenvolvimento do ódio por causa da repressão

de impulsos agressivos que é exigida pela civilização, um processo necessário para a coexistência pacífica. No entanto, essa repressão pode resultar em frustração e raiva acumuladas, que, por sua vez, podem se manifestar como ódio, um subproduto da repressão social, onde os indivíduos, ao se sentirem oprimidos ou limitados pelas normas sociais, podem desenvolver sentimentos de hostilidade. Além disso, o conflito inerente entre os desejos individuais e as demandas sociais pode gerar sentimentos de insatisfação e ressentimento, potencializando a evolução desses sentimentos para o ódio. Assim, as consequências das estruturas hierárquicas e desigualdades da civilização, podem ou não fomentar sentimentos de inveja e percepções de injustiça, que alimentam desta forma o ódio contra indivíduos, grupos sociais ou a sociedade como um todo. Investigaremos como o ódio pode ser alimentado por uma sensação de desigualdade e tratamento injusto dentro de uma estrutura social. Em um sentido mais amplo, o ódio pode ser compreendido como uma reação às tensões e frustrações geradas pela vida em uma sociedade civilizada, onde as restrições à liberdade individual e os desafios impostos pelas normas rígidas podem levar a sentimentos de antagonismo e hostilidade, como uma resposta complexa à interação entre os impulsos humanos e as exigências da vida em sociedade.

Para finalizar o 2º capítulo, realizaremos uma análise aprofundada de como o ódio racial e as injustiças foram amplamente retratados e denunciados em dois clássicos da literatura norte-americana. Investigaremos o tema do ódio indiscriminado e do ódio racial impregnados em *as aventuras de Huckleberry Finn* de Mark Twain e *Absalão, Absalão* de William Faulkner, que em sua arte expuseram e condenaram o ódio irracional, os abusos, os crimes e as injustiças sofridas pelos afro-americanos no cenário sulista, apesar de serem obras ficcionais, elas infelizmente não estão tão restritas ao imaginário. Não por acaso escritores como Mark Twain, William Faulkner e Harper Lee, sentiram uma profunda necessidade de revisitarem o sul e seu passado infame, e utilizaram a arte literária para extirparem o fardo da causa perdida e seus fantasmas. Estas narrativas literárias não apenas refletem as experiências vivenciadas, mas também desempenham um papel indiscutível na formação da consciência coletiva e na influência das mudanças sociopolíticas para uma reparação necessária a cada afro-americano.

O 3º capítulo, servirá como ponto máximo da nossa dissertação, e abordará temas críticos e profundos relacionados ao ódio, o racismo, a ética e a (in)justiça, concentrando-se na obra *To Kill a Mockingbird* de Harper Lee. Primeiramente, exploramos a história e a narrativa do romance, faremos uma exposição da representação de Maycomb, uma cidade que, apesar de fictícia, reflete de maneira real e intrigante a realidade do Sul dos Estados Unidos dos anos 30 durante a grande depressão. Descreveremos os dolorosos acontecimentos que se desdobraram

sobre as vidas dos personagens em *To Kill a Mockingbird*. Posteriormente apresentaremos a simbologia empregada no romance e suas analogias com o ódio, este momento versará entre os acontecimentos dentro do romance e as teorias psicanalíticas apresentadas anteriormente, assim a lente da psicanálise servirá para compreendermos um pouco mais sobre como o ódio se manifesta através dos personagens. Por fim, concluiremos o capítulo com um exame detalhado sobre a ética de Atticus Finch, personagem central da obra que representa um contraponto moral à intolerância da sua comunidade. Sua concepção humanista e seus ensinamentos para seus filhos juntamente com seu posicionamento firme e íntegro pela vida e pela justiça, são o contraponto das tensões raciais e sociais estabelecidas por uma sociedade doente e racista, sua luta o tornaria posteriormente um símbolo de honestidade e coragem moral em um mundo hostil e preconceituoso.

CAPÍTULO I – A INTERTEXTUALIDADE DO ÓDIO: DA COSMOVISÃO GREGA À ECONOMIA SULISTA NORTE AMERICANA E SUA RESONÂNCIA LITERÁRIA

Delinearemos a seguir uma revisitação concisa sobre as concepções primordiais sobre o ódio que surgiram no berço da civilização ocidental, desde seu advento na mitologia até sua compreensão pela razão, para identificarmos como estas percepções chegaram até nós, explorando um recorte histórico desta época, e como estas elaborações acerca desta emoção detinham significativa relevância naquele período histórico na vida social. Em seguida, abordaremos cautelosamente sobre como o ódio encontrou solo fértil na América colonialista, se ressignificou através dos abusos e das injustiças provocadas pelo ódio racial que se disseminou através da produção capitalista no sul dos Estados Unidos, revelando-se em novas metamorfoses no âmago das relações da exploração do trabalho da mão de obra escrava, se reconfigurando em novos mecanismos que perpetuaram suas arbitrariedades nas castas oprimidas e que perduram através de gerações, através da instrumentalização do ódio decorrente do discurso ideológico com o objetivo da imutabilidade das perversas relações de exploração dos afrodescendentes e como isso se refletiu na arte literária sulista norte americana.

1.1 Da teogonia à razão: Do surgimento das Erínias em Hesíodo à dessacralização do ódio por Aristóteles

Uma das primeiras elaborações acerca do ódio possui uma relação estreita com a vingança, imortalizada pelo poema épico mitológico *Teogonia*, que foi escrito provavelmente

entre 750 e 650 a.C., por Hesíodo, poeta grego que viveu entre o século VIII ao século VII a. C., o poeta immortalizou com sua poesia a mitologia grega, que por sua vez permitiu para os estudiosos hoje uma leitura sobre o código moral, social, ético e religioso de sua época e que amparou a compreensão de nossa perspectiva do surgimento da concepção da justiça retributiva executada pelos gregos. Por esta razão, devemos regressar neste primeiro momento aos períodos mais remotos da historiografia da Grécia antiga, onde nos deparamos com a arte desenvolvida de narrar histórias, costume que foi essencial e preponderante para a conservação dos vestígios do pensamento deste período histórico. A tradição oral atravessou séculos e gerações até ser immortalizado pela escrita, e foi essencial para se preservar a memória de elementos narrativos das crenças que posteriormente se transformaram em expressões literárias através da poesia. Segundo Vernant (2009, p.51), “Hesíodo, no século VII, foi o primeiro a distinguir de modo claro e nítido, como notará Plutarco, as diferentes classes de seres divinos repartidos entre quatro grupos: deuses, demônios, heróis, mortos.” O poema hesiódico ganhou desta forma, notoriedade por sua riqueza narrativa, e possui imenso privilégio entre acadêmicos e pesquisadores por pormenorizar a cosmogonia, estabelecendo-se como uma fonte primordial que esclarece em sua descrição como o código moral e educativo era passado e reproduzido na sociedade naquele tempo através do panorama mitológico-religioso.

Candido (2012), ao refletir sobre a etiologia dos mitos e lendas, aponta para uma intersecção intrigante entre a realidade e a fantasia. Ele sugere que a geração de mitos, ao contrário de ser um mero exercício de imaginação desenfreada, está profundamente enraizada na tentativa humana de explicar e dar sentido ao mundo ao seu redor. Essa busca por explicação não se limita a um âmbito puramente científico ou factual; ela se estende ao reino da literatura e da arte, onde a imaginação fantástica ou poética desempenha um papel crucial. Nesse sentido, os mitos e lendas atuam como pontes entre o desejo humano de compreender a realidade e a capacidade de transcendê-la por meio da fantasia. Tal perspectiva ressalta a natureza etiológica dos mitos, servindo como narrativas figuradas que buscam explicar a origem e a essência do mundo físico e da sociedade.

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. Sabemos que um grande número de mitos, lendas e contos são etiológicos, isto é, são um modo figurado ou fictício de explicar o aparecimento e a razão de ser do mundo físico e da sociedade. Por isso há uma relação curiosa entre a imaginação explicativa, que é a do cientista, e a imaginação fantástica, ou ficcional, ou poética, que é a do artista e do escritor. Haveria pontos de contacto entre ambas? A resposta pode ser

uma especulação lateral no problema da função, que nos ocupa (Candido, 2012, p. 83).

Neste contexto, *Teogonia* não é apenas um inventário mitológico, mas sim uma manifestação do desejo humano por respostas, onde a imaginação ultrapassa os limites do conhecimento empírico para fornecer significado e ordem ao caos primordial. Assim, Hesíodo (2007), ao tecer sua narrativa, não somente captura a curiosidade e as inquietações de sua época, mas também ilustra a conexão intrínseca entre a oralidade anterior e o impulso criativo de sua narrativa poética, ambos movidos pelo mesmo anseio de desvendar e narrar a essência do mundo.

O poema Hesiódico estrutura-se em quatro gerações que condicionam e catalisam transformações significativas na ordem cósmica transmutadas pelo declínio e ascensão de cada linhagem. Burkert (1985) relaciona que estas transformações foram de acordo com o poema Hesiódico consequências diretas das vicissitudes que condicionaram as mudanças de poder regulatório que regiam o universo, particularmente ilustradas pelos atos de destronamento patriarcal, que levam a uma redefinição profunda do tecido cósmico. A violação parricida de Cronos¹, ocorre na segunda geração da linhagem dos deuses com a castração de Urano², delito que engendraria repercussões sem precedentes que ruíram a ordem cosmológica representada pela separação do Céu, que se apartou definitivamente da Terra.

In the Theogony he created a basic textbook of Greek religion. Here the powers of the universe and in particular the ruling gods are introduced in a meaningful and memorable context through the device of genealogy, begetting and giving birth. The gods are arranged in four generations; the second generation comes to power through a hideous deed, the castration of the Sky by Kronos³ (Burkert, 1985, p.49).

Burkert (1985) enfatiza que a estrutura genealógica da mitologia grega, atribuída ao poeta grego Hesíodo (2007), não só revela a linhagem e genealogia divina dos deuses, mas também apresenta os complexos conflitos e eventos que moldaram o universo, o que permitiu ao poeta estabelecer a religiosidade grega dentro da construção mítica. Ele destaca

¹ De acordo com a mitologia grega Cronos (Κρόνος) é o filho mais jovem de Urano, e Gaia, e se tornou líder da primeira geração de titãs, inaugurou e governou a era de ouro com o destronamento de seu pai.

² Urano, cujo nome em grego é Ουρανός (Ouranós), é a personificação do céu. Seu nome sugere a sua natureza como "aquele que cobre" ou "aquele que envolve", simbolizando sua ligação íntima e abrangente com o domínio celeste.

³ Na Teogonia ele criou um livro básico da religião grega. Aqui, os poderes do universo e, em particular, os deuses governantes são introduzidos num contexto significativo e memorável através do dispositivo da genealogia, da geração e do nascimento. Os deuses estão organizados em quatro gerações; a segunda geração chega ao poder através de um ato hediondo, a castração do Céu por Cronos. "tradução nossa"

especialmente como o ato horrível de Cronos conduziu à ascensão da segunda geração dos deuses, e os distúrbios deste ato que assolaria aos deuses e também o mundo humano.

Poderíamos correlacionar o surgimento do ódio como uma decorrência direta do desfecho relacionado aos descomedimentos executados no reinado de Urano que viabilizaram sua queda. O filho e esposo de Gaia⁴, foi destronado eventualmente por sua *hybris* a partir do seu vigor procriativo pujante e desenfreado, somado a sua arrogância e insolência por temer a possível usurpação de seu poder pelos seus descendentes, razão pela qual não permitia que seus filhos vissem a luz do dia, aprisionando-os no abismo do ventre de Gaia (Terra), em sua parte mais profunda chamada Tártaro. Neste aspecto, o desrespeito extremo do Titã não apenas contra seus filhos, mas também pelas leis naturais e a ordem do mundo, por impedir que novas forças emergissem e assumissem por sucessão seus lugares no cosmos (uma forma também de castração dos desígnios de sua prole) acabou levando a sua queda, pois instigou sua esposa, Gaia, que se atormentava e se amargurava ao ver sua descendência aprisionada, para que astuciosamente em sua aflição planejasse uma forma para libertá-los.

Depths more uncanny and disturbing are plumbed in the birth myth which Hesiod recounts. Ouranos, the sky, husband of Gaia, refused to allow his children to emerge into the light, and so, as Ouranos lay embracing Gaia, Kronos his son lopped off his father's genitals with a sickle and threw them backwards into the sea⁵ (Burkert, 1985, p.59).

O germen do ódio seria por assim dizer, o resultado e a consequência direta da façanha impetuosa de Cronos contra seu pai, Urano, uma violência física que demarcaria profundamente a ruptura nas relações familiares divinas, desencadeando um ciclo de vingança e conflito que permeou a mitologia grega. Entretanto, sem a *hybris* de Urano, não haveria seu destronamento que permitiu a ascensão de forças primordiais, que emergiram paradoxalmente por uma transgressão ocorrida na relação familiar divina que acabou por desestabilizar e substituir a relação de sucessão de poder.

Essa luta pelo poder sucessório encontrada na mitologia foi abordada por Freud (1921), que também identificou na figura de Hesíodo (2007) por ser o primeiro poeta épico, a criar mitos heroicos, sua grande habilidade em expressar suas fantasias individuais e coletivas de

⁴ Gaia, em grego (Γαία), é reverenciada na mitologia grega como a Mãe-Terra. Segundo Hesíodo (2007), Gaia, gerou sozinha Urano por desejar ter alguém que a envolvesse completamente.

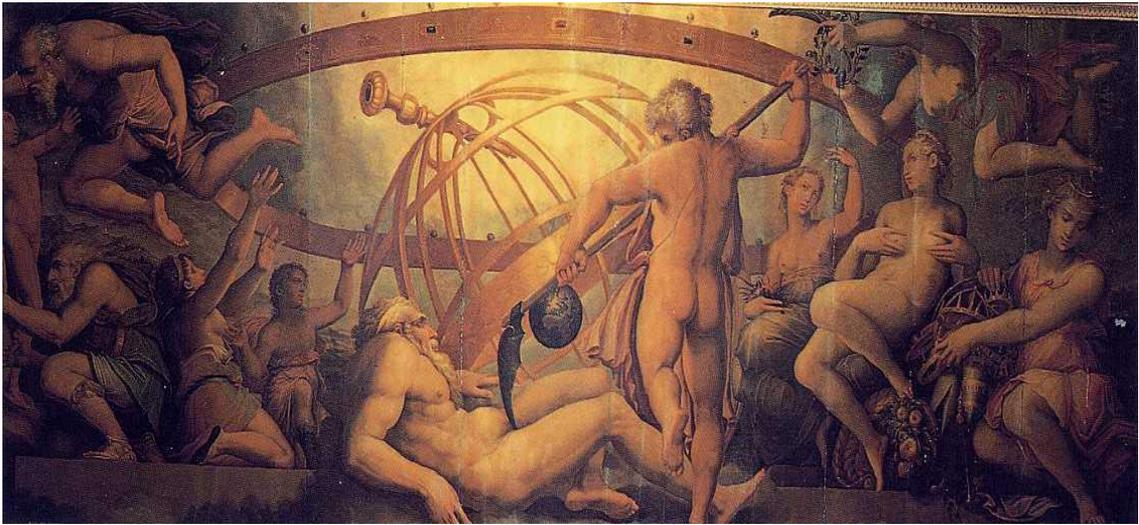
⁵ Profundezas mais estranhas e perturbadoras são investigadas no mito do nascimento narrado por Hesíodo (2007). Urano, o céu, marido de Gaia, recusou-se a permitir que seus filhos emergissem para a luz, e assim, enquanto Urano estava deitado abraçando Gaia, Cronos, seu filho, cortou os órgãos genitais de seu pai com uma foice e os jogou de volta no mar. “tradução nossa”

superação da figura paterna. Nesse processo, de acordo com o psicanalista, o poeta se identificou com o papel do pai, transmitindo uma nova realidade que refletiu seus desejos e anseios. O herói épico, que substitui o pai como ideal do Eu, e que é frequentemente ligado ao filho mais jovem, por este ser favorecido pela mãe, cuja relação com ela remonta à horda primordial. Uma transmutação figurativa do sucessor do pai. Essa narrativa mitológica também reflete a transformação da figura feminina, antes vista como prêmio e incitadora do assassinato, mas que agora está retratada como sedutora e instigadora da tragédia.

Por esse tempo a privação nostálgica pode ter levado um indivíduo a desligar-se do grupo e assumir o papel do pai. Quem realizou isso foi o primeiro poeta épico, o avanço ocorreu em sua fantasia. O poeta “transmentiu” - a realidade no sentido de seu anseio. Ele inventou o mito heroico. Herói era aquele que sozinho havia matado o pai, que no mito ainda aparecia como monstro totêmico. Assim como o pai fora o primeiro ideal do garoto, agora o poeta criava o primeiro ideal do Eu no herói que substituiria o pai. A ligação com o herói foi provavelmente fornecida pelo filho mais jovem, o favorito da mãe, o qual ela protegera do ciúme do pai, e que na época da horda primordial se tornara o sucessor do pai. Na mentirosa transfiguração do tempo primitivo, a mulher, que fora o prêmio e chamariz para o assassinato, tornou-se provavelmente a sedutora e instigadora do malfeito (Freud, [1921] 2010, p. 56).

O herói a quem Freud (1921) se remete diretamente é Cronos, que ao exercer sua autoridade, destrona Urano e ao fazê-lo supera seu progenitor na relação de poder, uma sublimação do mito que remonta a horda primeva em seu ciclo contínuo de rivalidade e sucessão e que na poesia hesiódica encontrou a superação dos obstáculos impostos pelo passado ancestral. Por hora, retomemos a lente filosófica e mitológica mencionada por Vernant (2003), que expõe como o reinado de Cronos inaugurou a era da idade de ouro para a primeira raça de homens, e sua progressiva degradação, neste período a primeira geração vivia sob condições idílicas, eles não precisavam trabalhar para sobreviver, eram imunes aos estragos da velhice e ao inevitável fim pela morte, em vez disso, eles entravam em um sono profundo no fim de sua existência, foi um momento de justiça e de equidade. No entanto, a ação de Cronos desencadeou consequências que ressignificaram o cosmo, através da reestruturação da ordem cosmológica que fez surgir o novo paradigma procriativo para deuses e mortais marcado pelo nascimento da divindade que regularia a sexualidade e a reprodução pelo acasalamento simbolizada por de Afrodite, cuja concepção e gênese, transcorreu no encontro do esperma em forma de espuma jorrada ao mar, no exato momento da mutilação do órgão genital de Urano (Hesíodo, 2007).

Figura 1 - A castração de Urano



Afresco por Giorgio Vasari e Cristofano Gherardi, c. 1560 (Sala di Cosimo I, Palazzo Vecchio)

Concomitantemente, logo após a extirpação se emergem no ato da castração outras entidades oriundas não pelo esperma, mas pelas gotas de sangue, que resultaria no surgimento de uma das primeiras divindades que seriam ao mesmo tempo temidas e odiadas tanto pelos homens quanto pelos deuses, as Erínias⁶, o surgimento destas entidades coercitivas garantiria e resguardaria a integridade e a manutenção da condução da vida no cosmo, com o propósito intrínseco de evitarem um retorno ao caos mediante transgressões. Elas seriam responsáveis por severos castigos contra homens ou deuses de formas implacáveis, as Erínias são alimentadas pelo rancor da destruição do arquétipo cósmico anterior, desta forma, o ódio seria desencadeado e direcionado como uma forma de justiça retributiva contra todos que cometessem qualquer delito de extrema violência, uma maneira de preservarem ou de tentarem restabelecer a ordem quando esta estivesse ameaçada por causa sobretudo de qualquer delito relativo ao derramamento de sangue, cuja as consequências desencadeadas poderiam levar tudo e todos novamente para o caos original.

Assim falou. Exultou nas entranhas Terra prodigiosa, colocou-o oculto em tocaia, pôs-lhe nas mãos a foice dentada e inculcou-lhe todo o ardil. Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra desejando amor sobrepairou e estendeu-se a tudo. Da tocaia o filho alcançou com a mão esquerda, com a destra pegou a prodigiosa foice longa e dentada. E do pai o pênis ceifou com ímpeto e lançou-o a esmo para trás. Mas nada inerte escapou da mão: Quantos salpicos respingaram sangüíneos a todos recebeu-os a Terra; com o girar do ano gerou as Erínias duras, os grandes Gigantes rútilos nas armas, com longas lanças nas mãos, e Ninfas chamadas Freixos sobre a terra infinita. O pênis, tão logo cortando-o com o aço atirou do continente no undoso mar, aí muito boiou

⁶ Erínias (Ἐρινύες) Na religião e mitologia da grega arcaica, as Erínias, eram divindades femininas com o papel primordial de preservarem a ordem do cosmo e prevenir o terror gerado pela desordem e pelo caos, mantendo, assim, o equilíbrio e a ordem no mundo humano e divino como guardiãs da justiça através da vingança.

na planície, ao redor branca espuma da imortal carne ejaculava-se, dela uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina atingiu, depois foi à circumfluída Chipre e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia apelidam homens e Deuses, porque da espuma criou-se e Citeréia porque tocou Citera, Cípria porque nasceu na undosa Chipre, e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz (Hesíodo, 2007, p. 111).

Não por acaso a gênese das Erínias está concatenada com o derramamento de sangue provenientes da extirpação genital de Urano, a origem destas entidades que emergiram a partir das gotículas sanguíneas que respingaram em Gaia, ocorreu durante o ato dramático em que Cronos decepa o pênis de seu pai, diante disso surge a incumbência destas entidades retributivas contra qualquer violação de normas e demarcações, e que engendrariam a personificação da vingança tão temida por qualquer infrator da ordem cósmica e da sociedade grega, elas não perdoariam os transgressores que ousassem violar o interdito. Sua perseguição implacável e inflexível se direciona impiedosamente sobre as desmedidas humanas e divinas para que desta forma, pudessem impedir o retorno ao caos e a desordem, o propósito destas entidades é evitar que a ordem seja perturbada, para isso amaldiçoariam fatalmente qualquer infrator, seu terror e ódio assim, se tornariam a garantia de que não haveria impunidade.

As gotas de sangue de seu membro viril mutilado que caíram no chão deram origem, algum tempo depois, às Erínias. São elas as forças primordiais cuja função essencial é guardar a recordação da afronta feita por um parente a outro, e de fazê-lo pagar, seja qual for o tempo necessário para isso. São divindades da vingança pelos crimes cometidos contra os consanguíneos. As Erínias representam o ódio, a recordação, a memória do erro e a exigência de que o crime seja castigado (Vernant, 2003, p. 25).

Se por um lado o desfecho do delito de Cronos possibilitou uma renovação da reprodução sexuada na representação da gênese do amor, por outro inevitavelmente, emerge uma ilustração elucidativa da preservação da ordem que concretizaria o significado do ódio perpetrado pela vingança, a representação das guardiãs da justiça, mantenedoras do equilíbrio e da ordem. A simbologia máxima das reparadoras de infrações, executoras divinas da vingança e do ódio por crimes hediondos, que jamais teria surgido sem o parricídio e a traição filial, por este motivo seus paradigmas estabeleceriam a interdição das ações violentas entre os deuses e também entre os homens, afim de imporem definitivamente um limite contra transgressões, e principalmente qualquer crime que envolva o sangue familiar.

Neste aspecto, a narrativa exposta em Hesíodo (2007) sobre a concepção e gênese de Afrodite e das Erínias poderiam remeter a um dos temas basilares da psicanálise, a ambivalência, coexistente na dualidade entre o amor e o ódio, a simbologia do esperma que se

remete ao gozo e do sangue que se remete a dor. Poderíamos relacionar neste sentido o gozo proporcionado pelo amor e a dor que é proporcionada pelo ódio.

São as gotas de sangue caídas do membro castrado de Urano que geram as forças da violência em toda extensão do mundo. Mas as coisas são mais complicadas, mais ambíguas. Entre as forças noturnas que investem o universo devido ao primeiro ato fundador que de um cosmo organizado - a mutilação de Urano - e as forças da harmonia, há uma espécie de ligação. De um lado as Erínias, os Gigantes e as Ninfas da guerra; do outro Afrodite (Vernant, 2003, p. 51).

Estas entidades divinas nascidas sincronicamente são forças balizadoras determinantes da procriação e da delimitação da ordem. Ainda neste aspecto as Erínias transcendem, a mera personificação de divindades da vingança ligadas à ira ou ao ódio indiscriminado; ao invés disso, posicionam-se como entidades que executam castigos para com aqueles que transgridam contra princípios morais fundamentais da sociedade e da justiça, atuando como instrumentos de punição, e representam neste aspecto uma manifestação do ódio divino contra quaisquer tipos de arbitrariedades, neste contexto, elas não devem ser vistas como um sentimento negativo, mas como uma força que busca restaurar a ordem preestabelecida quando perturbada ou infligida por transgressões graves, suas funções estão embasadas em concepções éticas profundamente enraizadas na preservação da nova ordem da cosmologia grega.

Figura 2 – O remorso de Orestes



William-Adolphe Bouguereau, 1862 Chrysler Collection, Norfolk

Precisamos delimitar para os leitores, que o propósito primordial dessas narrativas

mitológicas durante o período da Grécia arcaica, serviam para elucidar e fornecer explicações através da religião sobre uma série de questões intrínsecas à existência humana, tais como as origens das emoções e dos sentimentos, a proveniência e o início da vida, as conjecturas sobre a continuidade da existência após a morte, a procura pelo restabelecimento da harmonia estabelecida através da justiça contra litígios que causavam perplexidade na sociedade, e a busca por entendimentos que desvendassem os enigmáticos fenômenos naturais que circundavam o cotidiano e o destino da humanidade. Precisamos também, alertar aos leitores que não havia uma separação estrita entre as esferas da religião e a vida cívica em sociedade conforme apontado por Vernant (2009). As práticas religiosas estavam intrinsecamente entrelaçadas com todos os aspectos da vida cotidiana na Grécia Arcaica, desde o âmbito doméstico até o cívico. Em outras palavras, o divino e o a vida em sociedade coexistiam e permeavam os aspectos da vida grega, sem que a religião fosse considerada uma entidade isolada ou distinta das atividades familiares, profissionais, políticas ou de entretenimento. O conceito de "religião cívica" mencionado pelo autor reflete essa integração, onde o religioso está imbuído no social, a dimensão religiosa é uma presença constante e abrangente dentro da comunidade e da cultura grega como um todo.

Entre o religioso e o social, o doméstico e o cívico, portanto, não há oposição nem corte nítido, assim como entre sobrenatural e natural, divino e mundano. A religião grega não constitui um setor à parte, fechado em seus limites e superpondo-se à vida familiar, profissional, política ou de lazer, sem confundir-se com ela. Se é cabível falar, quanto à Grécia arcaica e clássica, de "religião cívica", é porque ali o religioso está incluído no social e, reciprocamente, o social, em todos os seus níveis e na diversidade dos seus aspectos, é penetrado de ponta a ponta pelo religioso (Vernant, 2009, p. 08).

Assim, essa integração entre o religioso e o cívico moldaram e perpetuaram códigos morais, éticos e comportamentais, neste aspecto, a simbologia inserida na relação do ódio como combustível na incumbência das Erínias para manter a ordem cosmológica, tornavam claros que a punição acometeria todos infratores, por estas entidades serem as devidas guardiãs da justiça retributiva na Grécia arcaica, por essa razão elas eram tão temidas na coletividade pelo corpo social, no entanto, este paradigma sofreria abalos a partir da razão que ocorreu com o surgimento da filosofia, uma das maiores contribuições para o conhecimento e a intelectualidade humana, o ódio assim, não perderia sua origem embrionária, mas sim enriqueceria sua definição e permitiria uma transformação significativa através dos questionamentos e interpretações racionais do mundo, neste aspecto abordaremos neste momento por ser imprescindível a relação do ódio, sob a lente filosófica.

Na perspectiva de Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), a respeito das reflexões sobre a

complexa temática do ódio, torna-se imperativo traçarmos considerações acerca de suas concepções primordiais que floresceram e que moldaram as diferenças conflitantes que parecem confundir-se entre o ódio e a cólera. Devemos lembrar que, a filosofia teve um papel fundamental na mudança da concepção do pensamento grego e posteriormente ocidental, foi através da filosofia que ocorreu uma transição que substituiu em sua trajetória uma consciência mítica por uma consciência filosófica alicerçada sobre a razão, que foi capaz de remodelar paradigmas a partir das respostas racionais e lógicas. Neste aspecto, a filosofia transicionou os dilemas essenciais ligados à existência humana como a interpretação da natureza, a valorização da ética e da estética, a evolução das esferas políticas, a contemplação artística, e também das emoções que regem os seres humanos, para um outro patamar, essa jornada foi fundamental para reconfigurar o arcabouço do pensamento ocidental, que formaram os alicerces primordiais do conhecimento crítico que chegaram até nós.

Dentro do aspecto filosófico, e conforme a concepção Aristotélica, o **ódio**⁷ se posiciona opostamente ao amor, e é geralmente direcionado a um determinado grupo ou classe social, odeia-se arquétipos, categorias, modelos e padrões, estas características foram alguns dos parâmetros estabelecidos por Aristóteles (2011) para se diferenciar o ódio da **cólera** ou de seu sinônimo **ira**, de acordo com o filósofo, a ira é provocada por pretextos particulares e pessoais. Para Aristóteles (2011), a ira na maioria das vezes é direcionada especificamente a um indivíduo, possui um tempo delimitado, um período finito que não se prolongará, desta maneira a ira possui uma origem e um fim determinado, logo a ira é algo fugaz e será efêmera, momentânea e passageira. O ódio por outro lado, não se dispersa com o tempo decorrido, é um sentimento perene sem perspectiva de mudança, é constante e permanente.

Tomaremos a oportunidade para esclarecer o termo de classificação de duas paixões convencionadas que foram estabelecidas por Aristóteles (2011), para o filósofo a inimizade está relacionada com a ira que apesar de parecer um sinónimo do ódio é paradoxalmente discrepante conforme podemos constatar na sua obra Retórica. Desta maneira a ira e o ódio se divergem para direções distintas uma da outra, o filósofo esclarece o propósito da ira seria claramente causar a dor e amargura àquele que de alguma forma lhe afetou, ou lhe magoou. O sujeito possuído pela cólera, ambiciona não apenas que a pessoa que despertou sua ira enxergue a magnitude opressora de seu afeto antagônico, desta maneira, o objeto a quem foi direcionado a ira precisa reconhecer e perceber a identidade daquele que se encontra imerso neste estado emocional adverso, a travessia da ira é acompanhada da dor que lhe consome, este sentimento

⁷ Ódio do grego antigo "misos" (μῖσος)

lhe causa sofrimento e indignação, e o faz padecer durante todo processo, e se porventura este vir a testemunhar os infortúnios de seu desafeitado, é passível de manifestar-se alguma inclinação misericordiosa que desperta sua empatia e proporciona uma parcela de compaixão, ao passo que, quem nutre o ódio tem como finalidade engendrar infortúnio e sua intenção é puramente proporcionar a devastação e a destruição sem se importar com o infeliz desventurado, quem odeia permanece indiferente todo tempo e não se sensibiliza pelo mal que causa, é totalmente apático e deseja realmente seu fim sem se afetar com a fatalidade e o desfortúnio, e sob nenhuma circunstância manifestará compaixão pelo outro, como podemos conferir:

Está claro que a inimizade e o ódio devem ser analisados tomando como referência os seus opostos. A inimizade pode ser produzida por cólera, descaso ou calúnia. Ora, enquanto a cólera surge de ofensas feitas contra nossa pessoa, a inimizade pode dispensar essas causas; de fato, podemos passar a odiar alguém simplesmente porque supomos que possui este ou aquele caráter. A cólera sempre se dirige a indivíduos, digamos Cálidas ou Sócrates, enquanto o ódio é dirigido também a classes de pessoas. Todos odeiam ladrões e delatores; por outro lado, a cólera é curada com o tempo, ao passo que o ódio é incurável. A cólera visa a causar sofrimento, ao passo que o ódio visa a causar dano, causar o mal. O indivíduo colérico deseja que a pessoa que é objeto de sua cólera sinta a opressão de seu sentimento hostil e que saiba quem é que experimenta essa cólera. Quem odeia não se importa com isso. Ora, o que produz sofrimento sempre afeta nossa sensibilidade, ao passo que os maiores males – a injustiça e a loucura – são os que menos a afetam; de fato, a presença do vício não nos provoca nenhum sofrimento. A cólera é acompanhada de dor, o ódio não, pois aquele que se encoleriza, se irrita, se indigna, sofre, mas quem odeia não. Por outro lado, o colérico, se presenciar os sofrimentos do seu desafeto, é suscetível de experimentar alguma compaixão; quanto a quem odeia, em hipótese alguma se compadecerá de alguém que em alguma oportunidade odiou – o que se explica pelo fato de que o primeiro quer que o responsável por sua cólera experimente a sua cota de sofrimento, enquanto o segundo quer a destruição de quem odeia (Aristóteles, 2011, p.106).

No contexto da filosofia aristotélica, a distinção entre o “**ódio**” e a “**cólera**” contrastou e categorizou as disparidades que em um primeiro momento possam aparentar existirem e se confundirem, mas que na verdade, possuem sentidos completamente distintos, são nítidos por sua duração, como também nas consequências sofridas, essa demarcação elucidativa provê uma introdução essencial à natureza destes afetos, que pavimentam nossa percepção.

As semelhanças e divergências decorridas a partir da lente mítica até a lente da razão, não se restringiram unicamente para o sentimento do ódio, de acordo com Vernant (1990) a civilização grega transitou seu pensamento alicerçado em mitos para uma sustentação edificada na razão, e rejeitou a ideia de um pensamento racional universal e imutável, sugerindo que tanto

o pensamento mítico quanto o racional podem assumir formas diferentes e ter lógicas distintas, no entanto, naturalmente em seu progresso civilizatório, a visão simbólica e mesclada com a mitologia aos poucos foram substituídas pelo pensamento amparado pela razão, caminho que consolidou a eliminação de conceitos ambíguos e que claramente discerne e distingue o mundo natural do sagrado.

No caso da Grécia, a evolução intelectual que vai de Hesíodo a Aristóteles pareceu-nos seguir, no essencial, duas orientações: em primeiro lugar, estabelece-se uma distinção clara entre o mundo da natureza, o mundo humano, o mundo das forças sagradas, sempre mais ou menos mescladas ou aproximadas pela imaginação mítica, que às vezes confunde esses diversos domínios, às vezes opera por deslize de um plano a um outro, às vezes estabelece entre todos os setores do real um jogo de correspondências sistemáticas. Em segundo lugar, o pensamento “racional” tende a eliminar essas noções polares e ambivalentes que representam no mito um papel importante; ele renuncia a utilizar as associações por contraste, a acasalar e unir os opostos a progredir por reviramentos sucessivos; em nome de um ideal de não-contradição e de univocidade, ele afasta todo modo de raciocínio que procede do ambíguo ou do equívoco (Vernant, 1990, p. 18).

Enquanto o pensamento mítico frequentemente mesclava ou confundia esses domínios, com o desenvolvimento do pensamento racional, houve uma separação mais nítida entre eles. Para Vernant (1990), o percurso que levou os gregos à razão, foi erigido pela a distinção clara entre o mundo natural, e espontaneamente a razão distanciou o mundo simbólico e ambíguo previamente estabelecido pelo mito, modificando também suas concepções. Assim, ao transpormos estas lentes estreitando esse mesmo caminho lógico em direção a concepção do ódio, perceberemos que sua concepção também sofreu e continua sofrendo mudanças, por não ser uma idealização conceitual imutável, e por estar em constante ampliação de seu significado, isso consequentemente acarretou uma maneira diferente de encarar, vivenciar e lidar com este sentimento através dos séculos.

Por fim, poderíamos traçar uma analogia irônica das semelhanças através da representação metafórica relacionadas as (in)justiças promovida pelas Erínias em suas atribuições, que de forma contundente difundiu o caráter violento e visceral do ódio, para preservar o cosmos no corpus mitológico, com a similitude da mesma forma como o ódio foi direcionado contra qualquer um que tentou mudar a ordem social vigente nos estados escravocratas antes, durante e também depois da guerra civil e com o surgimento das leis Jim Crow, neste ângulo poderíamos associar a função das Erínias ao aparato estatal e cultural representado pelas forças políticas erguidas no sistema capitalista do sul dos Estados Unidos, que reuniram-se em torno dos Estados Confederados, e que se opuseram contra qualquer mudança na ordem social que pudessem alterar o status quo das elites escravocratas, e suas leis

que se posicionaram contrárias a liberdade e ao direito civil da população afrodescendente. Inegavelmente todo aparato proporcionado pelo capital foi arquitetado para que garantissem a perpetuação de seus privilégios e posteriormente mesmo com o fim da escravidão, o controle deste aparato continuou sendo controlado pela sua influência contra os direitos civis, sabotando as garantias e suplantando através das leis Jim Crow toda conquista da população negra, um abuso hegemônico que propiciou o surgimento de castas sociais que transpassou gerações através do racismo.

Nesta perspectiva, a natureza brutal e inerente do ódio empregado no sistema Estatal e judiciário na região sul dos Estados Unidos contra os afro-americanos seria totalmente direcionado com o propósito de preservar o tecido social e suas castas, uma translação alegórica do mesmo conceito aplicado e estabelecido na teogonia, tal como concebido dentro da cosmogonia, que visava evitar o caos e preservar a ordem no universo. Desta forma, o ódio nesta analogia metafórica preservaria uma profunda conexão com a manutenção do tecido social no capitalismo sulista, impondo limites para prevenir o colapso causado pelo caos na queda do sistema escravocrata. Um elo permeado pelo sofrimento e ódio, imposto pela elite aristocrata sulista daquele período histórico, que delineou as duras consequências sociais e psicológicas sentidas mesmo após o fim da guerra de secessão. Nesta lógica, o ódio propulsor promovido nestas entidades mitológicas, para os gregos e a sua perseguição implacável, estariam presentes nas américas não pela concepção metamorfoseada da mitologia, mas por concepções fundadas e estruturadas pelas relações de exploração do capital que proporcionou a inferiorização do homem e introjetou o preconceito durante a formação econômica de acumulação. Nesta perspectiva, a elite latifundiária americana e sua ideologia se tornaram uma entidade poderosa que tentou destruir por mecanismos estatais concretos seus opositores, essa metáfora revela uma complexa forma de compreensão explorada pelos homens para suas mazelas que desafiam concepções simplistas, se para os gregos haveria uma interdependência entre o humano e o divino, o caos e a ordem, a justiça e a vingança, para os donos de terras seu poder de vida ou de morte contra os afro-americanos e de seus aliados mostrou a perversidade engendrada dentro do sistema capitalista que se apropriou do homem e o transformou em uma *commodity*.

Esta perspectiva ampla nos convida a considerar o ódio não apenas como um sentimento humano isolado, mas como algo inato da humanidade e incompreendida por ela, que desde tempos imemoriais seria atribuído erroneamente a forças exteriores universais, e os esforços para sua inibição no processo civilizacional não conseguiu conter por completo seu potencial para a destruição, este sentimento que antes fora atribuído para o restabelecimento do equilíbrio

nas esferas moral e social na Grécia arcaica, perdura até nossos dias, se reinventa e ganha novas concepções, neste sentido, as Erínias que constituíam em suas atribuições a sacralização do ódio, ao impor o terror e ao perseguir qualquer um que ousassem afrontar o interdito afim de perpetuarem a ordem estabelecida, permanecem ainda hoje afligindo com rancor e dor aos homens no entanto, estariam camufladas dentro de novas concepções culturais, sociais e religiosas.

Se no período da Grécia antiga a religião foi o cerne da construção mitológica que influenciou e demarcou o comportamento civil, dentro desta perspectiva, a simbologia do poder exercida na figura dos deuses gregos, sua origem e seus conflitos foram fundamentais na representação da ordem cósmica como modelo a ser seguido pelo corpo social, neste sentido a mitologia grega tornou-se indispensável para o condicionamento da mentalidade grega e foi decisiva para o surgimento embrionário do discernimento cognitivo sobre o sentimento de amor e do ódio. Dentro desta conjuntura, devemos retornar a relevância exercida pelo papel da religião, na execução do ódio, que continua preponderante e crucial ainda hoje na sociedade, não obstante a religião cristã foi manipulada para dar aval no processo de expansão territorial americano, tanto para a conquista das novas terras e aniquilação dos nativos indígenas como para escravizar o negro, na verdade a bíblia nunca amparou essas atrocidades humanas, no entanto a manipulação e deturpação da interpretação foi realizada e levada a cabo pelos colonos protestantes afim de ampararem seus interesses econômicos.

1.2 Reverberações do ódio na economia sulista: Uma perspectiva da opressão

Para que possamos compreender os desdobramentos que se sucedem na obra de Harper Lee em *To Kill a Mockingbird* (precisamos primeiramente realizar uma profunda análise das desigualdades que historicamente estão arraigadas na sociedade contemporânea dos Estados Unidos, que estão implícitas na obra. Neste aspecto, Wilkerson (2020) expõe a duradoura presença de uma estratificação social que, ao invés de se dissipar, se acentua ao perpetuar divisões e distinções socioeconômicas consideráveis da comunidade negra norte americana. A pesquisa de Wilkerson (2020), identifica que as estruturas hierárquicas continuam sustentadas por práticas institucionais que foram meticulosamente construídas para preservarem o status quo, e também para reforçarem o crescente abismo social que se estende através de gerações. Gerando um sistema de castas dentro dos Estado Unidos, uma estrutura quase imutável que perpetua desigualdades e incentiva um ciclo incessante de dominação e subordinação.

Conseqüentemente, sua pesquisa atesta que, contrariamente às percepções superficiais de avanço e às aspirações de uma sociedade mais justa, as dinâmicas de poder têm permanecido inabaladas, mantendo um sistema resistente que desafia continuamente os ideais de progresso e igualdade em relação aos afro-americanos. Partindo deste pressuposto, vamos nos debruçar brevemente na história da formação dos Estados Unidos e nas relações de trabalho que permitiram o arranjo social de castas observado por Wilkerson (2020), para isto começaremos a partir de um termo muito usado no território norte americano que demarca o sul, sua cultura e sua história, o “Deep South”⁸.

Dentro deste contexto geográfico e cultural dos Estados Unidos, o “Deep South”, é comumente associado aos estados do sul por compartilharem traços históricos marcantes, cuja subsistência econômica estavam fortemente arraigados na produção agrária, e que seria comumente identificada desde o fim da guerra civil até meados do século XX pelo resto do território americano conforme apontado por Davis, Gardner, Gardner, (2009), o “Deep South” são os estados da parcela sul do território norte americano, mais precisamente representados pela Carolina do Sul, Georgia, Flórida, Alabama, Mississippi e Louisiana, embora outros estados se somem a estes pouco antes da guerra de secessão, neste caso, o termo Deep South é amplamente empregado para identificar não somente a economia dos estados escravocratas que estavam mais atrelados ao cultivo de plantações de algodão, a relação social das castas formadas a partir da escravidão, como também outros fatores relacionados à religiosidade e costumes culturais, entretanto, é imprescindível salientar que existem múltiplas interpretações e delimitações para tal conceituação.

Precisamos salientar que há diversos nomes que identificam o Sul dos Estados Unidos entre historiadores e pesquisadores, dentre eles podemos destacar: “The Southern United States (O Sudeste dos Estados Unidos); Southern States (Estados do Sudeste); The American South (O Sul Americano); Southland (Terra sulina ou Terra do sul; Dixie ou Dixieland (Dixie ou Terra Dixie) ou simplesmente The South (O Sul)”, todos estes nomes se referem ao Deep South (O Sul Profundo), dentro de seu contexto historiográfico cultural que ajudaram a estratificar as condições tão divergentes desta região, onde Sul e Sudeste se mesclam tanto historicamente

⁸ “Deep South” (Sul Profundo), ou Lower South, é uma região distinta no sul dos Estados Unidos, caracterizada tanto por sua geografia quanto por sua cultura. Este termo inicialmente identificava estados cuja economia era dependente de plantações e da escravidão. Seguindo a Guerra Civil Americana de 1865, a área experimentou desafios econômicos significativos e tornou-se um foco de tensões raciais, particularmente durante a era da Reconstrução. Até 1945, a região era comumente associada aos “Estados do Algodão”. A evolução socioeconômica do Deep South foi notavelmente influenciada pelo movimento pelos direitos civis nas décadas de 1950 e 1960, um período que marcou a transição para o que é frequentemente denominado como o ‘New South’.

quanto geograficamente em sua economia agrária durante o período do *Antebellum* e também posteriormente durante as mudanças que ocorreram após a guerra civil, por esta razão sempre que usarmos as expressões Sul para se referirmos a mesma região mais conhecida como “Deep South”.

Segundo Davis, Gardner, Gardner (2009), as origens do sistema de castas no sul americano foram fortemente apoiadas e sustentadas nas relações humanas, a partir da disseminação de concepções claramente deturpadas pela desinformação, ideias equivocadas e distorcidas sobre as diferenças étnicas da cor. Esta construção ideológica sem fundamento, apenas baseadas em falsas concepções eram difundidas em amplas vertentes partindo de pseudociência, de visão religiosa distorcida e de costumes que semeavam o mais puro abominável preconceito, onde a intolerância e o ódio encontraram terreno férteis através de crenças e ideias erradas sustentadas ideologicamente para respaldar e dar sustentação ao conflituoso funcionamento capitalista sulista. Estes pesquisadores também identificaram como um forte discurso amparado na religião teve um papel de massificação para tentar tornar a escravidão menos abominável para seus perpetradores, este discurso simplesmente se apresentava como um credo sagrado sulista que relegava como um direito determinado e destinado aos brancos, sobre as diferenças de raças e o jugo imposto a cada etnia e seu destino era simplesmente a vontade de Deus, e desta forma não haveria nada que se pudesse fazer. Havia neste discurso uma forma de consolidar nas massas um senso comum convergente para a complacência e um forte apelo pela conformidade das coisas, uma forma de perpetuar o mal e evitar mudanças, para que se aceitassem as coisas da forma como elas são. Todos estes discursos de concepções erradas reforçavam a necessidade da continuação das desigualdades que beneficiavam os detentores das terras, onde toda prosperidade e riqueza produzida naquele meio de produção se justificava por ser apenas a vontade divina, não importando a estes ditos cristãos o custo imoral e desumano de toda dor proporcionada pela escravidão.

Desta forma Davis, Gardner, Gardner (2009), esclarecem que a construção do mito da superioridade branca no Deep South dos Estados Unidos foi um processo deliberado e insidioso, que se fundamentava em uma série de noções falaciosas destinadas a perpetuar um sistema de opressão e de ódio racial. Essas ideologias eram difundidas através de uma retórica que sistematicamente procurava denegrir e diminuir a figura do homem negro, em um esforço para manipular e desfigurar sua humanidade. Através de uma associação caluniosa com a impureza e a tentativa de erradicação de qualquer característica que os identificasse como seres humanos, buscava-se rebaixá-los à condição de animais desprovidos de alma. Este artifício retórico tinha como objetivo central justificar as atrocidades cometidas contra homens, mulheres e crianças

de cor, pois ao despojá-los de sua humanidade, procurava-se extinguir qualquer resquício de remorso ou culpa pelo ódio e pela violência destilados contra os escravizados. Desse modo, a desumanização do homem negro servia como um mecanismo de defesa psicológica para os opressores, permitindo-lhes perpetrar e manter o sistema escravagista sem enfrentar as implicações morais de seus atos.

“Inherent inferiority,” – The subordinate position of the Negroes is generally interpreted by the whites as being due to inherent differences by the two groups. Thus, to the whites, the subordination of the Negro is not merely a characteristic of the social structure, which might conceivably be subject to change, but is based upon immutable factors, inevitable and everlasting. To them is a lower form of organism, biologically more primitive, mentally inferior, and emotionally undeveloped. He is insensitive to pain, incapable of learning, and animal-like in his behavior. The belief in organic inferiority of the negro reaches its strongest expression in the common assertion that Negroes are “unclean.” In spite of their widespread use as nurses and servants, there remains a strong feeling that the color of the Negroes is abhorrent and that contact with them may be contaminating⁹ (Davis; Gardner; Gardner, 2009, p. 15).

A perpetuação do discurso de supremacia branca não era um fenômeno restrito à pequena elite dominante, mas encontrava ressonância e suporte nas demais camadas sociais, incluindo indivíduos detentores de maior capital cultural que possuíam um grau considerável de educação formal e que haviam sido educados em prestigiadas universidades. Esta realidade é ilustrada emblematicamente pelo discurso de um médico educado, que advogava fervorosamente pela supremacia caucasiana. Em suas declarações, é possível discernir uma forte carga apelativa à religião, utilizada como instrumento para legitimar a exploração das diferentes etnias, suas palavras tentam validar em uma simplória argumentação a justificativa herdada das desigualdades que seriam supostamente predestinadas como se fossem decretos divinos, inerentes à ordem social. Esta estratégia envolvendo o sagrado servia, assim, como um mecanismo de justificação ideológica que endossava e mantinha as desigualdades raciais como uma hierarquia natural e imutável, profundamente arraigada nas fundações da sociedade da época conforme foram apontadas por Davis, Gardner, Gardner (2009).

⁹ “Inferioridade inerente” – A posição subordinada dos negros é geralmente interpretada pelos brancos como sendo devida a diferenças inerentes aos dois grupos. Assim, para os brancos, a subordinação do negro não é apenas uma característica da estrutura social, que pode concebivelmente estar sujeita a mudanças, mas baseia-se em factores imutáveis, inevitáveis e permanentes. Para eles é uma forma inferior de organismo, biologicamente mais primitivo, mentalmente inferior e emocionalmente subdesenvolvido. Ele é insensível à dor, incapaz de aprender e tem comportamento animalesco. A crença na inferioridade orgânica do negro atinge a sua expressão mais forte na afirmação comum de que os negros são “impuros”. Apesar da sua utilização generalizada como enfermeiras e criadas, permanece um forte sentimento de que a cor dos negros é abominável e que o contacto com eles pode ser contaminante. “tradução nossa”

The way I look at it is this way: God didn't put the different races here to all mix and mingle so you wouldn't know them apart. He put them here as separate races and He meant for them to stay that way. I don't say He put the Caucasians here to rule the world or anything like that. I don't say He put them here to be superior race; but since they have superior intellect and intelligence, I don't think God would want them to mingle with inferior races and lose that superiority. You know the Negro race is inferior mentally, everyone knows that, and I don't think God meant for a superior race like the whites to blend with an inferior race and become mediocre. I think God put all different races for a purpose, the Negro, and the Indian and the Chinese, and all of them, and He didn't mean them to mix. I think I am right in saying that, and my attitude is Christian-like¹⁰ (Davis; Gardner; Gardner, 2009, p. 16).

Esta construção ideológica manipulada para sustentar e defender a instituição da escravidão no sul dos Estados Unidos, seria apenas mais uma peça acerca das interpretações distorcidas do cristianismo anglo saxão sobre seu direito em detrimento de outros povos, elas remontam ao início das migrações com destino ao Novo Mundo, conforme foi apontado por Karnal et al (2007), que identificou algumas das primeiras interpretações de preceitos bíblicos distorcidos pelo fanatismo religioso, ocorrida através da imigração de vários protestantes, desde a época que remonta o início da formação das 13 colônias britânicas. De acordo com Karnal *et al* (2007), estas primeiras interpretações bíblicas dos peregrinos e puritanos aconteceram como uma forma deles lidarem com as frustrações, as decepções e até do padecimento de muitos que não sobreviveram na empreitada de uma nova vida na América do Norte, onde as duras condições climáticas, os confrontos com os povos nativos, a fome e outros fatores dizimaram muitos deles. Os líderes religiosos protestantes da época estabeleceram uma forte conexão entre suas próprias experiências e sofrimentos e as passagens das narrativas bíblicas, apresentando seus sermões como inquestionáveis verdades. Eles incitavam a fé de seus seguidores, persuadindo-os a acreditar na existência da "terra prometida que emana leite e mel". Apontando similaridades entre os peregrinos, puritanos e outros grupos religiosos com o "povo escolhido" descrito nas Escrituras. Além disso, em seus discursos ideológicos, esses líderes sustentavam a noção de que era direito divino desses "escolhidos" apropriarem-se das terras habitadas pelos

¹⁰ A maneira como vejo as coisas é desta forma: Deus não colocou as diferentes raças aqui para se misturarem e se misturarem, de modo que você não as conhecesse separadamente. Ele os colocou aqui como raças separadas e pretendia que elas permanecessem assim. Não digo que Ele colocou os caucasianos aqui para governar o mundo ou algo assim. Não digo que Ele os colocou aqui para serem uma raça superior; mas como eles têm intelecto e inteligência superiores, não creio que Deus iria querer que eles se misturassem com raças inferiores e perdessem essa superioridade. Você sabe que a raça negra é mentalmente inferior, todo mundo sabe disso, e não acho que Deus quis que uma raça superior como os brancos se misturasse com uma raça inferior e se tornasse medíocre. Acho que Deus colocou todas as diferentes raças com um propósito, o negro, o indiano e o chinês, e todos eles, e Ele não queria que eles se misturassem. Acho que estou certo ao dizer isso, e minha atitude é cristã. "tradução nossa"

povos indígenas, justificando assim a expansão territorial e a subjugação desses povos nativos, algo que posteriormente foi readaptado ao contexto de exploração dos afrodescendentes.

A ocupação das terras indígenas por parte dos colonos baseava-se em argumentos de ordem teológica. Os peregrinos haviam se identificado com o povo eleito que Deus conduzia a uma terra prometida. Tal como Deus dera força a Josué (na *Bíblia*) para expulsar os habitantes da terra prometida, eles acreditavam no seu direito de expulsar os que habitavam a sua Canaã. John Cotton, pastor puritano, fez vários sermões nos quais destacou a semelhança entre a nação inglesa e a luta pela terra prometida descrita no Antigo Testamento (Karnal *et al.*, 2009, p. 59).

Precisamos delimitar que a escravidão originalmente, foi amplamente usada nas 13 colônias e defendida pelos puritanos, a mudança de posicionamento apenas se deu conforme a consolidação da industrialização do norte. Seguindo esta perspectiva Karnal et al. (2007), ao se debruçar na historicidade das treze colônias originais que formaram o embrião dos Estados Unidos, discerne que a partir da evolução econômica das duas regiões distintas, se instauram engrenagens caracterizadas por disparidades socioeconômicas e culturais notáveis que em pouco tempo entrariam em rota de colisão. Ao Norte, as colônias exibiam uma paisagem marcada pela presença de pequenas propriedades, a predominância do trabalho livre e o desenvolvimento a todo vapor de atividades manufatureiras que se ampliariam, redesenhando o modelo capitalista de produção industrial. Este cenário se complementava com um mercado interno em ascensão e a operacionalização do comércio triangular¹¹. Em contrapartida, as colônias do Sul eram dominadas pelos vastos latifúndios, com uma economia orientada majoritariamente à exportação e um sistema calcado na servidão e na escravização, que teceriam as desigualdades germinadas nas castas descritas por Wilkerson (2020), mas não as únicas. Além disso, o Sul eram notoriamente deficientes no que tange ao setor manufatureiro e sua economia estaria atrelada a demanda de acordo com a exportação. Tais divergências entre essas duas regiões, arraigadas na tessitura sócio-histórica dessas colônias, desempenharam papéis cruciais tanto na conjuntura que levariam ao confronto da América colonial contra a Inglaterra, gerando conflitos armados que resultariam na Independência das treze colônias, quanto posteriormente nas causas e desdobramentos que levariam a conveniência das elites do nordeste industrializado a se esbarrarem, contra os interesses das elites do sul que culminariam com o maior conflito civil armado da história norte americana, a guerra de secessão e suas indelévels consequências.

¹¹ O comércio triangular – Conjunto de relações comerciais, gerido entre nações europeias e suas colônias. Ocorreu durante a segunda metade do século XVI até o século XVIII, e se caracterizou-se por envolver a Europa, África e Américas na troca de manufaturas, metais preciosos, diamantes, produtos agrícolas e especificamente escravos.

Ao se aprofundarem sobre a eleição de Abraham Lincoln¹² em 1860, Grant; Reid, (2010), identificam que as ideias do candidato do Partido Republicano e sua firme oposição à expansão da escravidão, catalisaram uma profunda divisão ideológica das elites dos Estados Unidos, evidenciando o impulso para uma economia nacional progressista e diversificada. Esta eleição desencadeou uma resistência acirrada da aristocracia sulista, que estava determinada a manter tanto seu poder político quanto o sistema escravagista. A recusa do Sul em aceitar a nova direção política precipitou a Guerra Civil Americana, um conflito que deixou marcas indeléveis e gerou um ressentimento duradouro do Sul contra o Norte, especialmente em relação ao fim da escravidão que reconfiguraria a economia sulista. O movimento de secessão já era esperado pela aristocracia sulista, a medida que seus interesses entrava em declínio com a perda significativa de sua hegemonia política naquele momento histórico, e por não poder conseguir deter as transformações dos rumos da economia, produção e comércio progressistas dos Estados Unidos, estes pontos conflitantes se estendiam bem antes da eleição de Lincoln, até que ocorreu a promulgação da Confederação em fevereiro de 1861, liderado por Jefferson Davis¹³, um rico proprietário de plantações algodoeiras do Mississippi e uma figura proeminente na liderança política do Sul, que teve uma influência decisiva no processo de secessão. Articulando uma defesa vigorosa dos direitos sulistas e da preservação da escravidão e de seu direito de posse e propriedade, tentou sob proteção federal argumentar para evitar o fim da escravidão proposto pelo norte encabeçada pela eleição de Lincoln, porém, Davis sustentou a prerrogativa da soberania estadual e da paridade entre os estados. Percebendo a ascensão do sentimento antiescravagista como uma ameaça existencial à instituição da propriedade sulista, ele advogou por uma resposta coordenada e estratégica frente à eleição de Abraham Lincoln que buscava um país livre com a extinção do modelo escravagista.

Em direção oposta com as aspirações do Norte, Jefferson Davis buscou por apoio de lideranças para uma resposta diante do potencial coação federal, que recairia sobre os estados que se separassem, se preparando e articulando com líderes sulistas. Entre dezembro de 1860 e fevereiro de 1861, sete estados do Sul, sendo eles: Carolina do Sul, Mississippi, Alabama, Flórida, Geórgia, Louisiana e Texas, declararam secessão da União. Em 9 de fevereiro de 1861,

¹² Abraham Lincoln (1809 – 1965), era um advogado, político e estadista, foi 16º presidente dos Estados Unidos, seu governo se iniciou em 04 de março de 1861 até sua morte em 15 de abril de 1865, após sofrer um atentado contra sua vida um dia anterior. Ele liderou o país durante a Guerra Civil Americana, defendeu a nação como uma união constitucional, derrotou a Confederação insurgente, e desempenhou um papel importante na abolição da escravidão, expandindo o poder do governo federal e modernizou a economia dos EUA.

¹³ Jefferson F. Davis (1808 - 1889) foi um político americano, ele se tornou tanto o primeiro quanto o único presidente dos Estados Confederados de 1861 a 1865.

dos sulistas em relação aos valores defendidos e promovidos pelo Norte, especialmente quando se referiam a respeito da liberdade, que era percebida de forma distorcida e corrompida pelos seus contemporâneos no Sul, abriram caminho para a deflagração da Guerra Civil Americana, que se tornou inevitável e que eclodiu em 12 de abril de 1861, com a batalha do forte Sumter na Carolina do Sul próximo de Charleston, se estendeu até 26 de maio de 1865. Considerada como a primeira guerra da modernidade, ela entraria para a história americana pela oposição antagônica entre ideologias distintas que guiariam o país em relação ao modo de trabalho e à escravidão. Durante este sangrento conflito, tanto o Norte quanto o Sul partilhavam inicialmente de um certo otimismo, de que haveria uma vitória rápida e sem grandes distúrbios econômicos. Contudo, ao contrário de qualquer previsão e de todas as expectativas iniciais, a guerra se arrastou por quatro longos anos, abalando profundamente as estruturas econômicas de ambos os contendores. Os Estados Confederados, em particular, enfrentaram as consequências mais severas, sentiram os maiores impactos, acumulando perdas significativas tanto no campo militar quanto no econômico. Uma circunstância notável e irônica foi a consideração, por parte do Sul e cogitada pelo próprio presidente, da ideia de armar seus escravos para lutarem contra o Norte que estava determinado em acabar com a escravidão, libertando-os conseqüentemente de seus donos e do próprio sistema opressor escravagista. Uma medida repleta de paradoxos, e cogitada pela própria elite confederada, que havia rompido laços com a União, justamente por causa do tema central do abolicionismo e por não aceitarem perderem o direito de propriedade sobre os afro-americanos, que eram vistos como meros instrumentos de produção, uma *commodity* essencial, dos seus meios de produção (Grant; Reid, 2010).

the deepest irony of all, to consider abandoning slavery itself. In November, 1864, faced with an acute manpower shortage reflective both of declining popular enthusiasm for the war and of the tremendous human losses suffered by the Confederacy's armies, President Davis called for "a radical modification in the theory of the law" regarding black slavery and contemplated arming the South's servile population in order to resist the Northern troops who were attempting to set them free¹⁶ (Grant; Reid, 2010, p. 162).

Os pesquisadores Grant; Reid, (2010), esclarecem ainda que a contradição na concessão

¹⁶ A mais profunda ironia de todas, considerar o abandono da própria escravatura. Em Novembro de 1864, confrontado com uma grave escassez de mão-de-obra, reflectindo tanto o declínio do entusiasmo popular pela guerra como as tremendas perdas humanas sofridas pelos exércitos da Confederação, o Presidente Davis apelou a "uma modificação radical na teoria da lei" no que respeita à escravidão negra e contemplou armar a população servil do Sul, a fim de resistir às tropas do Norte que tentavam libertá-los. "tradução nossa"

de armas aos indivíduos historicamente privados de liberdade sublinha o paradoxo que assolava os Estados Confederados desde o seu início. A fundação desses estados havia sido calcada na defesa de uma ideologia falseada pela “liberdade” interpretada pela aristocracia sulista, dentro de uma produção obsoleta e retrograda sustentada pela estratificação social de castas distintas pela raça, classe e poder. No entanto, o fardo desta estrutura começou a desmoronar em face das exigências do conflito crescente. O que antes do término da guerra era impensável, viria evidenciar o extremo desespero dos Estados Confederados da América, que estavam assombrados pela escassez de tropas, além deles terem alcançado um momento crítico em que suas práticas e crenças ideológicas foram desafiadas e postas à prova pela urgência da necessidade iminente de sobrevivência.

When both sides went to war, they expected it to be of short duration and foresaw little economic disruption. Both predictions proved hopelessly wrong. Every significant feature of the Union and Confederate economies was touched by the four years of bitter conflict. This was particularly true of the South, which was driven by economic as well as military necessity to employ ever more drastic measures and even to consider the arming of its slave population, an idea which would have astounded every white southerner a few years earlier. Indeed, for the Confederacy the war years were ones of increasingly severe economic dislocation and, for the overwhelming majority of its white citizens, of unwontedly severe hardship¹⁷ (Grant; Reid, 2010, p. 171).

Outro aspecto importante para destacarmos durante a guerra civil segundo Grant, Reid, (2010), foi a importância crucial que merece destaque, em relação a participação dos soldados negros livres que serviram pelo lado da União durante o conflito. Eles lutavam por um ideal, a inspiração heroica destes povos na dinâmica e nas aspirações das populações afro-americanas, tanto do Nordeste que propagavam as ideias de um mundo livre sem a escravidão, quanto o desejo de transformarem seu país em uma nação justa e sem desigualdades. Estes grupos, impulsionados por um intenso anseio por liberdade, almejavam não apenas a sua própria emancipação, mas também se dedicavam fervorosamente à libertação de seus irmãos nos estados escravocratas. Neste cenário, o papel desempenhado pelos soldados afro-americanos foi não apenas crucial, mas podemos argumentar que foi decisivo para o desfecho do conflito.

¹⁷ Quando ambos os lados entraram em guerra, esperavam que fosse de curta duração e previam poucas perturbações econômicas. Ambas as previsões se revelaram irremediavelmente erradas. Todas as características significativas das economias da União e da Confederação foram afetadas pelos quatro anos de conflito feroz. Isto era particularmente verdadeiro no Sul, que foi levado pela necessidade econômica e militar a empregar medidas cada vez mais drásticas e até a considerar o armamento da sua população escrava, uma ideia que teria surpreendido todos os sulistas brancos alguns anos antes. Na verdade, para a Confederação, os anos de guerra foram de perturbações econômicas cada vez mais graves e, para a esmagadora maioria dos seus cidadãos brancos, de dificuldades invulgarmente severas. “tradução nossa”

Estes soldados, imbuídos de um espírito heroico e patriótico, lutaram com notável bravura nos regimentos da União, enfrentaram diretamente o sistema opressor que causou imensa dor e sofrimento a seus ancestrais e contemporâneos. Apesar da significância indiscutível de suas contribuições, é lamentável constatar que, ainda hoje, a memória e o reconhecimento destes soldados afro-americanos permanecem marginalizados na narrativa histórica. Sua luta não foi apenas um combate militar, mas também um ato de resistência contra as profundas injustiças e um passo fundamental na longa jornada em busca de igualdade racial. Assim, a participação destes soldados na Guerra Civil Americana simboliza um capítulo vital, ainda que frequentemente subestimado, na história da luta pelos direitos civis e pela igualdade nos Estados Unidos.

it remains the case that the black soldier is still not regarded as a central figure of that conflict. This is in some ways unusual, given that the American Civil War became a war for liberation, for emancipation, for freedom, and for a Union in which slavery had no place. From another angle, however, it is not unusual at all. There is, after all, more than one kind of freedom. The paradox of the African-American soldier lies in the fact that he was fighting not simply for freedom from slavery for his own race during the Civil War but for a much broader and more demanding kind of freedom; freedom not just for a race but for a nation¹⁸ (Grant, Reid, 2010, p. 186).

Por este ângulo, a luta enfrentada pelos bravos soldados negros, transcende a mera luta armada, revelando-se como um campo de batalha ideológico e emancipatório, especialmente significativo para os afrodescendentes, tradicionalmente concebida como um conflito armado pela unificação e pela abolição da escravidão, revela-se através da participação dos homens negros uma complexidade maior ao considerarmos as nuances de liberdade que estavam em jogo. Essa guerra, que se desenvolveu entre 1861 e 1865, emergiu não somente como um campo de batalha para a emancipação dos escravizados, mas também como um palco onde se debatia a natureza da liberdade em uma sociedade pós-escravagista. Nessa perspectiva, o papel do soldado afro-americano assume uma dimensão paradoxal, ele não estava apenas engajado na luta para libertar indivíduos de sua própria etnia dos grilhões da servidão, mas também empenhado na conquista de uma liberdade mais abrangente e profunda. Os desafios enfrentados por esses soldados estavam muito além da abolição legal da escravidão; era um combate pela

¹⁸ Permanece o caso de que o soldado negro ainda não é considerado uma figura central desse conflito. Isto é, de certa forma, incomum, dado que a Guerra Civil Americana se tornou uma guerra pela libertação, pela emancipação, pela liberdade e por uma União na qual a escravatura não tinha lugar. De outro ângulo, porém, não é nada incomum. Afinal, existe mais de um tipo de liberdade. O paradoxo do soldado afro-americano reside no fato de ele ter lutado não apenas pela libertação da sua própria raça da escravatura durante a Guerra Civil, mas por um tipo de liberdade muito mais amplo e exigente; liberdade não apenas para uma raça, mas para uma nação. “tradução nossa”

redefinição da cidadania e pela inclusão de sua raça nos ideais de liberdade e igualdade que a nação aspirava. A participação dos afro-americanos no conflito, portanto, refletiu uma visão otimista e ampliou a luta por uma nação na qual a liberdade e a igualdade não fossem apenas promessas, mas realidades vivenciadas por todos os seus cidadãos (Grant; Reid, 2010).

Ultimately, the problem facing both African-American soldiers and their noncombatant spokesmen in the North was that their vision of the meaning of the Civil War clashed with that of the majority of whites. For blacks, the Civil War offered an opportunity not just to end slavery, but to redefine American national ideals. Their determination to fight in the face of hostility and prejudice left their dedication to these national ideals in no doubt whatsoever. In this regard, African-Americans during the Civil War had a far more expansive, optimistic, and demanding vision of the nation's future than many whites did. They had proved themselves to be "patriot soldiers" to a far greater extent than some whites. As George Stephens noted only a few months after Fort Sumter fell, "this land must be consecrated to freedom, and we are to-day the only class of people in the country who are earnestly on the side of freedom."¹⁹ (Grant; Reid, 2010, p. 200)

A vitória da União conquistada com o fim da Guerra Civil Americana não apenas selou a integridade territorial dos Estados Unidos, mas também catalisou um dos mais cruciais períodos de transição socioeconômicos e políticos na nação, a Era da Reconstrução. Este momento tão impar se iniciou ainda durante o conflito em 1861 e se estendeu até 1900, concretizou o sepultamento da antiga ordem, preservando seus melhores valores progressistas apesar do alto custo que lhe foi cobrado, dando novos horizontes a partir de seu renascimento, uma ressurreição das cinzas da guerra em um esforço para refundar os Estados Unidos sobre princípios de igualdade e justiça para todos (Downs; Masur, 2017). Durante este tempo, um objetivo primordial emergiu: dismantelar os resquícios da escravidão e pavimentar o caminho para uma república onde os direitos civis não fossem apenas promessas vazias, mas realidades tangíveis para cada cidadão, independentemente da cor da pele. Neste aspecto, na Era da Reconstrução foi concedido o direito de cidadania aos afrodescendentes nascidos nos Estados Unidos através da décima quarta emenda constitucional (the Fourteenth Amendment²⁰).

¹⁹ Em última análise, o problema enfrentado tanto pelos soldados afro-americanos como pelos seus porta-vozes não-combatentes no Norte era que a sua visão do significado da Guerra Civil entrava em conflito com a da maioria dos brancos. Para os negros, a Guerra Civil ofereceu uma oportunidade não apenas para acabar com a escravatura, mas para redefinir os ideais nacionais americanos. A sua determinação em lutar face à hostilidade e ao preconceito não deixou qualquer dúvida sobre a sua dedicação a estes ideais nacionais. A este respeito, os afro-americanos durante a Guerra Civil tinham uma visão muito mais expansiva, otimista e exigente do futuro da nação do que muitos brancos. Eles provaram ser "soldados patriotas" muito mais do que alguns brancos. Como George Stephens observou apenas alguns meses após a queda do Forte Sumter, "esta terra deve ser consagrada à liberdade, e somos hoje a única classe de pessoas no país que estão seriamente do lado da liberdade. "tradução nossa"

²⁰ A Décima Quarta Emenda - Garantiu a todas as pessoas nascidas nos Estados Unidos os privilégios e imunidades

Este período foi caracterizado pela reconciliação do Norte e com o Sul através do Programa Federal de Reconstrução (Federal Program of Reconstruction), com o objetivo de modernizar e superar as diferenças do velho sul, e que desse vasão para o surgimento do novo Sul, mais prospero sem seus estigmas, para esta empreitada, a nação se esforçou para modernizar a economia sulista, transformando sua economia baseada no trabalho escravo para uma mais alinhada com os preceitos da modernidade industrial. A Reconstrução procurou reformular as discrepâncias deixadas pelo diferente e antagônicos modos de produção que haviam, de fato, conduzido o país à guerra. Foram várias diferentes políticas que buscavam transformar a mão de obra assalariada, permitindo que a maioria dos homens livres e libertos continuassem trabalhando para seus antigos donos por salários ou por uma parte da colheita (Downs; Masur, 2017). Embora a escravidão tivesse sido abolida de forma definitiva através da décima terceira emenda (the Thirteenth Amendment²¹), as feridas sociais permaneciam expostas e supurantes, o presidente Lincon foi alvejado em uma tentativa de assassinato em 14 de abril de 1865 realizada por John Wilkes Booth um ator simpatizante da confederação, que atirou contra o presidente com uma arma de fogo no Ford's Theatre, o presidente não resistiu aos ferimentos e faleceu em decorrência deste atentado no dia seguinte em 15 de abril de 1865. Sua morte, transformaria drasticamente o curso da Era da Reconstrução, que terminaria de ser conduzida por Andrew Johnson²² do estado do Tennessee, que embora fosse um ex-proprietário de escravos, havia forjado sua trajetória política ligado a União desafiando a autoridade da elite de plantações, mesmo com seus problemas e limitações, podemos afirmar que as políticas de reconciliação nacional e de reestruturação da sociedade serviram para curar as aparentes irreconciliáveis divisões e permitiram criar um tecido social mais coeso.

No processo da reconstrução da nação, foram estabelecidas iniciativas para promover a modernização, incluindo a expansão da infraestrutura e o estabelecimento de um sistema de educação pública. Estes esforços foram ofuscados pela resistência contínua de uma parcela da aristocracia sulista, que insistia pela preservação do antigo regime patriarcal, e que perpetuava seu conservadorismo econômico e social. Não podemos deixar de mencionar que, esta aristocracia sulista após a Guerra de Secessão viu seu estilo de vida comparável à grandeza feudal ser desmantelado com sua derrota em 1865. E que por esta razão, mesmo após o término

da cidadania e proibiu os estados de fazerem ou aplicarem qualquer lei que limitassem ou restringissem seus direitos. Ela Também proibiu os estados de privar qualquer pessoa da vida, liberdade ou propriedade sem o devido processo legal, ou negar a qualquer pessoa a igual proteção das leis.

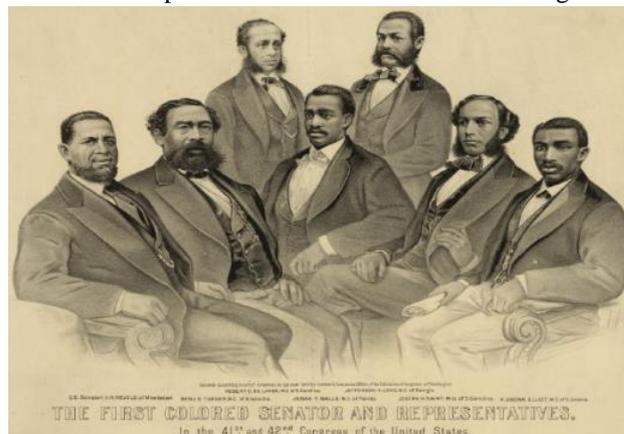
²¹ A Décima Terceira Emenda - Proibia a escravidão em todos os lugares, exceto como punição por crimes.

²² Andrew Johnson (1808–1875), político norte americano que se tornou o 17º presidente dos E.U.A. por ser o vice da chapa com Abraham Lincoln após seu assassinato.

do conflito, essa elite insatisfeita tentou politicamente manter seu domínio sobre a ordem social. Este grupo influente conseguiu manipular o ódio ao preservar antigos estigmas raciais e preconceitos, adaptando-os ao contexto de um novo sistema social, que emergiu das ruínas da estrutura constitucional preexistente, perpetuando a marginalização dos afro-americanos ao relegá-los aos empregos mais subalternos e menos desejáveis, com as mais baixas remunerações, além de controlarem as relações de brancos e negros entre si, onde os negros continuaram em posições inferiores, embora neste novo sistema, com o passar dos anos progressivamente foi se transformando, de uma relação entre mestre e escravo estabelecida em seu núcleo anterior, para uma que permitiu divisões dentro dos grupos dos negros com subdivisões do trabalho, de forma que não mais apenas a cor seja a definição controlada para a atribuição laboral mais lucrativa e rentável, ainda que em proporções desiguais (Davis; Gardner; Gardner, 2009).

No entanto, Apesar de toda resistência, Downs e Masur (2017) apontam que de fato houveram progressos significativos, que permitiram ao “Novo Sul”, uma representação negra significativa na política através do direito ao voto proporcionado pela décima quinta emenda (the Fifteenth Amendment²³), e além disto, para assegurar o direito de voto no Sul, a população negra contou com o suporte militar das tropas da União, que permaneceram na região durante as eleições para garantir uma participação segura e livre nas urnas e a ampliação da representatividade negra na política, com estas medidas os afro-americanos começavam a se elegerem e a conquistarem posições de prestígio que consolidariam melhorias significativas para a população afro-americana.

Figura 4 – O primeiro senador e representantes de cor no 41º e 42º Congresso dos Estados Unidos, 1872.



Retrato de grupo de legisladores afro-americanos da esquerda para a direita: H. R. Revels, Benjamin S. Turner, Robert C. De Large, Josiah T. Walls, Jefferson H. Long, Joseph H. Rainey [Rainey] e R. Brown Elliot. Cortesia de LOC P&P.

²³ A Décima Quinta Emenda - Negou a qualquer governo, estadual ou federal, o poder de privar os cidadãos dos EUA do direito de voto por causa de raça, cor ou servidão anterior.

De acordo com Downs e Masur (2017) essa medida foi essencial para proteger os eleitores negros dos extremistas que, inconformados com a perda de influência política, tentavam impedir o voto negro por meio de intimidações e ameaças. A representação negra no cenário político com direito ao voto foi essencial para reformular a identidade e a economia da região. Através do voto muitos congressistas negros e brancos pobres que eram leais a aos ideais de igualdade permitiram que a esperança e o progresso redesenhassem o “Novo Sul”. Essas vitórias na política marcaram o apogeu da Era da Reconstrução, o apoio proeminente de republicanos do norte que se elegeram e legislaram sobre novos pilares de progresso e inovação juntamente com estes novos congressistas negros, impulsionados pelas políticas dos republicanos do nordeste pressionavam por reformas mais profundas.

Republican-led state governments during congressional Reconstruction led the South into a new era of modernization. Freedpeople and white Republicans, with support from the US Army, began the process. In most states these governments began to form in 1867-1868, as the army carried out its orders under the Military Reconstruction Acts to enroll African Americans as voters in elections for delegates to state constitutional conventions. African Americans elected hundreds of African American candidates, including many former slaves and soldiers, as well as local white loyalists and northern Republicans²⁴ (Downs, Masur, 2017, p.80).

De acordo com Downs e Masur (2017), a Era da Reconstrução, nasceu paralelamente com o início Guerra Civil em 1861, foi um divisor de águas na transformação dos Estados Unidos, e se tornou o ponto de transmutação das lutas sociais, seus anseios na realização dos ideais do sonho americano. Este período foi marcante na progressiva inclusão dos negros na sociedade americana, representando um grande passo em direção a superar um legado de injustiça racial. Contudo, este avanço foi constantemente ameaçado pelos brancos conservadores e extremistas do sul, que não aceitavam as mudanças e tentavam restabelecer sua força, foram capazes de tudo para minar as mudanças sociais. O país se viu imerso em contradições, lutando para alinhar-se aos seus ideais declarados de liberdade e igualdade para todos, enquanto grupos extremistas brancos sulistas lançaram ataques devastadores contra esses avanços. Grupos como a Liga Branca (White League) e Ku Klux Klan, associados às elites

²⁴ Os governos estaduais liderados pelos republicanos durante a Reconstrução do Congresso conduziram o Sul a uma nova era de modernização. Os libertos e os republicanos brancos, com o apoio do Exército dos EUA, iniciaram o processo. Na maioria dos estados, estes governos começaram a formar-se em 1867-1868, à medida que o exército cumpria as suas ordens ao abrigo das Leis de Reconstrução Militar para inscrever os afro-americanos como eleitores nas eleições para delegados às convenções constitucionais estaduais. Os afro-americanos elegeram centenas de candidatos afro-americanos, incluindo muitos ex-escravos e soldados, bem como leais brancos locais e republicanos do norte. “tradução nossa”

sulistas descontentes, com uso de extrema violência e terrorismo, usavam o medo para coibir a cidadania plena dos negros e, com isso, tentavam recuperar seu controle político em declínio.

Figura 5 – Visita da Ku-Klux, 1872.



Impressão de Frank Bellows. Harper's Weekly 16, nº 791 (24 de fevereiro de 1872): 160. Cortesia de LOC P&P.

A repressão e retaliação dos extremistas brancos procuravam intimidar os afro-americanos e todos seus aliados para anularem os votos negros, uma série de violentos atentados marcaram este período, incluindo o homicídio do congressista James Hinds²⁵ e a eliminação de figuras proeminentes como Benjamin F. Randolph²⁶ da Carolina do Sul, além de legisladores estaduais, entre eles o senador John Stephens²⁷, e lideranças locais como Wyatt Outlaw²⁸ foi linchado pela White Brotherhood (Irmandade Branca) uma ramificação da Ku Klux Klan em Graham, Carolina do Norte. Os ataques se estenderam a cidadãos comuns afro-americanos, mulheres e homens, bem como a seus aliados brancos. Em resposta a essa onda de violência,

²⁵ James Hinds (1833 - 1868) foi um congressista branco do Arkansas, ele era um árduo defensor dos direitos civis para os antigos escravos negros durante o período da Reconstrução, Hinds foi o primeiro congressista norte americano assassinado no cargo pela Ku Klux Klan em 22 de outubro de 1868.

²⁶ Benjamin F. Randolph (1820 -1868) foi um educador, conselheiro espiritual e editor de jornal, era filho de afro-americanos livres, ele serviu como senador estadual da Carolina do Sul no período da Reconstrução, foi assassinado pela Ku Klux Klan em 16 de outubro de 1868.

²⁷ John Stephens (1834 - 1870) foi um senador da Carolina do Norte, foi assassinado com requintes de crueldade, ele foi esfaqueado, e apunhalado e torturado em um garrote vil pela Ku Klux Klan em 21 de maio de 1870.

²⁸ Wyatt Outlaw (1820 - 1870) foi um político americano e o primeiro afro-americano a atuar como comissário municipal e policial na cidade de Graham, na Carolina do Norte. Em 26 de fevereiro de 1870, ele foi linchado pela Irmandade Branca.

os ex-escravizados formaram suas próprias milícias para se protegerem. Embora tenham conseguido alguma vitória em regiões onde eram maioria, em outros lugares, a falta de recursos e apoio os colocava em desvantagem diante de grupos paramilitares brancos mais equipados e financiados. A ausência de ação por parte do Congresso frente aos apelos por ajuda revelou as fragilidades constitucionais no tocante à promoção de mudanças sociais. Sem uma presença ativa e efetiva de autoridades federais com poder e pessoal suficientes para assegurar a aplicação da Décima Quinta Emenda, o direito ao voto para os homens negros frequentemente enfrentava barreiras intransponíveis.

Figura 6 – A União como era; A causa perdida, pior que a escravidão, 1874.



Membro da Liga Branca apertando a mão de Klansman sobre escudo ilustrando um casal afro-americano. Harper's Weekly 18, n.º. 930 (24 de outubro de 1874): 878. Cortesia de LOC P&P.

A Liga Branca (White League) e a Klan, procuravam de diversas formas meios para anular os direitos civis de homens e mulheres afro-americanos, estes grupos extremistas se esforçaram especialmente, para sufocar os direitos concedidos sobre o voto negro, privar-lhes do direito de voto seria essencial não apenas para reafirmar sua dominação local, mas principalmente para restaurar a hegemonia supremacista branca através de assassinatos, e do terror para minarem as eleições.

The rapid transformation of freedpeople from slaves to political participants, and the extraordinary reconstruction of southern labor and law, inspired a furious, violent counterattack by some white Southerners who sought to restore their power by force. In coups in Wilmington, Colfax, and other

locations, and in assaults upon freedpeople attempting to vote or organize politically, vigilante groups like the Ku Klux Klan, the White League, and the Red Shirts initiated a reign of terror in the South that culminated with the disenfranchisement of almost all freedpeople and the construction of a segregated Jim Crow South²⁹ (Downs; Masur, 2017, p.94).

As raízes do ódio que por gerações sabotaram a ascensão dos negros norte-americanos não haviam sido cortadas dos corações ressentidos dos antigos senhores das terras. Este ressentimento e ódio estrangularam o surgimento de um país livre e coeso com a sua constituição. As oportunidades de mobilidade social, e o sonho de viverem em uma sociedade autenticamente igualitária havia sido novamente roubada. A aristocracia sulista reorganizou seu poder político através de rachaduras na sociedade que permitiram em suas brechas a retomada da repressão totalitária incontestável por diversos estudiosos deste período, que confirmam ampliação das leis segregacionistas baseadas na raça conhecidas como Jim Crow³⁰ nos estados sulistas. Estas leis estaduais possibilitariam abertamente a segregação que forçava aos afro-americanos uma cidadania de segunda classe, que perpetuaria o sistema de castas raciais apontado por Wilkerson (2020).

Os governos dos estados do Sul que implementavam pouco a pouco em sua legislação as infames leis Jim Crow, alegavam defender os interesses dos brancos pobres, mas na realidade lhes negavam também o acesso à educação de qualidade e ao progresso econômico que fortalecia apenas as famílias das castas brancas que detinham poder econômico e político, e relegavam aos brancos pobres e negros uma imobilidade social estarecedora. Isso resultou em uma migração em massa de sulistas, tanto de brancos pobres quanto de negros, para o Norte e o Oeste em busca de melhores de vida e oportunidades (Downs; Masur, 2017).

Ainda de acordo com Downs e Masur (2017), embora a história da Reconstrução fosse mais evidente no Sul dos Estados Unidos, ela fazia parte de um contexto mais amplo. Políticos do Nordeste tentavam impedir que imigrantes europeus votassem em grande número; políticos do Oeste buscavam bloquear a votação de asiáticos; e políticos do Sudoeste trabalhavam para manter latinos longe das urnas. No final do século XIX, muitos membros da elite econômica e

²⁹ A rápida transformação dos libertos de escravos em participantes políticos, e a extraordinária reconstrução do trabalho e da lei do Sul, inspiraram um contra-ataque furioso e violento por parte de alguns sulistas brancos que procuravam restaurar o seu poder pela força. Em golpes de estado em Wilmington, Colfax e outros locais, e em ataques a libertos que tentavam votar ou se organizar politicamente, grupos de vigilantes como a Ku Klux Klan, a Liga Branca e os Camisas Vermelhas iniciaram um reinado de terror no Sul que culminou com a privação de direitos de quase todos os libertos e a construção de um Sul segregado de Jim Crow. “tradução nossa”

³⁰ Jim Crow laws – Constituíam um corpo de legislação estadual e municipal que instituiu a segregação racial nos estados sulistas dos Estados Unidos. Essas leis foram sancionadas no final do século XIX, conturbaram o fim da Era da Reconstrução, e continuaram até o início do século XX, essas leis tinham como objetivo criar e perpetuar sistemas de segregação que separavam as comunidades afro-americanas de seus concidadãos brancos em esferas públicas e privadas, incluindo escolas, transportes e instalações de uso comum.

cultural expressavam dúvidas sobre a viabilidade da democracia, devido aos desafios de construir uma sociedade multicultural e multirracial, bem como ao surgimento predominante de uma classe trabalhadora permanente resultante da industrialização. Para proteger seu poder estabelecido contra os desafios das massas empobrecidas, as elites de várias regiões tentaram restringir os direitos de voto das pessoas da classe trabalhadora, um conflito perene de interesses dessa elite que temia arriscar sua posição frente as novas conquistas.

Figura 7 - The Freedmen's Bureau, 1868.



Impressão de Alfred R. Waud.
Harper's Weekly (25 de julho de 1868): 473. Cortesia de LOC P&P.

Para Downs e Masur (2017), a Era da Reconstrução que havia promovido a reintegração exitosa dos negros na sociedade, garantindo-lhes direitos, e que trouxe tantos avanços com significantes mudanças pareceram ter chegado ao seu fim, a força federal da União garantiu as eleições por um breve período, no momento que o patriarcado sulista que se aproveitou de fatores que facilitaram a queda das frágeis conquistas do povo negro. Supremacistas e suas milícias se aproveitaram da brecha aberta pela Suprema Côrte americana quando ela restringiu e limitou as ações do governo federal em processar indivíduos que prejudicaram os direitos de

voto alheio, além disto, na década de 1870, com a eleição do presidente Rutherford B. Heyes³¹, que com o apoio dos democratas aprovou a Lei Posse *Comitatus*, que passaria a limitar a proteção dos eleitores negros durante as eleições removendo as tropas militares da União, medida que ajudou a antiga Aristocracia a retomar seu poder político. Em seguida outros fatores pioraram o cenário das recentes e frágeis conquistas, além das divisões internas dos republicanos para aprovarem uma legislação adicional para voltar a proteger os direitos de voto falharam. Simultaneamente, no Sul a começar pelo Mississippi, adotou novas estratégias para restringirem os votos dos afro-americanos, aprovaram leis destinadas a limitar o direito ao voto como testes de alfabetização e taxas eleitorais, e ampliaram o número de crimes que acarretavam pela privação de seus direitos. Essas medidas articuladas meticulosamente, foram engendrados sem violarem a Décima Quinta Emenda.

Estas práticas foram levadas a julgamento no caso *Williams v. Mississippi* (1898), onde a Suprema Corte dos Estados Unidos considerou as restrições de voto constitucionais, e não poderiam ser reconhecidas por discriminação racial por não estarem relacionadas explicitamente com a cor. Essa decisão pavimentou o caminho para que outros estados adotassem táticas semelhantes. O resultado foi a diminuição dramática da participação eleitoral dos afro-americanos e, por consequência, a exclusão de muitos brancos pobres do Sul. O impacto foi catastrófico: o número de eleitores negros despencou, exemplificado por Louisiana, onde a participação eleitoral negra caiu de mais de 130 mil em 1896 para apenas 1.342 em 1904. Esta erosão dos direitos civis culminou com a saída do último congressista negro da era da Reconstrução, George White³². Se intensificou também neste período o terror através de repressão e ataques contra negros que resultaram em assassinatos de cidadãos o que tornou o ambiente hostil e propiciou condições insustentáveis para afro-americanos no Sul (Downs; Masur, 2017).

O ódio racial proporcionou uma das mais terríveis armas de medo para impor a autoridade da supremacia branca através de linchamentos, orquestradas a céu aberto com todo tipo de humilhações e que geralmente acabavam com o enforcamento público do acusado, a violência extrema em praças públicas com crianças e mulheres fazendo parte do macabro e terrível espetáculo, aconteceu predominantemente e não por acaso no sul, mas houveram casos em diversas outras regiões dos Estados Unidos, havia casos de linchamentos que produziam

³¹ Rutherford B. Heyes (1822 - 1893) foi 19º president dos Estados Unidos que supervisionou o fim da Era da Reconstrução.

³² George Henry White (1852 - 1918) foi um advogado e político americano, eleito congressista republicano pelo 2º distrito congressional da Carolina do Norte entre 1897 e 1901. White foi o último congressista afro-americano durante o início da era Jim Crow.

souvenirs com fotografias com o desmembramentos de corpos, corpos queimados e outras terríveis atrocidades. Essa repressão pública foi usada sem direito de defesa e era tolerado pelas autoridades com o propósito de coibirem que a população negra reivindicações sob qualquer prisma fossem sociais, econômicas e políticas, foram linchados nestas circunstâncias milhares de americanos entre 1874 até 1947.

It seems likely that during Reconstruction white southerners honed lynching into a weapon for sustaining their authority whites employed collective violence to brutally and effectively deny African Americans' claim to a freedom that would encompass meaningful political, economic, social, and legal autonomy. In turning to lynching, white southerners drew on antebellum precedents from the vigilante movements with which landed whites had suppressed landless whites, the brutal suppression of slave revolts and the relatively rare (because slaves were property and their lives thus valuable) ferocious mob punishment of an alleged rape or murder by a slave³³ (Pfeifer; 2004, p.14).

Os linchamentos de acordo com Pfeifer (2004) havia se tornado uma arma de terror para impor retrocessos, foi uma ferramenta utilizada para suprimir e negar direitos aos afro-americanos livres, Pfeifer (2004) também lembra que linchamentos antes da guerra de secessão eram mais raros do que após a dissolução dos Estados Confederados simplesmente porque escravos eram propriedades onerosas de quem possuía capital. No entanto, apesar de todas perseguições, intimidações, linchamentos e toda sorte de atrocidades para continuar a negar os direitos dos afro-americanos, a auto determinação do povo negro nas Américas sobreviveria e resistiria contra seus opressores durante todos tempos turbulentos a que foram submetidos, esta determinação, seria demarcada por grandes lideranças negras que se levantariam contra o segregacionismo, o ódio, o racismo e todas suas novas formas de arbitrariedades e injustiças. Eles não conseguiriam calar para sempre as vozes dos justos. Nesta perspectiva, novas lideranças negras surgiram, se unindo em torno de mudança que garantissem os direitos da população negra, que culminaram com o movimento dos direitos civis, protagonizados por

³³ Parece provável que durante a Reconstrução os sulistas brancos transformaram o linchamento numa arma para sustentar a sua autoridade, os brancos recorreram à violência coletiva para negar brutalmente e eficazmente a reivindicação dos afro-americanos a uma liberdade que abrangeria uma autonomia política, econômica, social e jurídica significativa. Ao recorrerem ao linchamento, os sulistas brancos basearam-se em precedentes anteriores à guerra, dos movimentos de vigilantes com os quais os brancos proprietários de terras reprimiram os brancos sem terras, a repressão brutal das revoltas de escravos e a relativamente rara (porque os escravos eram propriedade e as suas vidas, portanto, valiosas) punição feroz da multidão de uma alegação de estupro ou assassinato por um escravo. “tradução nossa”

lideranças como o Dr Martin Luther King³⁴, Malcom X³⁵, Rosa Parks³⁶, dentre várias outras figuras proeminentes que ajudaram a pôr um fim a mais de três séculos e meio de exploração, mentiras e de metamorfoses desenhadas dentro do mecanismo social e econômico. Estas lideranças negras através da campanha dos movimentos dos direitos civis (Civil Rights Movements) que atingiram seu ápice com o assassinato do maior ícone deste movimento o Dr Martin Luther King em 04 de abril de 1968, que fez com que o país mergulhasse em uma profunda reflexão identitária de suas ideias e de seu papel de (in)justiça sobre o sangue de seus filhos. Devemos honrar o legado de luta, vida destes homens e mulheres, que foram capazes de derrubarem definitivamente as leis Jim Crow.

No entanto, conforme apontado por West (1994), esta luta continua constante e parece nunca acabar, pode ser vivenciada por qualquer cidadão dentro do contexto da sociedade americana ao possuir as características do fenótipo africano, mesmo com todos avanços e marcos históricos conquistados, ser negro na América continua sendo, um desafio de resistência e de enfrentamento.

Após séculos de degradação, exploração e opressão racista nos Estados Unidos, ser negro significa estar sujeito, por mínimo que seja, aos abusos hegemônicos dos brancos e fazer parte de uma rica cultura e de uma comunidade que lutaram contra tais abusos (West, 1994, p.42).

Por esta razão, a efetivação destas grandes conquistas da população negra, depende da constante reafirmação dos direitos constitucionais, que apenas foram garantidos através da união de toda comunidade, que com seu suor e sangue enriqueceram culturalmente o povo norte americano.

1.3 Paisagens do ódio: o surgimento do gótico sulista e seus elementos em *To Kill a Mockingbird*

O colapso dos Estados Confederados no fim da guerra de secessão deixou profundas cicatrizes históricas na região sulista e em sua população, as vastas propriedades de algodão e de tabaco que antes controversamente eram prósperas em detrimento da exploração escrava, se tornaram completamente devastadas após quatro anos de conflito, e uma amarga herança

³⁴ Martin Luther King Jr. (1929 - 1968), foi um ministro da igreja batista americana, ativista e filósofo político que foi um dos líderes mais proeminentes do movimento pelos direitos civis de 1955 até seu assassinato em 1968.

³⁵ Malcolm X (1925 - 1965) foi um revolucionário afro-americano, ministro muçulmano e ativista dos direitos humanos que também se tornou uma figura proeminente durante o movimento pelos direitos civis.

³⁶ Rosa Louise McCauley Parks (1913 - 2005) foi uma ativista americana do movimento pelos direitos civis, mais conhecida por seu papel fundamental no boicote aos ônibus de Montgomery. O Congresso dos Estados Unidos a homenageou como "a primeira-dama dos direitos civis" e "a mãe do movimento pela liberdade".

refletida na redução de sua população por causa do número de mortos. O cenário de destruição nas plantações e a economia destruída foram preponderantes para transformações sociais, econômicas e culturais no Sul dos Estados Unidos. A devastação causada pela guerra, aliada à abolição da escravatura e ao período da Era da Reconstrução, criou um cenário de perda e decadência de uma aristocracia que influenciou fortemente a literatura da região.

Neste panorama, a historiografia literária do sul dos Estados Unidos solidificou a construção da identidade social norte-americana, no entanto ela não se restringiu apenas ao período durante a guerra civil, sua origem remonta ao período da América colonialista, se desenvolveu consideravelmente na formação de sua economia triangular, com a exploração desumana da mão de obra escrava durante o período *Antebellum*³⁷, perpassando pela guerra entre a União e os Estados Confederados e se consolidou posteriormente no modernismo e renascentismo americano, quando poetas e escritores constituíram suas narrativas emblemáticas culturalmente através das características regionais que buscaram unificar os valores históricos e culturais de uma nação. De acordo com VanSpanckeren (2007), a produção literária do Sul dos Estados Unidos antes da Revolução americana era predominantemente aristocrática e secular, e refletia os sistemas sociais e econômicos das plantações sulistas.

Precisamos ter em mente que os primeiros imigrantes ingleses foram atraídos para as colônias do sul mais por oportunidades econômicas do que por liberdade religiosa, o que difere da imigração ocorrida pelos peregrinos “*pilgrims*” que embarcaram no navio Mayflower para o novo mundo com a intenção de fugirem da perseguição religiosa na Inglaterra e com destino para a colônia de Plymouth, com o propósito de estabelecerem um estado conforme suas crenças, onde atualmente se situa a cidade de Plymouth no Estado de Massachussets. VanSpanckeren (2007) esclarece que o tempo livre para o lazer era apenas proporcionado para a pequena alta aristocracia alfabetizada por explorar a mão de obra escrava e nos meios de produção das plantações, e que muitos brancos eram pobres agricultores ou pobres vendedores com condições de vida não tão diferentes dos escravos sem acesso a um tempo livre, desta forma a literatura era produzida e consumida por esta pequena burguesia que podia proporcionar para si lazer e externalizou a imagem do sonho da vida desta elite americana em meio a natureza selvagem.

Although many southerners were poor farmers or tradespeople living

³⁷ *Antebellum* ou *Antebellum South* é um termo extensivamente usado para se referir à região sul no período anterior à guerra de secessão, vem da expressão em latim *Antebellum* que significa “antes da guerra”.

not much better than slaves, the southern literate upper class was shaped by the classical, Old World ideal of a noble landed gentry made possible by slavery. The institution released wealthy southern whites from manual labor, afforded them leisure, and made the dream of an aristocratic life in the American wilderness possible. The Puritan emphasis on hard work, education, and earnestness was rare — instead we hear of such pleasures as horseback riding and hunting. The church was the focus of a genteel social life, not a forum for minute examinations of conscience³⁸ (VanSpanckeren, 1994, p. 12).

VanSpanckeren (2007), também esclarece que a igreja não infligia aos sulistas uma reflexão sobre o trabalho duro em detrimento ao tempo para o lazer e outros eventos sociais, assim a igreja para esta elite fundiária era mais algo relacionado a vida elegante e social pertencente da alta classe do que com qualquer preocupação de um exercício da consciência puritana que remetesse ao “trabalho árduo”. Nesta perspectiva religiosa, Gerbner (2018) argumenta que o Protestantismo por outro lado, desempenhou um papel central na vida dos escravizados, sendo uma característica fundamental da ideologia pró-escravidão baseada distorcidamente no velho testamento. Desta forma, segundo ele, desde o século XVII, tanto Protestantes quanto Católicos justificavam a escravidão pela evangelização, alegando que beneficiava os africanos ao salvá-los de seu passado "pagão" Gerbner (2018). Desta forma culturalmente a religião serviu para incutir na população a normalização da exploração nos meios de produção dos afro-americanos, este tipo de normalização que seria explorada psicologicamente em personagens como em Huckeberry Finn que muitas vezes possui conflitos sobre denunciar o paradeiro de seu amigo Jim um escravo que tenta fugir para norte e conseguir sua liberdade.

Burnett; Hagstette e Miller (2023) afirmam que, à medida que o Sul reemergiu na imaginação cultural americana, a literatura desempenhou o papel de moldar e transmitir para a nação as políticas de Reconstrução que estavam escupindo as transformações sociais e econômicas. Assim os territórios da ex-Confederação deixaram de serem definidas pela rebelião e passaram a serem vistas como uma região atraente, fascinando os leitores do norte, que agora viam o Sul como praticamente um país estrangeiro cujo os laços de união começavam

³⁸ Embora muitos sulistas fossem agricultores ou comerciantes pobres que viviam não muito melhor do que os escravos, a classe alta alfabetizada do sul foi moldada pelo ideal clássico do Velho Mundo de uma nobreza fundiária nobre tornada possível pela escravidão. A instituição libertou os ricos brancos do sul do trabalho manual, proporcionou-lhes lazer e tornou possível o sonho de uma vida aristocrática na natureza selvagem americana. A ênfase puritana no trabalho árduo, na educação e na seriedade era rara – em vez disso, ouvimos falar de prazeres como andar a cavalo e caçar. A igreja era o foco de uma vida social refinada, e não um fórum para exames minuciosos de consciência. “tradução nossa”

a frutificar em meio as suas peculiaridades *sui generis*. Dessa forma, grande parte do trabalho cultural da Reconstrução foi realizada pelos romancistas, poetas e jornalistas que escreviam sobre a sociedade sulista como um passaporte para uma região estrangeira, refletindo sobre as lutas passadas e revelando o processo em desenvolvimento de reunificação. Neste contexto, o gótico sulista *Southern Gothic* foi amplamente explorado pelas histórias sombrias de violência e opressão que moldaram a região, frequentemente imaginando identidades e relacionamentos de gênero que representam um "retorno do reprimido".

As Southern Gothic texts explore the dark histories of violence and oppression that have shaped the region, they often imagine gendered identities and relationships that act out a “return of the repressed.” The desexualization of white women in the plantation myth has inspired images of hypersexual women who compulsively reject the controls of patriarchal romance and marriage. White men obsessed with the purity of bloodlines become paralyzed or destroyed by their irrepressible interracial and/or incestuous desires, if not also the genetic degradation caused by the incest of their forebears. The violence white men use to assert and maintain their supremacy regularly returns to cause their demise, usually by the hands of Black and mixed men and women—often the white men’s own kin—or the white sisters and wives they have wronged ³⁹ (Burnett; Hagstette; Miller, 2023 p. 51).

Neste sentido a construção mítica da mulher branca nas plantações que não se submete ao romance nem as normas do casamento patriarcal, bem como e a obsessão de homens pela pureza sanguínea que seriam destruídos por causa de suas ações incestuosas e da miscigenação nas relações interraciais seria explorada na construção de personagens, e de narrativas do gênero gótico sulista.

Dentro deste panorama emergiram grandes escritores desta região, cuja obras concebidas narravam com maestria os valores históricos e culturais da vida cotidiana sulista, seus dilemas, sonhos e suas incoerências que dissecam temas sensíveis que estão amplamente arraigados na fé cristã, nas vicissitudes da vida em comunidade e em família e suas contradições. Estes escritores exploraram o ódio nas relações humanas que solidificaram o

³⁹ À medida que os textos do Gótico do Sul exploram as histórias sombrias de violência e opressão que moldaram a região, muitas vezes imaginam identidades e relações de gênero que representam um “retorno dos reprimidos”. A dessexualização das mulheres brancas no mito das plantações inspirou imagens de mulheres hipersexuais que rejeitam compulsivamente os controles do romance e do casamento patriarcais. Os homens brancos obcecados com a pureza das linhagens sanguíneas ficam paralisados ou destruídos pelos seus irreprimíveis desejos interraciais e/ou incestuosos, se não também pela degradação genética causada pelo incesto dos seus antepassados. A violência que os homens brancos usam para afirmar e manter a sua supremacia volta regularmente para causar a sua morte, geralmente pelas mãos de homens e mulheres negros e mestiços - muitas vezes os próprios parentes dos homens brancos - ou das irmãs e esposas brancas que eles injustificaram. “tradução nossa”

gênero gótico sulista ao explorarem o grotesco, a decadência moral humana, a exploração escravocrata, o incesto e os terríveis segredos familiares, nos cenários das plantações, das devastações e desolações antes, durante e após a guerra de secessão, e principalmente o fardo e o sentimento de culpa das ações horrendas realizadas pelas gerações antepassadas que recaem sobre os habitantes do sul, este gênero se consolidou de acordo com Snodgrass (2005) ao se distanciar-se dos castelos medievais sombrios e das correntes estridentes referentes do gótico da literatura europeia do século XIX, para abraçar o romance melancólico, as plantações devastadas, o mistério e o terror abomináveis das famílias e todas peculiaridades grotescas nas relações humanas.

Neste aspecto, Burnett; Hagstette e Miller (2023) esclarecem que apesar de que o gótico sulista seja lembrado por grandes autores da metade do século XX, este subgênero possui uma história rica que antecede a renascença sulista como foi apresentada por Faulkner ou O’connor, e afirma que este subgênero é uma evolução do gótico que nasceu na Europa no século XVIII, e que continua sua evolução até nossos dias, seus temas são tão amplos que definições simplistas não conseguem conceitualizá-lo, além de serem flexíveis para se adequarem as características regionais e continentais tanto na Europa quanto América.

The phrase “Southern Gothic” calls to mind specific writers of mid-twentieth-century southern literature, like William Faulkner or Flannery O’Connor, but it has a broader history than simply the southern renaissance. Southern Gothic is a subcategory under the umbrella of the Gothic, a literary mode that began in the eighteenth century but is still evolving today. The Gothic is sprawling and adaptable; it defies neat definitions, translates across continents, nations, and regions, but it sometimes serves as an easy label for critics to marginalize certain bodies of literature, especially that produced in the contested space of the U.S. “South”⁴⁰ (Burnett; Hagstette; Miller, 2023 p. 138).

Burnett; Hagstette e Miller (2023) também esclarecem que o termo gótico sulista algumas vezes serve como um rótulo conveniente por críticos que buscam marginalizar determinados corpos de literatura, especialmente aqueles que se situam ou que tenham origem no controverso e contestado espaço do Sul dos Estados Unidos por sua complexidade

⁴⁰ A frase “gótico sulista” evoca escritores específicos da literatura sulista de meados do século XX, como William Faulkner ou Flannery O’Connor, mas tem uma história mais ampla do que simplesmente o renascimento sulista. O gótico sulista é uma subcategoria sob a égide do Gótico, um modo literário que começou no século XVIII, mas que ainda está evoluindo hoje. O gótico é extenso e adaptável; desafia definições claras, se traduz em continentes, nações e regiões, mas às vezes serve como um rótulo fácil para os críticos marginalizarem certos corpos de literatura, especialmente aquela produzida no contestado espaço do “Sul” dos EUA. “tradução nossa”

identitária. Essa prática pode desvalorizar a riqueza e a profundidade das obras literárias produzidas nessa região, reduzindo-as a estereótipos simplistas e ignorando suas contribuições significativas para a literatura americana como um todo. Neste mesmo sentido, Flora, MacKethan, e Taylor, (2002) esclarecem que como os romancistas góticos do sul frequentemente representavam esta região com temas que cuja simbologia se remetem a desordem e a depravação da era moderna, e suas histórias estão quase sempre repletas de situações bizarras e horríveis, que incluem estupro, incesto, assassinato, suicídio, linchamento, castração, miscigenação, idiotice e insanidade. Estes aspectos grotescos na ficção sulista causaram frustração por parte de alguns autores, que prefeririam não serem associados ao subgênero, pois o rótulo "gótico sulista" era visto como uma designação depreciativa usada como principal linha de ataque por críticos, editores, distribuidores e até pelo público leitor para denegrir esse modo de expressão sulista como doentio e desagradável.

Flora; MacKethan, e Taylor, (2002) também identificam que a formula utilizada pelos contos do subgênero gótico sulista, se apropriam analogamente do modelo com um patriarca, que de alguma forma se remete à aristocracia ligada as plantações e com um terrível fardo racista que em algum momento sofrerá pela decadência infligida por sua própria incomplacência, além de quase sempre explorar o empobrecimento econômico das classes mais baixas consanguíneas, que estão afastadas ou segregadas e que vivem sobre ignorância dentro de uma comunidade que sobretudo esteja subjugada a uma religiosidade exacerbada.

Many southern gothic tales utilize similar myths of southern society: an inbred, patriarchal plantation aristocracy, built upon and haunted by a racist ethic, besieged by civilization and democracy, and, ultimately, defeated—as much by its own intransigence as by external forces; and an inbred lower class living in extreme isolation in closed communities, which are plagued by economic impoverishment, educational ignorance, religious fundamentalism, racial intolerance, genetic deformities, perverted sexuality, and unquited violence. A sense of horror is often evoked in the reader's perception that these characters not only accepted their limitations but also sometimes promote these social ills as their best characteristics ⁴¹ (Flora; MacKethan; Taylor, 2002 p. 311).

⁴¹ Muitos contos góticos Sulistas utilizam mitos semelhantes da sociedade do Sul: uma aristocracia de plantação patriarcal, construída e assombrada por uma ética racista, sitiada pela civilização e pela democracia e, em última análise, derrotada – tanto pela sua própria intransigência como por forças externas; e uma classe baixa consanguínea que vive em extremo isolamento em comunidades fechadas, que são atormentadas pelo empobrecimento econômico, pela ignorância educacional, pelo fundamentalismo religioso, pela intolerância racial, pelas deformidades genéticas, pela sexualidade pervertida e pela violência injusta. Uma sensação de horror é frequentemente evocada na percepção do leitor de que esses personagens não apenas aceitaram suas limitações, mas também às vezes promovem esses males sociais como suas melhores características. “tradução nossa”

Além disto este subgênero quase sempre explora a intolerância racial, a perversão sexual e a violência desenfreada exercida por seus personagens grotescos que geralmente estão perturbados em estados psicológicos anormais e que afetam outros personagens de forma direta ou indireta.

Um dos primeiros expoentes da literatura americana do gênero gótico foi Edgar Allan Poe, apesar de que sua relação seria indireta com o surgimento do subgênero gótico sulista. A obra de Poe apesar de estar mais relacionada ao romantismo sombrio nos seus contos góticos, estabeleceu muitas das convenções literárias e estéticas que posteriormente foram exploradas e aprofundadas no desenvolvimento do gênero. Embora seus contos não sejam especificamente ambientados no Sul dos Estados Unidos, Crow (2014) argumenta que, sobre as ruínas da casa de Usher, Poe inaugura as bases do gótico sulista, mesmo com a trama e o cenário do seu conto ocorrendo claramente em um lugar não especificado, mas que claramente não se passa no Sul, nem mesmo na América, pois a cripta onde Madeline é sepultada "aparentemente fora usada, em tempos feudais remotos, para os piores propósitos de uma masmorra".

A obra de Poe inegavelmente influenciou significativamente os temas sombrios, as atmosferas góticas e os elementos sobrenaturais que estabeleceram uma base estética e temática para muitos escritores sulistas, como William Faulkner e Flannery O'Connor, que adotaram e adaptaram em suas próprias obras. Por esta razão, Poe é frequentemente creditado por estabelecer muitas das convenções literárias que se tornaram as características principais do gótico sulista. Inge (2008) por sua vez categoriza os trabalhos de Poe e apresenta a riqueza de diversos temas góticos que o imortalizaram e que inspiraram seu subgênero na literatura sulista.

Edgar Allan Poe is the antebellum southern writer who composed the most sophisticated Gothic art, which continues to be perennially attractive to current, worldwide reading audiences. He quickly discerned how to transform the weird landscapes within British romantic poetry into exquisite symbols for the human mind, as is unmistakable in poems like "The Lake, To—" (1827), "The Sleeper" (1831), "The Raven" (1845), and "Ulalume" (1847). Interestingly, "The Sleeper," often dismissed as disgusting necrophilia, may be read as a convincing portrayal of a survivor's grief and of funeral customs of the time. In "The Raven" and "Ulalume" respectively, the claustrophobic chamber and the dreary October night landscape constitute adroit transformations of the older haunted castle and the threatening landscape into representations of stressed human minds. In fiction, too, Poe made rapid transitions from what originally read as straight Gothic thrillers—for example, "Metzengerstein" (1832) or "The Assignment" (1834)—to creating outstanding situations of human emotions shattered by traumas from physical torture ("The Pit and the Pendulum" [1843], "The Black Cat" [1843]), to those in which sexual and gender issues were symbolized (The Narrative of Arthur Gordon Pym [1838], "Ligeia" [1838], "The Fall of the House of Usher" [1839], "Eleonora" [1843]), sometimes in tandem with dual or multiple

personalities (“William Wilson” [1839], “The Masque of the Red Death” [1842], “A Tale of the Ragged Mountains” [1844]). Forbidding and crumbling castle or mansion stones became compelling representations of fragmenting human psyches⁴² (Inge, 2008, p.171).

Botting (1996) também observa um padrão simbólico estabelecido e consagrado por Poe em “A Queda da Casa de Usher”, que se tornou um elemento constante no gótico sulista através da representação da desintegração familiar, este aspecto é bem explorado no contraste da decadência econômica, e a degradação sinalizam a degeneração dos valores e da cultura. Bem como, as perspectivas fragmentadas na ficção de William Faulkner que apresentam um mundo em decomposição, grotesco e absurdo, através da consciência perturbadora desenvolvida meticulosamente em seus personagens desajustados e descontentes que frequentemente estão à beira da insanidade mediante a dura e insuportável realidade que lhes cerca.

Desta forma, a fusão de elementos do gótico europeu encontrou terreno fértil com a realidade social e histórica do sul que permitiu o surgimento de uma estética literária única, onde o grotesco serviu como uma metáfora para os conflitos psicológicos internos e se extrapolam nas relações sociais, enquanto revisitava o passado e as cicatrizes que foram deixadas para trás, transmutando a dor dos antepassados através da nostalgia das sombras que persistem em atormentar o presente quando contrastadas com a estagnação social refletida no presente como foi observado pelo poeta e crítico John Crowe Ransom (1888-1974) no ensaio juntamente com o poeta americano sulista Allen Tate (1899-1979).

Memories of the past are attended with a certain pain called nostalgia. It is hardly a technical term in our sociology or our psychiatry, but it might well be. Nostalgia is a kind of growing-pain, psychically speaking. It occurs to our sorrow When we have decided that it is time for us marching to some magnificent destiny, to abandon an old home, an old provincial setting, or an

⁴² Edgar Allan Poe é o escritor sulista anterior à guerra (anterior ao *Antebellum*) que compôs a mais sofisticada arte gótica, que continua a ser perenemente atraente para o público leitor atual de todo o mundo. Ele rapidamente discerniu como transformar as paisagens estranhas da poesia romântica britânica em símbolos requintados para a mente humana, como é inconfundível em poemas como “O Lago” (1827), “The Sleeper” (1831), “O Corvo” (1845) e “Ulalume” (1847). Curiosamente, “The Sleeper”, muitas vezes rejeitado como uma repugnante necrofilia, pode ser lido como um retrato convincente da dor de um sobrevivente e dos costumes fúnebres da época. Em “O Corvo” e “Ulalume”, respectivamente, a câmara claustrofóbica e a sombria paisagem noturna de outubro constituem transformações hábeis do antigo castelo assombrado e da paisagem ameaçadora em representações de mentes humanas estressadas. Também na ficção, Poe fez transições rápidas do que originalmente era considerado um thriller gótico puro – por exemplo, “Metzengerstein” (1832) ou “The Assignment” (1834) – para a criação de situações marcantes de emoções humanas destruídas por traumas de tortura física (“O Poço e o Pêndulo” [1843], “O Gato Preto” [1843]), àqueles em que as questões sexuais e de gênero eram simbolizadas (A Narrativa de Arthur Gordon Pym [1838], “Ligeia” [1838], “A Queda da Casa de Usher” [1839], “Eleonora” [1843]), às vezes em conjunto com personalidades duplas ou múltiplas (“William Wilson” [1839], “A Máscara da Morte Vermelha” [1842], “Um conto das montanhas irregulares” [1844]). As pedras proibitivas e em ruínas de castelos ou mansões tornaram-se representações convincentes da fragmentação da psique humana. “tradução nossa”

old way of living to which we had become habituated ⁴³ (Tate, 1930, p.06).

A dor que John Crowe Ransom (1930) se refere, relaciona-se ao rompimento deste passado, não por saudade, mas pela convicção de prosseguir para um futuro próspero, de se afastar de seus erros, é a dor provocada pela renovação, pela mudança e transição completa que ocorre em todas transformações sociais e de concepções que afligem psicologicamente as pessoas durante o progresso civilizatório, essa dor nostálgica ocorre quando uma geração decide romper e tentam abandonar definitivamente os velhos costumes e hábitos de seus antepassados.

Neste panorama, o gênero gótico sulista foi profundamente influenciado pelo vazio nos valores culturais e religiosos da região com a derrota da guerra civil que exacerbou o racismo, a violência excessiva e o extremismo religioso e resultou em desigualdades econômicas que são sentidas até hoje quando comparadas com as regiões mais industrializadas do norte e nordeste americano. Por esta razão, elementos como as mansões em ruínas, as famílias decadentes e os segredos sombrios das pequenas cidades são contextualizações recorrentes na literatura sulista, e simbolizam a queda dos antigos valores da causa perdida, o mito do sul idílico no período de *Antebellum* e a luta contra a modernidade pujante que transformaria o modo de produção. Dentro deste contexto, autores como William Faulkner, Flannery O'Connor e Tennessee Williams utilizaram esses elementos para criar narrativas que, além de serem profundamente enraizadas na geografia e na história do Sul, também abordam questões universais de moralidade, identidade e alienação psicológica. A combinação de um ambiente físico deteriorado e de uma atmosfera psicológica opressiva se tornaram características distintas do gótico sulista. Kreyling (1998) argumenta que a literatura sulista será sempre reconhecível por uma fórmula constante, pois o Sul e sua história são "fatos" e "entidades" que permanecem intactos e impermeáveis à representação literária, enquanto Botting (1996) afirma que o foco interno do gótico sulista se manifesta na predominância de estados subjetivos que distorcem grotescamente as fronteiras entre fantasia e realidade.

O gótico sulista conseguiu se estabelecer e se distanciar em vários elementos do estilo e dos temas relacionados ao gótico europeu como vimos anteriormente, alguns destes elementos se afastaram enquanto outros se flertaram ao serem adaptados na literatura americana e foram por assim dizer, responsáveis pela formação da identidade literária regional do Sul dos Estados

⁴³ As lembranças do passado são acompanhadas de uma certa dor chamada nostalgia. Não é um termo técnico na nossa sociologia ou na nossa psiquiatria, mas pode muito bem ser. A nostalgia é uma espécie de dor de crescimento, psiquicamente falando. Para nossa tristeza, ocorre quando decidimos que é hora de marcharmos em direção a algum destino magnífico, de abandonarmos uma antiga casa, um antigo ambiente provincial ou um antigo modo de vida ao qual nos habituamos. "tradução nossa"

Unidos. Enquanto o gótico europeu frequentemente aborda o sobrenatural e o misterioso em contextos medievais ou renascentistas, o gótico sulista se apropriou dessas convenções para explorar o grotesco e o bizarro em um cenário mais contemporâneo e realista que se contrastam com a paisagem geográfica e o esfacelamento da causa perdida sulista, e se aprofunda no pior do homem, mescla o horror que o homem em suas relações proporciona aos seus semelhantes.

Expostas meticulosamente as influências, as origens e os temas deste subgênero com clareza anteriormente, podemos brevemente identificar diversas características do romance de Harper Lee que classificam *To Kill a Mockingbird* como uma obra consagrada do gótico sulista, elencaremos como primeiro aspecto temático a própria cidade de Maycomb, seu cenário de abandono e a sensação de pobreza que demarca sua estagnação econômica e que representa a resistência à mudanças e a persistência dos preconceitos raciais e sociais do velho sul: “Maycomb was an old town, but it was a tired old town when I first knew it. In rainy weather the streets turned to red slop; grass grew on the sidewalks, the courthouse sagged in the square.”⁴⁴ (Lee, 1960, p. 09)

O mistério que é uma das características consolidada deste subgênero, é explorada através das fantasias infantis que as crianças (Jem, Scout e seu amigo Dill Harris) fabulam em sua imaginação desenfreada acerca do paradeiro de seu misterioso vizinho Boo Radley, um recluso que vive segregado e a margem da sociedade e de seus vizinhos. O devaneio e as supostas razões que não permitiram sua socialização se tornaram o motivo de conversas e investigações na trama. As crianças tentam conseguir compreender em vão quais as verdadeiras razões para a reclusão de Boo Radley, com quem elas crianças tentam ter contato e ao mesmo tempo tanto o temem: “The Radley Place was inhabited by an unknown entity the mere description of whom was enough to make us behave for days on end”⁴⁵ (Lee, 1960, p. 10)

A sensação de abandono no cenário e os atributos da decadência que evidenciam a decrepitude da mansão da família Radley, uma representação que ocorre frequentemente em obras do gênero gótico sulista ao detalhar esmeradamente com tons mórbidos o declínio e o depauperamento das propriedades sulistas e de seus habitantes que ao perderem o poder econômico, refletiam o empobrecimento e colapso da aristocracia:

The Radley Place jutted into a sharp curve beyond our house. Walking south, one faced its porch; the sidewalk turned and ran beside the lot. The house was

⁴⁴ Maycomb era uma cidade antiga, mas era uma cidade velha e cansada quando a conheci pela primeira vez. No tempo chuvoso, as ruas transformavam-se em lama vermelha; a grama crescia nas calçadas, o tribunal afundava na praça. “tradução nossa”

⁴⁵ A propriedade Radley era habitada por uma figura desconhecida cuja mera descrição bastava para ficarmos comportados por dias a fio “tradução nossa”

low, was once white with a deep front porch and green shutters, but had long ago darkened to the color of the slate-gray yard around it. Rainrotted shingles drooped over the eaves of the veranda; oak trees kept the sun away. The remains of a picket drunkenly guarded the front yard—a “swept” yard that was never swept—where johnson grass and rabbit-tobacco grew in abundance⁴⁶ (Lee, 1960, p. 12).

As dificuldades financeiras de algumas famílias acerca da origem dos plantios, cuja imobilidade social se expõe durante a transformação do sistema de produção, neste caso, no romance não fica claro qual foi a fonte de provimento financeiro dos Radley, Jem supõe que eles viviam do algodão e Scout faz a analogia de ser uma resposta educada porque o termo viver do algodão é sinônimo de não fazer nada desde a época do velho sul, essa descrição evoca a prosperidade que esta família teve durante o período anterior ao conflito de secessão e sua queda social ao deixar de fazer parte da classe privilegiada que vivia das plantações: “I never knew how old Mr. Radley made his living—Jem said he “bought cotton,” a polite term for doing nothing—but Mr. Radley and his wife had lived there with their two sons as long as anybody could remember”⁴⁷ (Lee, 1960, p. 13).

A estagnação econômica generalizada pela recessão que atingiu principalmente quem vivia da terra ou das plantações como é exemplificada na conversa entre Atticus e sua filha que não entende o motivo dos Cunninghams pagarem uma dívida que eles tinham com Atticus Finch com produtos colhidos do campo:

“Why does he pay you like that?” I asked. “Because that’s the only way he can pay me. He has no money.” “Are we poor, Atticus?” Atticus nodded. “We are indeed.” Jem’s nose wrinkled. “Are we as poor as the Cunninghams?” “Not exactly. The Cunninghams are country folks, farmers, and the crash hit them hardest”⁴⁸ (Lee, 1960, p. 24).

A afirmação de que eles são pobres para Scout também esclarece para o leitor que os brancos com nível superior “médicos e advogados” são pobres por viverem em cidades dependentes da agricultura e demarcam uma sociedade em transição: “Atticus said professional

⁴⁶ A propriedade dos Radley se projetava em uma curva fechada além da nossa casa. Caminhado para o sul, passava-se diante da varanda; a calçada se deformou e acompanhava o nível do terreno. A casa era baixa, e uma vez foi branca, com uma varanda frontal profunda e venezianas verdes, mas há muito escureceu com a cor cinza do quintal ao seu redor. O telhado apodrecido pela chuva que caía sobre os beirais da varanda; os carvalhos não deixavam o sol entrar. Os resquícios de uma cerca de estacas que pareciam bêbadas de tão tortas protegiam o pátio da frente (que ninguém jamais varria), onde cresciam grama e ervas-daninhas. “tradução nossa”

⁴⁷ Eu nunca soube do que o velho sr. Radley vivia—Jem dizia que “comprava algodão”, o uma forma educada de dizer que ele não fazia nada, mas o Sr e a sra. Radley tinham morado ali com os dois filhos a muito tempo conforme a lembranças de todos. “tradução nossa”

⁴⁸ “Por que ele paga a você assim? Eu perguntei. “Porque é única maneira que ele pode pagar. Ele não tem nenhum dinheiro.” “Nós estamos pobres, Atticus? Meu pai concordou com a cabeça. “Na verdade, estamos sim.” Jem franziu o nariz. “Nós somos tão pobres quanto os Cunningham?” “Não exatamente. Os Cunningham são gente do campo, fazendeiros, e a Depressão os afetou mais forte.” “tradução nossa”

people were poor because the farmers were poor. As Maycomb County was farm country, nickels and dimes were hard to come by for doctors and dentists and lawyers.”⁴⁹(Lee, 1960, p. 24)

Ainda em relação a família Radley poderíamos destacar os distúrbios psicológicos de Arthur Radley como mais um traço temático deste subgênero que busca mostrar as complexidades da mente humana, os conflitos comportamentais de forma aprofundada e tridimensional em seus personagens, apartando a dualidade simplista de bondade e maldade, que apresenta características complexas que refletem a realidade de onde foi extraída a inspiração literária. Em relação a Boo Radley todas construções de suas limitações intelectuais e fabulações são apresentadas pela perspectiva de Scout, seu irmão e amigo, no entanto apenas no final do romance a protagonista consegue enxergar a verdadeira natureza humana de seu vizinho que havia salvado a sua vida e seu de seu irmão:

If Miss Stephanie Crawford was watching from her upstairs window, she would see Arthur Radley escorting me down the sidewalk, as any gentleman would do. We came to the street light on the corner, and I wondered how many times Dill had stood there hugging the fat pole, watching, waiting, hoping. I wondered how many times Jem and I had made this journey, but I entered the Radley front gate for the second time in my life. Boo and I walked up the steps to the porch. His fingers found the front doorknob. He gently released my hand, opened the door, went inside, and shut the door behind him. I never saw him again. Neighbors bring food with death and flowers with sickness and little things in between. Boo was our neighbor. He gave us two soap dolls, a broken watch and chain, a pair of good-luck pennies, and our lives. But neighbors give in return. We never put back into the tree what we took out of it: we had given him nothing, and it made me sad⁵⁰ (Lee, 1960, p. 272).

O amadurecimento de Scout faz com que ela supere o preconceito infantilizado que ela havia plantado em seu coração contra Arthur Radley. O medo, e o temor são transformados em respeito e gratidão no momento em que Arthur Radley os protegeu de um dos últimos ataques do ódio de sua comunidade perpetrado por Bob Ewell. O patriarca dos Ewell representa na

⁴⁹ Atticus disse que os profissionais eram pobres porque os fazendeiros eram pobres. Como o condado de Maycomb era uma região agrícola, era difícil conseguir pagamento por moedas e centavos para médicos, dentistas e advogados. “tradução nossa”

⁵⁰ Se a Senhorita Stephanie Crawford estivesse olhando da janela do andar de cima, ela veria Arthur Radley me acompanhando pela calçada, como qualquer cavalheiro faria. Chegamos a luz do poste na esquina e pensei em quantas vezes Dill tinha ficado ali agarrado naquele polo grosso, observando, esperando, imaginando. Perguntei-me quantas vezes Jem e eu havíamos feito essa viagem, mas entrei no portão da frente dos Radley pela segunda vez na minha vida. Boo e eu subimos a escada da varanda. Seus dedos encontraram a maçaneta da porta da frente. Ele gentilmente soltou minha mão, abriu a porta, entrou e fechou a porta atrás de si. Nunca mais o vi. As pessoas levam flores quando alguém morre e comida quando alguém adoce, e pequenas coisas entre elas. Boo era nosso vizinho. Ele nos deu dois bonecos esculpidos em sabão, um relógio quebrado e uma corrente, um par de moedas de boa sorte e nossas vidas. Mas vizinhos retribuem. Nós nunca colocamos de volta na árvore o que tiramos dela: não tínhamos dado nada para ele em troca, e isso me entristecia. “tradução nossa”

trama mais um ponto convergente do gótico sulista relacionado a degradação decadente das relações familiares e incestuosas, as mentiras e o ódio contra os afrodescendentes. A desonra de seu lar, os abusos contra sua filha, e sua falta de consciência em condenar um inocente que era o provedor de outra família escancaram a insensibilidade grotesca das relações sociais e a intolerância contra a cor da epiderme.

O grotesco das relações sociais também é explorado através dos temas sensíveis como incesto, estupro e miscigenação, no romance poderíamos identificar o incesto na forma como ocorria com certa frequência nas famílias sulistas exemplificadas na própria família Finch que havia sido praticada por seus antepassados: “He liked Maycomb, he was Maycomb County born and bred; he knew his people, they knew him, and because of Simon Finch’s industry, Atticus was related by blood or marriage to nearly every family in the town.”⁵¹(Lee, 1960, p. 09) Em uma outra passagem do romance o próprio Atticus lembra sua irmã Alexandra no momento em que ela estava falando de uma vizinha, que eles são a primeira geração que não casaram com primos:

Once, when Aunty assured us that Miss Stephanie Crawford’s tendency to mind other people’s business was hereditary, Atticus said, “Sister, when you stop to think about it, our generation’s practically the first in the Finch family not to marry its cousins. Would you say the Finches have an Incestuous Streak?” Aunty said no, that’s where we got our small hands and feet.⁵² (Lee, 1960, p. 128).

Então a irmã de Atticus, afirma categoricamente que esta seria a razão para o defeito congênito familiar que seria responsável dos Finch possuírem os pés e mãos tão pequenos. Outro incesto é revelado através de evidências surgidas durante o julgamento, o de Mayella Ewell que ao assumir a responsabilidade e os cuidados com seus irmãos mais novos após o falecimento de sua mãe, foi abusada pelo seu próprio pai.

A violência e o ódio e tão presentes no gótico sulista é permeada na obra de Lee através da intolerância racial que é explícita na comunidade, no entanto para abordar o tema do ódio, podemos destacar desde a acusação e condenação injusta de Tim Robinson que perpassam os ataques sofridos pela família Finch através de insultos, até a tentativa de assassinato perpetrada

⁵¹ Ele gostava de Maycomb, nasceu e se criou no condado de Maycomb, ele conhecia as pessoas e as pessoas o conheciam e, por causa da enorme descendência de Simon Finch, Atticus era parente, por laços de sangue ou de casamento, de quase todo mundo na cidade. “tradução nossa”

⁵² Um dia, quando a tia nos garantiu que a tendência da srta. Stephanie Crawford de se meter na vida dos outros era hereditária, Atticus disse, “Irmã, se você parar para pensar vai ver que a nossa geração é praticamente a primeira da família a não se casar com seus primos. Você diria que os Finch têm tendência para o incesto?” A tia disse que não, mas garantiu que era por isso que tínhamos mãos e pés pequenos. “tradução nossa”

por Bob Ewell, que atentou contra a vida de Scout, quando ela e seu irmão Jem estavam voltando para casa após as apresentações das fantasias na noite do Halloween em sua escola. Bob Ewell tomado por um ódio irracional por conta da defesa de Atticus Finch no tribunal e por ter se sentido desmoralizado, buscou por vingança e seguiu as crianças em seu retorno, no entanto esta tentativa de homicídio apenas não foi concretizada porque os arames da armação estrutural da fantasia de Scout que lhe prendiam lhe protegeram dos desferimentos da faca: “Something crushed the chicken wire around me. Metal ripped on metal and I fell to the ground and rolled as far as I could, floundering to escape my wire prison”⁵³ (Lee, 1960, p. 256).

O xerife Heck Tate ao investigar a cena e verificar as perfurações da fantasia também comenta sobre o ódio insano de Bob Ewell e lhe associa a pior espécie de homem que se embebedou para ter coragem de matar crianças:

Atticus fetched the remains of my costume. Mr. Tate turned it over and bent it around to get an idea of its former shape. “This thing probably saved her life,” he said. “Look.” He pointed with a long forefinger. A shiny clean line stood out on the dull wire. “Bob Ewell meant business,” Mr. Tate muttered. “He was out of his mind,” said Atticus. “Don’t like to contradict you, Mr. Finch—wasn’t crazy, mean as hell. Low-down skunk with enough liquor in him to make him brave enough to kill children”⁵⁴(Lee, 1960, p. 262).

O ódio neste aspecto possui a característica da degradação total da humanidade representada pelo antagonista Bob Ewell, o uso do álcool também tem um simbolismo desta degradação por associar as bebidas alcoólicas às ações perversas que alguém sóbrio não faria. O alcoolismo para esta região pertencente e dominada pelo cinturão bíblico quase sempre se associa à miséria, a pobreza e se torna simbolicamente um agente causador que seria responsável pela destituição da honra e da ética humana.

Concluimos neste momento algumas características dentre tantas outras que demarcam os traços do gótico sulista presentes no romance *To Kill a Mockingbird* de Lee Harper, salientamos, no entanto, que existem muito mais pontos que podem ser explorados neste rico subgênero.

⁵³ Algo esmagou a tela de arame ao meu redor. Metal rasgou metal e eu caí no chão e rolei o máximo que pude, lutando para escapar da minha prisão de arame. “tradução nossa”

⁵⁴ Atticus trouxe o que restava da minha fantasia. O sr. Tate virou a armação e a dobrou para ter uma ideia de seu formato anterior. “Essa roupa provavelmente salvou a vida dela” disse ele. “Olhe”. Ele apontou com o longo dedo. Uma linha clara e brilhante destacava-se no fio fosco. “Bob Ewell estava falando sério” murmurou o sr. Tate. “Ele estava fora de si” disse Atticus. “Não gosto de contradizer o senhor, sr. Finch, mas ele não estava louco, ele era ruim como o diabo. Era um gambá sujo da pior espécie com bebida alcoólica suficiente para fazê-lo corajoso para matar crianças. “tradução nossa”

2. CAPÍTULO II – ALÉM DA SUPERFÍCIE: DESVENDANDO O PRECONCEITO COMO MANIFESTAÇÃO DO ÓDIO

Neste segundo capítulo dedicar-nos-emos a analisar a complexidade do ódio humano, explorando suas raízes, manifestações e repercussões sob várias lentes teóricas e culturais. Iniciamos com uma investigação das condições psicológicas que dão origem ao ódio nos indivíduos, guiados pela perspectiva e hipóteses levantadas por Sigmund Freud, que se debruçou sobre o psiquismo humano, e cujo trabalho é uma base para entender o ódio como um fenômeno não apenas inerente da humanidade, mas também transformador dentro das dinâmicas psicológicas individuais, destacando a importância dos processos inconscientes e da transferência de sentimentos negativos. Ao examinar o ódio, é essencial distinguir esse sentimento de outros temas próximos ou correlatos, como a agressão e a destrutividade, especialmente considerando sua relação com os componentes instintivos da psique humana.

Em seguida, examinaremos as implicações mais amplas do ódio através da ramificação do preconceito, introduzindo a teoria social psiquiátrica apresentada por Frantz Fanon, que expande a discussão para o contexto colonial e pós-colonial, analisando como o ódio e o preconceito se entrelaçam com as questões de identidade, poder e resistência. Sua obra esclarece como os legados coloniais perpetuam estruturas de ódio e opressão, destacando a necessidade de uma descolonização psicológica e social para superar esses impulsos destrutivos.

Por fim, o capítulo se volta para a exposição literária norte-americana sobre o ódio, explorando como este tema foi explorado em autores como Mark Twain (2003) e William Faulkner (1936) ao retratarem o sul e como suas obras refletem e revelam as manifestações desses sentimentos na sociedade americana. Esta seção destaca a literatura como um meio poderoso de confronto e reflexão sobre as raízes e as consequências do ódio, oferecendo visões penetrantes sobre a condição humana e a possibilidade de empatia e mudança.

2.1 Teoria Freudiana acerca do ódio na formação do indivíduo

No *corpus* teórico de Sigmund Freud (1856-1939), a ambivalência entre ódio e amor desempenha um papel central, evidenciando a inseparabilidade desses afetos na psique humana e na configuração da personalidade. A análise freudiana revela que, apesar de não ser tratado como um constructo isolado, o ódio é uma presença constante em sua obra, refletindo sua importância na formação da identidade individual e nas complexas redes de relações sociais. Durante o desenvolvimento da psicanálise, a exploração da ambivalência afetiva como

característica fundamental da condição humana, pode nos proporcionar uma compreensão refinada de como sentimentos odiosos, embora frequentemente estigmatizados em nossas relações sociais, e moralmente repreendidos durante a construção progressiva da civilização, não podem ser simplesmente ignorados por serem cruciais para o desenvolvimento psicológico desde o nascimento de cada indivíduo, por esta razão, se manifestam na dinâmica das interações sociais, e foram responsáveis por terem moldado nossa existência em níveis individuais e coletivos. Desta forma, os sentimentos de amor e ódio se tornam inegavelmente forças propulsoras que regulam e que moldam as interações humanas e a coesão social.

Cronologicamente abordaremos os postulados Freudianos a partir de *Totem e Tabu*⁵⁵ (1913), que fundamentou a ambivalência afetiva e embasou estudiosos da antropologia e da etnologia moderna, por se propor a investigar o totemismo e as convenções sociais surgidas na formação etnográfica dos aborígenes, povos nativos da Austrália. Este trabalho foi também responsável por uma das maiores hipóteses levantadas pela psicanálise relativas ao assassinato do pai primevo, a constituição do Totemismo e a definição do Tabu. A rigorosa observação pela lente psicanalítica permitiu elucidar os mecanismos psicológicos envolvidos durante o processo de formação social das sociedades reguladas pelo totem. Neste trabalho, o mestre vienense concluiu que apesar de não estarmos presos a uma ordem totêmica perdida através de nossa evolução, ainda nos encontramos presos a tabus que se escondem disfarçadas por outras camadas sutis de nossa sociedade. Freud (1913) aponta que, o tabu possivelmente surgiu anteriormente a religião, por este ângulo o tabu para estes povos nativos funcionou como uma forma rudimentar de lei que moldou o pensamento dos aborígenes e se tornou o código de conduta comportamental regulatório do grupo coletivo. Hipoteticamente existem similaridades destes códigos sociais, e dos processos psicológicos envolvidos que regulam e foram responsáveis pela idiosincrasia humana que provavelmente poderiam ter ocorrido de maneira semelhante nos mais diversos povos em diferentes localidades geográficas que remontam a tempos imemoriais na constituição e desenvolvimento de todas civilizações da humanidade, um elo que se pressupõe parte do corolário de nossa existência ocidental dentro do nosso “progresso civilizatório”, cujo os aparatos relacionados à psique e a subjetividade humana, foram incapacitadas no momento em que o homem com sua agressividade inata, abriu mão de suas pulsões, por uma promessa idealizada de se viver com segurança em uma sociedade, para que não se prevalecesse a lei do mais forte, conforme Freud (1913) apontaria posteriormente em

⁵⁵ **Totem und Tabu Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker** foi publicada em 1913. Este trabalho foi composto por quatro ensaios que apareceram pela primeira vez na revista *Imago* em 1912 e 1913.

outra obra sua, *o mal-estar na civilização* (1930), que abordaremos mais à frente.

Totem e Tabu, inicia-se com uma análise profunda e meticulosa da cultura dos nativos aborígenes e seus costumes, com o intuito de se investigar e identificar possíveis caminhos de como o tabu se estabeleceu na civilização. De acordo com Freud, os nativos ao romperem com o seu totem (matar animal, consumir sua carne ou ter relações com o mesmo grupo totêmico), sofrem severas punições exercidas pelo seu grupo, ele observou ainda uma ambivalência ao se referir ao totem que transita em um momento que é sagrado, não podendo ser transgredido, e que não deveria ser profanada apenas com algumas exceções estabelecidas em datas específicas. A profanação do totem fora destas exceções, é temida e carregam um forte sentimento de culpa entre os nativos por estes temerem as maldições e terríveis consequências sobre si e sobre seu grupo. Os aborígenes haviam sido escolhidos para embasar esta pesquisa, por estes ainda preservarem características arcaicas que não seriam mais possíveis de estudo e análise em outros povos nativos, ainda que também existem algumas referências com alguns outros grupos nativos que também estão próximos na localização geográfica escolhida por Freud, apesar destes grupos não possuírem nenhum grau de parentesco linguístico ou étnico como os polinésios, estes povos que apesar de estarem desprovidos de muitas regras sociais que regem o “mundo civilizado”, possuíam aspectos que foram encontrados universalmente entre civilizações que não tiveram contato entre si, em relação ao horror do incesto. Os nativos australianos demarcavam comportamentos sociais estabelecidos pela designação de um totem protetor de cada tribo, geralmente associados a um animal que identificava os membros de uma comunidade local, para que estes evitassem relações sexuais com outra pessoa que pudessem ter algum grau de parentesco mesmo em tribos de outras localidades mais remotas.

Compreendemos apenas que o papel do totem (animal) como ancestral é aí levado bastante a sério. Todos que descendem do mesmo totem são parentes sanguíneos, são uma família, e nessa família os mais remotos graus de parentesco são vistos como obstáculo absoluto à união sexual (Freud, [1913], 2012, p. 14).

A proibição ao incesto que se encontra em todas culturas e em todos tempos históricos possuem traços perdidos e inacessíveis do elo proposto na hipótese levantada por Freud (1913) sobre o que ele chamaria de “pai primevo”, que foi perdida e se encontra inacessível em nossa sociedade atual por ter transcorrido em tempos imemoriais, no entanto, alguns poucos traços deste tempo longínquo poderiam ser identificados atualmente nestes ditos “selvagens ou semisselvagens” que presumidamente estariam em um estágio anterior de nossa própria evolução. Na suposição proposta por Freud, quando ele compara a sociedade primitiva

associada à teoria hipotética Darwiniana da evolução do homem durante a elaboração do “estado primevo da sociedade humana”, emerge uma relação de poder exercido pelo pai primevo da horda, a lei do mais forte vigoraria ao ponto deste líder expulsar seus filhos, irmãos e outros machos de um grupo, para assegurar na figura deste “pai” mais forte todas mulheres deste grupo, até que este pai fosse deposto por seus filhos e irmãos por motim, sendo o pai assassinado por seus filhos que tomariam seu lugar através do parricídio.

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. (Talvez um avanço cultural, o manejo de uma nova arma, tenha lhes dado um sentimento de superioridade.) O fato de haverem também devorado o morto não surpreende, tratando-se de canibais. Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião (Freud, [1913], 2012, p. 141).

Inicialmente os irmãos ficaram desprovidos de proteção quando foram excluídos do clã pelo patriarca que tomava para si todas mulheres do clã, desta forma, a figura deste pai se torna um objeto de amor e de desejo a nível psíquico, bem como encontram também a inveja e o ódio a este, uma força unificadora emerge entre os irmãos que estavam desamparados e se unem. Esta aversão coletiva ao pai se transforma no catalisador que os leva a conspirar contra seu progenitor para efetuarem o parricídio. Neste momento o ódio parece sobrepor-se ao amor, sentimento que brotará em cada indivíduo do grupo e que toma proporções extremadas ao ser direcionado ao seu objeto de desejo. Assim, emerge o “ódio” na figura paterna, por ele representar o empecilho para as satisfações sexuais do grupo, portanto neste momento o sentimento de ódio atua como um elo primordial entre os irmãos, impulsionando-os a satisfazer seu desejo de vingança. Entretanto, consumado o ato, surge paradoxalmente o sentimento de culpa pelo assassinato do pai que era ao mesmo tempo amado e odiado, revelando a ambivalência emocional que caracteriza a relação dos filhos com o pai; uma oscilação entre o ódio e o amor, aspectos sentimentais frequentemente intercalados na existência humana.

Eles odiavam o pai, que constituía forte obstáculo a sua necessidade de poder e suas reivindicações sexuais, mas também o amavam e o admiravam. Depois que o eliminaram, satisfizeram seu ódio e concretizaram o desejo de identificação com ele, os impulsos afetuosos até então subjugados tinham de impor-se. Isso ocorreu em forma de arrependimento, surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo; tudo como ainda hoje vemos nos destinos humanos (Freud, [1913], 2012, p. 141).

O ato parricida daria lugar ao sentimento ambivalente do amor e do ódio gerado pela culpa pelo assassinato, estes irmãos amavam seu pai ao passo que também o odiavam, no entanto com a consumação do ato de destroná-lo e de tomar o seu lugar, abriu-se uma fenda psíquica que permitiu surgir uma solução de como lidar e de preencher o sentimento de culpa, instituem desta forma simbolicamente o totem que seria um animal, uma planta ou um fenômeno natural que corresponde ao seu ancestral morto recriado como divindade protetora, e que por resultado estabelece a interdição ao incesto que delimitaria as relações regidas de cada grupo por seu totem, ao vedar o acesso às mulheres do próprio clã, cada homem é compelido a buscar parceiras em outras comunidades, o que por sua vez mitiga as disputas internas e fomenta a unidade e a cooperação entre os membros do clã para alcançar objetivos comuns fora de sua esfera imediata. O totem também estabelece interditos contra matar ou se alimentar do animal totêmico, exceto nas festividades.

Nota-se, de toda maneira, que a ambivalência intrínseca ao complexo paterno continua também no totemismo e nas religiões em geral. A religião do totem não apenas compreende as manifestações de arrependimento e as tentativas de conciliação, mas serve também à lembrança do triunfo sobre o pai. A satisfação por esse triunfo leva a instituir a festa de recordação que é a refeição totêmica, na qual as restrições da obediência *a posteriori* são deixadas de lado, e torna obrigação repetir novamente o crime do parricídio no sacrifício do animal totêmico, sempre que a colheita daquele ato, a apropriação dos atributos do pai, ameaça desaparecer graças às variáveis influências da vida. Não nos surpreende constatar que também o elemento de revolta do filho reaparece em formações religiosas posteriores, muitas vezes nos mais curiosos disfarces e rodeios (Freud, [1913], 2012, p. 143).

Desta forma, o mestre vienense relaciona o sentimento de culpa ao triunfo no contexto das relações paternas e das práticas totemistas e religiosas, evidenciando como essas emoções complexas se interconectam. O triunfo sobre a figura paterna, embora motivo de celebração na refeição totêmica, também traz consigo um profundo sentimento de culpa. Este sentimento deriva do ato simbólico do assassinato do pai primevo, que é ao mesmo tempo um gesto de liberação e de transgressão. O totemismo, portanto, nasce dessa ambiguidade entre a subjugação e a rebelião contra a autoridade paterna. O êxito, não é apenas uma vitória, mas por outro lado, também é uma fonte de sofrimento que deve ser periodicamente exorcizada e reconciliada por meio de rituais que reencenam o abominável ato de destronar o progenitor. Dessa forma, a religião e os ritos totêmicos funcionam como mecanismos para lidar com esses conflitos internos, permitindo que as comunidades renovem seu vínculo social enquanto gerenciam as emoções de culpa e triunfo.

Posteriormente, não por acaso, a elaboração do totemismo teria forte implicações na proibição de matar ao totem com conotação religiosa que se expandiria para os outros semelhantes do grupo, dando uma forma regulamentada arcaica de lei que cria segurança social entre os membros do clã, uma forma de frear e impedir que este ódio possa se manifestar novamente da forma extremada como ocorreu com o pai entre seus irmãos. Nasce assim, a simbologia do Totem que serviria para proteger como uma forma de lei ao grupo, algo que para Freud (1913) foi fundamental e que deve ter tido papel preponderante no processo civilizatório da humanidade, um mecanismo de proteção para que o parricídio não seja jamais repetido pelo grupo.

Manifestam-se na sacralização do sangue comum, na ênfase na solidariedade de todas as vidas do mesmo clã. Assegurando a vida uns aos outros, os irmãos afirmam que nenhum deles pode ser tratado por outro como o pai foi tratado por todos em conjunto. Eles excluem uma repetição do destino do pai. À proibição de matar o totem, de fundamento religioso, junta-se a proibição de matar um irmão, de fundamento social (Freud, [1913], 2012, p. 144).

A sacralização do vínculo sanguíneo simbolizada pelo Totem, estabelece uma proteção entre irmãos, um mecanismo que garante a preservação da vida mútua. Ao se unirem em uma espécie de pacto implícito, os irmãos rejeitam a possibilidade de repetir o destino do pai, estabelecendo uma proibição tanto religiosa (não matar o totem) quanto social (não matar um irmão). Forja por assim dizer, laços fraternos na estruturação social e psíquica.

No entanto, apesar da restrição estabelecida contra o assassinato de seus semelhantes, existem penalidades contra os profanadores do sagrado, e aos que de alguma forma e em algum ponto transgredissem ao tabu, ao cometer quaisquer violação seriam punidos e sofreriam sumariamente com seus efeitos, como por exemplo matar e se alimentar do animal que é o símbolo de seu totem fora das datas sagradas, ou ter relações incestuosas entre membros da mesma ordem totêmica acabaria por trazer pressagio e morte dos envolvidos pelos outros membros do grupo, afim de proteger a tribo do castigo por profanar o sagrado estabelecido mediante o totem. Esta norma social emergente visa não apenas a autopreservação do clã, mas também a prevenção do uso do ódio como motor de violência intrafamiliar.

Dessa forma, Totem e Tabu nos apresenta uma análise profunda sobre como a instituição de tabus e normas sociais servem tanto para mitigar os impulsos destrutivos inerentes ao ser humano quanto para estruturar as bases dos primórdios da civilização, através da canalização de emoções conflitantes como o ódio e o amor, sentimentos fundamentais na formação da consciência coletiva e na manutenção da coesão social que permitiria o surgimento

de conflitos outros de ordem psíquica tanto nos indivíduos quanto na coletividade durante todo processo civilizacional, para estruturar mais esta perspectiva podemos investigar os postulados freudianos no ensaio, *Psicologia das massas e análise do Eu*⁵⁶ (1921), neste trabalho, os mecanismos psicológicos subjacentes aos movimentos de massa são dissecados, destacando que estes se constituem como entidades temporárias, compostas por elementos heterogêneos que se amalgamam momentaneamente, os achados propostos por Gustave Le Bon (2008)⁵⁷, presentes em sua obra *Psicologia das multidões* (1895), demarcaram o pioneirismo relacionados ao comportamento coletivo e os fenômenos que ocorrem na “massa psicológica” quando os indivíduos estão reunidos em grupos, para Le Bon (2008), não somente o ódio mas todos excessos se manifestam quando reunidos em grupos, o sociólogo, psicólogo e médico francês acreditava que sentimentos e emoções podem ser manipulados e direcionados quando “convenientemente sugestionadas” pela falta de um senso crítico nas multidões, suas análises pressupõem que as massas são desprovidas de qualquer discussão racional e se tornam inertes ao contraditório, deste modo, grupos de pessoas estão mais propícios para acatar ou rejeitar por completo sugestões ou ideias que forem instigadas na coletividade, estas ideias rapidamente transitam do conceito subjetivo e se transformam em ações e realizações concretas ao ponto de até se sacrificarem pelo ideal idealizado na “massa psicológica”.

Vimos que as multidões não raciocinam, que aceitam ou rejeitam as ideias em bloco, que não admitem a discussão nem a contradição, e que as sugestões que sobre elas atuam invadem inteiramente o campo do seu entendimento e tendem logo para transformar-se em atos. Demonstramos que as multidões convenientemente sugestionadas ficam prontas a sacrificarem-se pelo ideal que lhes foi sugerido. Vimos, por fim, que apenas conhecem sentimentos extremos e violentos, que a simpatia transforma-se em adoração e a antipatia, mal desponta, logo passa a ser ódio (Le Bon, [1895], 2008, p. 71).

De acordo com Le Bon (2008), a imensa capacidade de uma multidão ser imbuída e agir impulsivamente é muito maior do que a de um indivíduo isolado e neste panorama a coletividade é tomada por emoções extremas, por esta razão “a simpatia transforma-se em adoração e a antipatia, mal desponta, logo passa a ser ódio” (Le Bon, 2008), neste contexto proposto o ódio pode tomar proporções de extrema violência. Não por acaso, o trabalho de Le

⁵⁶ **Massenpsychologie und Ich-Analyse** escrito em 1921, se debruça sobre mecanismos psicológicos que surgem nos movimentos sociais de massa quando o indivíduo se integra e absorve o pensamento, e comportamento coletivo que se uniram por um breve momento.

⁵⁷ **Charles-Marie Gustave Le Bon (1841-1931)**, foi um sociólogo, psicólogo e médico com vasto conhecimento na antropologia, medicina e física, seu trabalho mais famoso foi “**Psychologie des foules**” (Psicologia das multidões) de 1895, esta obra influenciou e embasou as descobertas de Freud em seu trabalho *Psicologia das massas e análise do Eu*.

Bon (2008) forneceu o embasamento necessário para o campo da psicanálise, seus insights valiosos reverberaram no pensamento Freudiano e solidificaram as bases psicológicas comportamentais das massas, e como elas são suscetíveis e reagem ao ódio e quais relações este sentimento desencadeia dentro da coletividade bem como quais são suas consequências. De acordo com Freud, a segurança psíquica que o indivíduo encontra dentro da coletividade tem um papel de influenciar nossas escolhas e nossos comportamentos, em nossa individualidade cedemos para a razão e cerceamos nossos impulsos e desejos inconscientes, no entanto nossos impulsos instintuais se encontram constantemente represados desde nossa infância, somos impelidos a controlá-los, no entanto dentro de um grupo os mecanismo de restrição falha e de repente percebemos que estamos desprendidos da repreensão de nossos impulsos, e neste cenário um sinal verde libera o indivíduo de sua vigilante razão. Desta forma nos sentimos livres dos condicionamentos da civilidade e nos liberamos para as mais amplas manifestações de nossos impulsos instintivos e inconscientes, nesta situação os sentimentos extremados se permitem a se expressar das formas mais agressivas, que acabam por revelar nossas perversidades ocultas. Essa tendência, quando compartilhada por um coletivo, pode desencadear eventos e ações descomedidas com proporções inimagináveis a exemplos de conflitos armados, políticas de aniquilação em larga escala, e até à eclosão de guerras e a permissão de políticas de extermínio.

Basta-nos dizer que na massa o indivíduo está sujeito a condições que lhe permitem se livrar das repressões dos seus impulsos instintivos inconscientes. As características aparentemente novas, que ele então apresenta, são justamente as manifestações desse inconsciente, no qual se acha contido, em predisposição, tudo de mau da alma humana (Freud, [1921] 2010, p. 11).

Dentro da “massa psicológica”, o indivíduo se identifica, se comporta e reage de acordo com a coletividade, como assumisse de fato o pensamento psíquico coletivo, estas circunstâncias propiciam a liberação do recalque represado pela vivência em sociedade. O indivíduo tem ciência de que a aplicação da força da lei que certamente pune qualquer desvio de conduta em nossas relações sociais, perdem sua força e legitimidade contra as massas. Por esta razão, nossa individualidade é rompida e sobreposta inconscientemente através da coadjuvação nos movimentos de massa, que propiciam aos indivíduos, experimentarem um estado de liberdade que lhe possibilitam a consumação dos impulsos instintivos predispostas de nossa espécie, que se encontravam reprimidos constantemente em todo processo civilizatório. Desta maneira, se evidencia o contraste regulatório entre cultura e seu eterno embate conflituoso

contra os impulsos instintivos comprovados em *Psicologia das massas e análise do Eu*, como a cultura reprime a satisfação dos impulsos sexuais e a agressividade inata dos homens, e acaba por transformar parte dessa agressão em sentimento de culpa e de dor, a cultura acaba por se tornar uma fonte de conflito e sofrimento. Le Bon (2008) ajudou por assim dizer, a amparar a teoria Freudiana social neste aspecto, por ter sido o precursor em apontar que as massas em sua natureza transformam antipatia em ódio fervoroso, pois intensificam na sua coletividade sentimentos que seriam inaceitáveis e sumariamente coagidos. Desta forma a “massa psicológica” outorga aos indivíduos que são impotentes isoladamente um breve poder para externar seu ódio que logo ganha formas concretas através das atrocidades “liberadas”. Para Le Bon (2008), o sentimento de falta de responsabilidade coletiva, aliada principalmente à sensação de impunidade que é garantida dentro da coletividade concede ao indivíduo um poder momentâneo, permite-lhe dar vazão ao ódio que se torna legitimada pela coesão encontrada dentro das massas, liberando sentimentos negativos e extremos. Esta liberação, combinada com o medo do castigo ausente em grupos, pode levar as massas a se entregarem facilmente a seus instintos primitivos e a excessos comportamentais que jamais ocorreriam sem a blindagem do anonimato coletivo.

Um começo de antipatia ou desaprovação que, no indivíduo isolado, permaneceria pouco acentuado, na multidão passa a ser um ódio feroz. A violência dos sentimentos das multidões, e sobretudo das multidões heterogêneas, é ainda ampliada pela ausência de responsabilidade. A certeza da impunidade, tanto mais forte quanto mais numerosa for a multidão, e a noção de um poder momentâneo bastante considerável, devido ao número, tornam possíveis no grupo sentimentos e atos que eram impossíveis no indivíduo isolado. Nas multidões, o imbecil, o ignorante e o invejoso, libertam-se do sentimento da sua nulidade e da sua impotência, que é substituído pela consciência de uma força brutal, passageira mas imensa. O exagero nas multidões incide muitas vezes sobre os maus sentimentos, restos atávicos dos instintos do homem primitivo, que o receio do castigo obriga o indivíduo isolado e responsável a reprimir. Assim se explica a facilidade com que as multidões são levadas aos piores excessos (Le Bon, [1895], 1980, p. 20).

Desta forma, se esclarece que a intensificação dos sentimentos negativos nas multidões muitas vezes se origina de impulsos primitivos que sempre existiram e permanecem remanescentes nos instintos primitivos do homem, os quais são normalmente contidos pelo medo das consequências individuais e pela responsabilidade pessoal. Isso ajuda a entender por que as multidões são tão facilmente conduzidas a comportamentos extremos e truculentos, mas possuem pessoas que são inócuas quando separadas em sua individualidade. No entanto, o pai

da psicanálise vai mais além para desvendar a compreensão da consciência coletiva ao afirmar “Então experimentaremos a hipótese de que as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva” (Freud, [1921] 2010, p. 24) e investe o conceito de libido como fator preponderante da unificação ideológica que une as massas em torno dos laços afetivos em torno de seu líder, “é a ilusão de que o líder ama a todos de modo igual e justo” (Freud, [1921] 2010, p. 48), a fantasia deste amor igualitário é a força motriz da coesão das massas artificiais que são erguidas de acordo com Freud (1921) pelo corpo de membros de uma Igreja e/ ou pelo corpo efetivo do Exército que são edificadas preponderantemente pela coação externa. Essa coação externa evita a dissolução destas instituições pelo papel do líder, representados pelo Cristo para a Igreja e pelo general pelo exército, e da relação de amor e cuidado e de amparo simbolizado pelo líder em sua coletividade.

Freud (1921) sugere que a dinâmica das massas humanas reflete uma reminiscência da horda primordial, onde as relações de poder e hierarquia são recriadas de maneira simbólica. Assim como cada indivíduo carrega traços do homem primevo em seu íntimo, a formação de grupos sociais pode ressuscitar, de certa forma, a estrutura e os instintos da horda ancestral. Ao analisar o comportamento coletivo, reconhecemos uma continuidade da psicologia da coletividade que comungam com os padrões primitivos de organização e interação e argumenta que a psicologia individual, comumente isolada da influência da massa, na verdade, tem suas raízes na psicologia coletiva, emergindo posteriormente como um desdobramento gradual e parcial desse estado primordial.

A massa nos parece, desse modo, uma revivescência da horda primeva. Assim como o homem primevo se acha virtualmente conservado em cada indivíduo, assim também pode ser restabelecida a horda primeva a partir de um ajuntamento humano qualquer; na medida em que os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva. Temos de concluir que a psicologia da massa é a mais velha psicologia humana; aquilo que, negligenciando todos os vestígios da massa, isolamos como psicologia individual, emergiu somente depois, aos poucos, e como que parcialmente ainda, a partir da velha psicologia da massa. Mais adiante ousaremos indicar o ponto de partida desse desenvolvimento (Freud, [1921] 2010, p. 47).

Nesse contexto coletivo, os indivíduos tendem a se submeter a influências inconscientes e a adotar padrões de pensamento e ação que divergem significativamente de seu comportamento individual. A psicologia das massas, portanto, representa uma expressão direta dos impulsos e conflitos mais básicos da mente humana, muitas vezes obscurecidos pela civilização e pela cultura. Ao reconhecer essa ligação entre a psicologia da massa e as origens

ancestrais da humanidade, Freud (1921) abre caminho para uma compreensão mais profunda das motivações subjacentes que conduzem nossas ações e nosso comportamento que estão tão atrelados à nossa psique quanto aos fenômenos sociais e políticos.

Mais à frente, em *o mal-estar na civilização*⁵⁸, o mestre vienense constatou como o nosso Eu condiciona o complexo aparato psíquico em relação ao mundo exterior que nos cerca, um processo que não ocorreu sem sofrimento, por este ter sido imposto pela cultura, que exigiu uma renúncia pulsional por sua vez, e que como efeito colateral contribuiu para o mal-estar presente no tecido social, resultante da restrição imposta pelos ideais culturais. Esse conflito entre a liberdade individual e os anseios coletivos eventualmente desencadearam reivindicações ou rebeliões contra as normas estabelecidas. Enquanto a renúncia pulsional exigida pela cultura pode ser vista como a raiz da hostilidade e do direcionamento do ódio, que causam transtornos, ansiedades e dor.

De acordo com Freud, os esforços para mitigar nossa dor e nossa insaciável busca por satisfação, aprofundaram as origens das causas da nossa infelicidade, e de forma geral ampliaram os conflitos entre o indivíduo e a sociedade, conflitos que se manifestam de diversas formas através de contestações da autoridade do Estado que podou e refreou o ódio nas relações sociais. *O mal-estar na civilização* também lança uma reflexão sobre a origem do carência de lidar com a completude e da finitude do homem, quando Freud (1930) retoma seu ensaio *O futuro de uma ilusão*⁵⁹ de 1927, momento em que ele argumenta sobre a base da religião que reside no sentimento de desamparo humano, levando a uma reação infantil de buscar um pai protetor. Ele sugere que na religião esse desejo é satisfeito apenas na imaginação, tornando-a uma ilusão, uma fantasia de realização de desejo, e a finalidade da vida se torna uma das motivações propulsoras para a busca de respostas na religião, o que faz desta busca espiritual um dilema para solucionar as questões mais profundas da existência humana e das necessidades represadas, como o conceito abstrato de felicidade:

É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do Universo o contraria; podemos dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha no plano da “Criação”. Aquilo a que chamamos “felicidade”, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente

⁵⁸ Publicada pela primeira vez em 1930 sob o título **Das Unbehagen in der Kultur**, representa um avanço após a formulação da segunda tópica, e fornece uma análise mais nítida e coerente das complexidades envolvidas nos relacionamentos humanos. Neste texto, Freud investiga as questões subjetivas que surgem pela busca de uma felicidade e prazer constante, e confronta os paradoxos subjacentes aos sofrimentos e a dor desta satisfação inatingível.

⁵⁹ “**Die Zukunft einer Illusion**” é um ensaio publicado de 1927 considerada como a principal abordagem sobre a religião, para Freud a base da religião é um fenômeno social contemporâneo fundamentada no desamparo.

represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico. Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição. É bem menos difícil experimentar a infelicidade. O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considerá-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão fatidicamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem (Freud, [1930], 2010, p. 17).

Desta forma a busca pela "felicidade" se torna inatingível, em seu sentido mais restrito, por se originar pela liberação repentina de necessidades profundamente reprimidas, e por ser um fenômeno de natureza transitória. Assim, a continuação constante de uma situação de "felicidade" levaria em nossa limitação apenas a um bem-estar moderado e monótono, pois, nossa capacidade de desfrutar reside mais no contraste do que na constância. As possibilidades de felicidade são limitadas pela nossa própria natureza, enquanto a infelicidade é mais facilmente experimentada.

Além disto o pai da psicanálise analisou o conflito da renúncia à violência humana ao longo de sua evolução, que represou seus instintos em um longo processo que separa a sociedade de nossos dias até as hordas primitivas, isto explica como a agressividade que era uma característica dominante de tempos imemoriais, foi contornada restringida e controlada durante o processo civilizatório, no entanto ainda essa contenção da agressão não a eliminou, mas sim a deslocou para outras formas de expressão. Isso permitiu que os indivíduos canalizassem seus impulsos agressivos e odiosos para fora de seu próprio grupo social, muitas vezes manifestando-se na forma de violência em diversas relações humanas, uma liberação do ódio reprimido, uma expressão da propensão humana à crueldade e destruição.

Evidentemente não é fácil, para os homens, renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade; não se sentem bem ao fazê-lo. Não é de menosprezar a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade (Freud, [1930], 2010, p. 43).

Para o psicanalista, devido à hostilidade primária entre os homens, a sociedade terá que conviver sempre à sombra de sua possível desintegração, por esta razão a civilização põe limites

aos instintos agressivos do homem. Desta forma a contenção estabelecida pela segurança da sociedade que monopolizou a violência, proporcionou uma deslocação dos impulsos agressivos e odiosos do aparato psíquico para outros alvos. Essa transferência possibilitou que os indivíduos direcionassem suas emoções destrutivas para o outro, resultando muitas vezes em conflitos intergrupais e violência contra outros povos e etnias. Assim, a emergência de hostilidades entre as castas sociais pode ser interpretada como uma liberação do ódio contido e previamente reprimido, revelando a persistência da propensão humana à crueldade e à destruição, que apesar de parecer estar adormecida, permanece latente e aguarda por um gatilho ou oportunidade para se manifestar, até que seja despertada por alguma motivação ou circunstância que lhes permita ressurgir, essa dinâmica revela uma inclinação inerente na natureza humana para o ódio que se encontra represada, mas não está extinta e que pode ser desencadeados por diferentes motivos ou circunstâncias, por essa razão, ciclicamente os homens se predispõem para atrocidades nas guerras e nos conflitos que por sua vez novamente retornam para assombrar a nossa consciência.

Dentro deste panorama, é possível conjecturar que a psicanálise desvende os abusos hegemônicos de poder exercidos contra as minorias, e desmascara como a agressividade humana, frequentemente tão negada no discurso ideológico, surge devido à incapacidade das pessoas de lidarem com a identificação de atributos considerados anômalos, recusando-os e negando-lhes seus direitos. Neste sentido, *o Mal-estar na Civilização* ofereceu uma significativa contribuição para a compreensão da violência, bem como dos diferentes tipos de exploração que surgem a partir dos instintos de morte. Estes instintos têm a capacidade de transformar o medo e a fragilidade em manifestações de massacre e dor, identifica na agressão contra o outro uma tentação para satisfazer impulsos agressivos. Nesse contexto, *o Mal-estar na Civilização* vai além das explicações sociais ou do sistema econômico, ao destacar que nossas pulsões guiam nossas travessias culturais e são responsáveis pelo homem se tornar predador de sua própria espécie.

[...] para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. *Homo homini lupus* [O homem é o lobo do homem] (Freud, [1930], 2010, p. 41).

O mal-estar na civilização, também delimita as imperfeições da promessa da sociedade, e a insuficiência da civilização em promover o bem estar social, além de conseguir expor como a hostilidade e o ódio, são inatas na constituição de cada um de nós, por isso, qualquer ser

humano está predisposto à violência, não por acaso, vivenciamos as dificuldades enfrentadas pelos homens em seus relacionamentos, e como as suas pulsões reprimidas se contrapõem paradoxalmente, em relação aos refreamentos e contenções estabelecidos pela cultura durante o processo civilizatório.

Se a cultura impõe tais sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem, compreendemos melhor por que para ele é difícil ser feliz nela. De fato, o homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia restrições ao instinto. Em compensação, era mínima a segurança de desfrutar essa felicidade por muito tempo. O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança (Freud, [1930], 2010, p. 43).

Na complexa tessitura das relações sociais, a renúncia aos impulsos agressivos representou um desafio significativo, que gerou um desconforto aos indivíduos compelidos a suprimirem seu inerente pendor à agressividade, uma renúncia que se chocou contra os instintos básicos do ser humano. Este dilema era parcialmente resolvido ao permitir que a agressividade pudesse ser direcionada para fora do grupo, ou seja, contra aqueles que não são membros, facilitando a manutenção da coesão interna através do amor entre os integrantes do próprio grupo. Este mecanismo evidencia uma estratégia social de canalização da agressividade para manter a ordem interna, enquanto se preserva a união através de sentimentos positivos entre os membros do mesmo grupo. No entanto, quando a cultura impôs sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao impulso agressivo, a felicidade tornou-se um objetivo mais difícil de ser alcançado dentro dessas normas culturais. Freud (1930) compara essa condição com a do homem primitivo, que, sem tais restrições, vivenciava uma felicidade mais imediata, embora menos segura. Desta forma, ele ilustra que o homem moderno realiza uma troca entre felicidade e segurança, refletindo sobre o constante embate entre a satisfação dos desejos individuais e as exigências impostas pelo convívio social. A pesquisa de Freud (1930) sobre esse tema desvenda a perene tensão entre a liberdade dos instintos e as restrições culturais, uma dualidade que molda profundamente a experiência humana nas sociedades contemporâneas e suas relações que Freud (1930) chamou de “narcisismo das pequenas diferenças” que de forma comedida um grupo social expõe comparações e diferenças entre eles com outros grupos, esse comportamento acaba por revelar antipatias que geram rivalidades entre si, um indício da intolerância e de ódio reprimido, que não poderia ser tolerado no próprio grupo, mas encontra uma permissividade ao se direcionar esta pulsão contra outras comunidades, outras cidades vizinhas e principalmente outros povos.

Não é de menosprezar a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem

a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade. Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses etc. Dei a isso o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, que não chega a contribuir muito para seu esclarecimento. Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade (Freud, [1930], 2010, p. 43).

Ao canalizar os sentimentos contidos de agressão e hostilidade contra grupos sociais externos, ignorando suas próprias semelhanças, os membros desta comunidade acabam por fortalecer seus laços internos e sua união. Em outras palavras, essa hostilidade para com os “diferentes”, mesmo que por razões triviais e insignificantes, se convém como uma maneira para lidar com a ambivalência entre o amor e o ódio, amor para os nossos e ódio para os não nossos, esse mecanismo permite ampliar e reforçar a identidade e a solidariedade coesa dentro da coletividade pertencente, essa dinâmica se torna desta forma, uma maneira conveniente e relativamente inofensiva de satisfazer a necessidade inata humana que se encontra em sua agressividade e propensão a violência, uma forma das sociedades conseguirem gerenciar as tensões internas sem comprometer sua própria estabilidade.

Obviamente, a psicanálise não trouxe soluções prontas, contudo, mostrava-se eficaz ao compreender as subjetividades humanas, contrariando a falsa ideia de que o ódio e a ira estão condicionados apenas para alguns homens, neste sentido, a contribuição da psicanálise demonstrou para a comunidade científica que qualquer um está propenso à hostilidade, comprovando que o ódio em si, é represado por mecanismos psíquicos bem desenvolvidos, que lidam com o desejo dos sujeitos entre o Eu, que são censuradas e admoestadas pelo supereu e que acabam por se manifestarem para o exterior através da agressividade internalizada.

A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. [...] A civilização controla então o perigoso prazer em agredir que tem o indivíduo, ao enfraquecê-lo, desarmá-lo e fazer com que seja vigiado por uma instância no seu interior, como por uma guarnição numa cidade conquistada (Freud, [1930], 2010, p. 49).

Seguindo o pensamento Freudiano, podemos traçar os processos que poderiam desembocar os instintos mais primitivos inatos de nossa essência, nossa propensão ao ódio sem se sentir culpado, e a estruturação psíquica do eu, supereu, trariam um novo olhar, sobre o

desejo relacionado ao mal. O desejo de praticar o mal pelo Eu, não lhe é nociva, mas como pode fazer parte objeto do desejo, é capaz de lhe propiciar prazer, no entanto este sentimento é aviltado pelo medo do desamparo do amor e da proteção, expondo o sujeito à outros perigos que seriam impostos àqueles que “perderam a proteção e o amor”, ao serem descobertos de sua prática, Freud (1930) exemplifica este medo tomando o caso da infância, o medo de perder o afeto dos pais e sua segurança, o papel desta “custódia” em nossa infância, posteriormente é transferida psiquicamente para a proteção da sociedade, que por si só não é suficiente para que se evite no corpo social a prática também do mal, do ódio e suas ramificações, talvez por esta razão, sujeitos não temeriam praticar o mal supostamente por diferenciar o mal do bem, mas por temerem serem descobertos ao praticá-lo, por temerem sofrer as consequências posteriores à descoberta. No entanto, diante de uma autoridade bem estabelecida no supereu, de onde nada se esconde, nem sonhos, nem pensamentos, o medo de ser descoberto desaparece e se desvanece, a distinção entre empreender ou desejar o mal, manifesta-se desta forma, o sentimento de culpa em outro estágio da consciência de acordo com Freud, ele salienta que em circunstâncias favoráveis, quando tudo está bem para algumas pessoas, e até em pessoas muito religiosas, sua consciência fica branda e suave, se permitindo várias coisas, mas quando é afligido pelo infortúnio, a frustração ou infelicidade, o Eu recobra sobre si, pelo estágio infantil da consciência e é castigado pelo seu supereu, emergindo o sentimento de culpa do medo pela autoridade e posteriormente do supereu.

Conhecemos, então, duas origens para o sentimento de culpa: o medo da autoridade e, depois, o medo ante o Super-eu. O primeiro nos obriga a renunciar a satisfações instintuais, o segundo nos leva também ao castigo, dado que não se pode ocultar ao Super-eu a continuação dos desejos proibidos. Vimos igualmente como é possível entender a severidade do Super-eu, os reclamos da consciência. Ela simplesmente dá continuidade ao rigor da autoridade externa, a que sucedeu e que em parte substitui. Agora percebemos que relação há entre a renúncia ao instinto e o sentimento de culpa (Freud, [1930], 2010, p. 52).

Podemos concluir que, a consciência daqueles que decidem não praticar atos perversos, violentos ou quem não cede ao ódio, não o fazem porque seu mecanismo psíquico de autoridade em seu supereu está muito bem desenvolvido, o que explicaria ao menos em parte, grandes atrocidades recorrentes das ações dos homens onde o ódio se revela presente como nos conflitos, nas guerras e até de nos criminosos frios que aparentam carecer do sentimento de culpa de seus atos de violações contra seus semelhantes. O que também temos que ter em mente, é que Freud (1930) ao nos legar sua obra, *o mal-estar na civilização*, tenta alertar sobre as características auto destrutivas de nossa sociedade enquanto civilização ao lançar sua

observação, de como os nossos instintos primitivos e hostis são regidos e conduzidos por nossa psique, e afirma: “Em circunstâncias favoráveis, quando as forças psíquicas que normalmente a inibem estão ausentes, ela se expressa também de modo espontâneo, e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie” (Freud, [1930], 2010, p.41).

2.2 Da alienação nas relações sociais à fenda para o ódio na teoria social psiquiátrica de Frantz Fanon

Nascido em Fort-de-France, capital da Martinica, uma ilha do Caribe que é uma comuna francesa pertencente ao departamento ultramarino da França. O psiquiatra Frantz Omar Fanon (1925 - 1961) foi um intelectual controverso por seu envolvimento revolucionário na Frente de Libertação Nacional da Argélia, razão pela qual foi perseguido pela França por ser mais uma voz que se levantou contra os abusos totalitários e racistas promovidos pelo neocolonialismo das grandes potências, direcionou sua atenção de forma significativa para as experiências de opressão e de alienação enfrentadas pelos negros antilhanos e pelos árabes da Argélia, seus achados se reverberaram ao longo do século passado e se estendem até a atualidade, por sondar os efeitos psicológicos nocivos causados pelo domínio colonialista expostos pela relação de repressão exercida pela força e imposta pela dor contra os oprimidos para atender os anseios econômicos da metrópole e da burguesia, muitas destas características de exploração e alienação da identidade negra permitiram a manifestação pura do ódio através da segregação e inferiorização econômica e suas consequências se assemelham a todo processo capitalista de exploração, não somente nas colônias mas também em toda economia que utilizou a mão de obra escrava como no sul dos Estados Unidos onde o ódio ganhou proporções extremas e abomináveis através dos linchamentos constantes de afro-americanos. É na analogia da escravidão que existe a supressão do indivíduo e de seus valores que são relatados por Fanon, uma relação onde o ódio e a violência deliberada foi hora externada, hora contida, para coagir qualquer mudança social que colidisse contra a acumulação de capital. Sua contribuição transcendeu nesta perspectiva, as fronteiras geográficas e étnicas, ao desvelar as dinâmicas de poder subjacentes das metrópoles que reproduzem uma mimetização entre o colonizador e o colonizado e influenciou profundamente várias gerações de pensadores anticoloniais, líderes dos movimentos negros nos Estados Unidos e militantes de esquerda. Seu legado dissecou as divergências de um momento histórico quando o mundo estava dividido entre as forças imperialistas capitalistas e o socialismo, e sem hesitar denunciou os males da acumulação

desenfreada pelo capital e suas vítimas quando Fanon (2022, p. 92) descreveu: “A Europa é, literalmente, a criação do Terceiro Mundo. As riquezas que a sufocam são as que foram roubadas dos povos subdesenvolvidos.” O resultado e o reflexo desta experiência de exploração causaram transtornos psicológicos e sociais devastadores sobre as identidades individuais e coletivas por gerações.

Para Fanon (2022, p. 31) “a descolonização é sempre um fenômeno violento”, em qualquer aspecto seja social, político, espiritual e psicológico, pois envolve um revisionismo da mentalidade moldada do colonizado pelo colonizador, um condicionamento conflitante de aceitação e de revolta dentro das condições desumanas de miséria submetidas para os povos dominados no contexto caótico de escassez dos países de terceiro mundo, neste panorama a violência e o ódio racista foi imposto pela força bélica para subjugar ao outro, para inferiorizá-lo, denegrir sua humanidade e substituí-la pela cultura europeia.

A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas, cuja originalidade provém justamente dessa espécie de substantificação que a situação colonial secreta e alimenta. O primeiro confronto entre elas deu-se sob o signo da violência, e sua coabitação — mais exatamente a exploração do colonizado pelo colono — prosseguiu com o grande reforço de baionetas e canhões. O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que “os” conhece. É o colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial (Fanon, 2022, p. 31).

Fanon (2022) denuncia que o aparato de violência iniciado no processo de domínio e que permaneceu durante a continuação deste domínio permitiu o surgimento das forças antagônicas subjetivas no momento da descolonização, este conflito interno da identidade do homem subjogado são sequelas da negação de sua história e de sua própria identificação com seu povo, que teve o indeferimento de sua cultura pelo colono, a exploração neste aspecto extrapola a extração da riqueza dos colonizados, pois removeu e transformou também sua liberdade, sua reconção de ser vivente, sua crença e religiosidade, um processo que se ampliou sua ressignificação com seu mundo exterior, e que torna o mundo do colonizador um modelo a ser seguido econômico, social e espiritual.

A Igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma igreja de estrangeiros. Chama o homem colonizado não para o caminho de Deus, mas para o caminho do branco, para o caminho do senhor, para o caminho do opressor. E, como se sabe, nessa história são muitos os chamados e poucos os escolhidos (Fanon, 2022, p. 37).

A religião foi utilizada furtivamente para justificar a relação de escravização, e neste

processo se tornou mais uma ferramenta para dissuadir o ódio causado pela exploração, e não poderia ser diferente por sua relevância e magnitude nas vidas sociais dos seres humanos como ocorreu em todo processo civilizacional de nossa história. Assim, a religião dentro do contexto serviu para domesticar o conflito desta relação de anulação do outro, impôs sua dita “superioridade” em todos aspectos necessários existenciais de cada ser vivo, sejam econômicos, sociais ou espirituais. Ao substituir seus deuses, a religião serviu como aliada para a perpetuação deste contexto de exploração capitalista, nesta dimensão sem a religião imposta aos convertidos, a missão estaria em permanente risco, e a desconfiguração e do povo dominado não estaria completa, conforme Fanon (2020) coadunou, “A religião é vista com frequência como um meio de se “branquear” (Fanon, 2020, p. 220).

Neste mesmo aspecto, a religião de acordo com James C. Cobb (2005) foi também adaptada para os interesses da elite sulista nos Estados Unidos, momento em que se tentou validar a escravidão, abandonando de fato qualquer crítica que pudesse ser direcionada contra os latifundiários detentores da *commodity* da força de trabalho e esvaziando o senso moral em suas pregações nas igrejas evangélicas. Discurso que primeiramente negou qualquer menção bíblica contra a escravidão e em seguida se esforçou para adaptar as escrituras cristãs na defesa da escravidão como uma “ordenança” das escrituras sagradas, uma subserviência da fé e da religião aos verdadeiros interesses do sistema capitalista sulista dedicado aos grandes cultivos.

Both the southern Methodists and Baptists broke with their northern brethren and sisters over the slavery issue in the 1840s. Not only did they largely abandon their criticism of slavery, but southern evangelicals moved from arguing that the Holy Scriptures did not prohibit human bondage to declaring that they actually ordained it ⁶⁰ (Cobb, 2005, p. 49)

No caso americano, a religião colocaria o norte antagônico como anticristão, os yankees seriam por assim dizer ateus por não seguirem os preceitos doutrinadores ideológicos e teológicos alinhados aos pilares econômicos disseminados nas comunidades religiosas sulistas. Desta forma, a escravidão defendida pelos latifundiários, acabou por se tornar um ponto de cisão não apenas social e política, mas também religiosa, uma estratégia que buscou fortalecer a instituição da escravidão diante das crescentes pressões abolicionistas e discordâncias do norte industrializado. Ao declarar que a escravidão era uma ordenação divina, esses líderes religiosos não só reafirmaram seu compromisso com as estruturas econômicas e sociais existentes, mas

⁶⁰ Tanto os metodistas quanto os batistas do sul romperam com seus irmãos e irmãs do norte por causa da questão da escravidão na década de 1840. Não só abandonaram em grande parte as suas críticas à escravatura, mas os evangélicos do Sul deixaram de argumentar que as Sagradas Escrituras não proibiam a escravidão humana e passaram a declarar que na verdade a ordenaram. “Tradução nossa”

também proporcionaram uma justificativa moral e espiritual que buscava aplacar quaisquer conflitos de consciência entre a fé e a prática da escravidão.

No caso das colônias, além da religião do colono, houve o aparato e o uso militar para dissuadir e cercear os “condenados da terra” para consolidar as condições impostas pelos colonizadores. No entanto, os colonizados ao perceberem que continuariam a não serem aceitos neste modelo imposto, e que seriam essências apenas para fornecer a força motriz econômica que sustenta seus colonos se questionam e se rebelam, principalmente ao perceberem que nada de especial há no colono para que este subjuguem seu semelhante como apontado por Fanon (2022, p. 41), ao afirmar que o colonizado “Descobre que a pele do colono não vale mais que a pele do nativo. Tal descoberta introduz um abalo essencial no mundo. Dela decorre toda a nova e revolucionária segurança do colonizado.” Este abalo não ocorre sem a quebra conflitante dos significados inculcados durante o período de dominação, por esta razão são forças antagônicas que se digladiam em nível também psicológico, forças estabelecidas pela burguesia colonialista e também pelos pequenos burgueses locais, por meio de seus intelectuais, inculcavam no colonizado a crença de que estas essências culturais ocidentais são eternas e superiores, um discurso ideológico que sempre tenta convencer que uma mudança nunca seria possível. Em seu argumento, o intelectual revolucionário esclarece que essas ideias eram internalizadas pelo colonizado, que as aceitava como fundamentais, mesmo que subconscientemente.

Nas regiões colonizadas onde se travou uma verdadeira luta de libertação, onde correu o sangue do povo e onde a duração da fase armada favoreceu o refluxo dos intelectuais às bases populares, assiste-se a uma efetiva erradicação da superestrutura haurida por esses intelectuais nos meios burgueses colonialistas. Em seu monólogo narcisista, a burguesia colonialista, por intermédio de seus acadêmicos, havia inculcado fundo na mente do colonizado que as essências permanecem eternas, a despeito de todos os erros imputáveis aos homens. Essências ocidentais, bem entendido. O colonizado aceitava o fundamento dessas ideias, e podia-se divisar, numa parte recôndita do seu cérebro, uma sentinela alerta, encarregada de defender o alicerce greco-latino. Acontece que, durante a luta de libertação, no momento em que o colonizado restabelece contato com seu povo, essa sentinela artificial vira pó. Todos os valores mediterrâneos, triunfo da pessoa humana, da clareza e do belo, tornam-se bibelôs sem vida e sem cor. Todos esses discursos aparecem como conjuntos de palavras mortas. Os valores que deveriam enobrecer a alma se revelam inutilizáveis, porque não têm relação com a luta concreta na qual o povo se engajou (Fanon, 2022, p. 42).

No entanto, durante a luta de libertação, quando o colonizado se reconecta com seu povo e sua cultura, esses valores impostos perdem sua relevância e significado. A "sentinela" que defendia os valores ocidentais dentro da mente do colonizado se desfaz, pois eles se revelam irrelevantes para a luta concreta pela libertação, e pela ressignificação dos seus próprios valores

e de seu povo. Nesse processo, os valores ocidentais se tornam vagos, são percebidos como vazios e sem vida, porque não têm relação com a realidade do seu sofrimento e ao invés disso, o colonizado começa a valorizar os ideais que são relevantes para sua própria luta e libertação, rejeitando as ideias impostas pelo colonizador.

Este processo de alienação e de supressão da identidade negra permitiu de acordo com Fanon, o surgimento de psicopatologias que foram desencadeadas diretamente em decorrência do colonialismo, e se associavam também pela ruptura empreendida pelo povo argelino contra o imperialismo na guerra de libertação nacional. Estas psicopatologias foram consequências com repercussões e impactos que assolaram a estrutura psicológica dos colonizados que desejavam tomar para si o lugar do seu colono, um desejo consciente de substituição dos bens materiais, das terras e do prestígio que o colonizador desfruta, um conflito erigido pela personalidade colonizada e sistematizada pelo opressor com traumas e feridas abertas submetidas não apenas à subjugação política e econômica, mas também à violência que afeta profundamente sua identidade e seu psique.

Por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo força o povo dominado a se perguntar constantemente: "Quem sou eu, na realidade?". As posições defensivas procedentes dessa confrontação violenta do colonizado e do sistema colonial organizam-se numa estrutura que revela então a personalidade colonizada. Para compreender essa "sensitividade", basta simplesmente estudar, calcular o número e a profundidade das feridas infligidas a um colonizado durante um único dia passado no âmago do regime colonial. Em todo caso, é preciso lembrar que um povo colonizado não é somente um povo dominado (Fanon, 2022, p. 247).

Neste interim, a "negação sistematizada do outro" submetida pela força e a eclosão da guerra pela libertação com todas atrocidades exercidas contra o povo dominado, ampliou essa crise de identidade, onde o colonizado foi forçado a ver-se através dos olhos do colonizador e introjetaram o seu ódio contra o povo negro. Essa assimilação forçada e a resistência dualística pela preservação negra, proporcionaram um complexo sentimento de culpa resultantes das persistentes agressões psicológicas e físicas enfrentadas pelos colonizados, cujo o impacto devastador recaiu sobre suas vidas psíquicas. Fanon, destaca que a luta dos colonizados para ressignificar sua existência e reconectar-se com sua cultura e povo, foi um processo repleto de desafios, pois envolveu curar as fendas psicológicas, enquanto se resistiu ativamente ao apagamento cultural. Portanto, apesar de dominados, os povos colonizados nunca foram meramente passivos, sua resistência contra o sepultamento cultural étnico negro e as tentativas de recuperação de sua identidade definiram sua história e a sua complexidade.

Contudo, lamentavelmente, também foi observado o surgimento de doenças decorrentes da resistência ao colonialismo, refletidas no aumento de casos de problemas psicológicos entre os colonizados. De acordo com o intelectual, essas enfermidades emergiam quando as agressões acumuladas ultrapassavam um certo limiar de tolerância psicológica, demonstrando que as estratégias defensivas que os colonizados utilizam para proteger sua identidade e sanidade começaram a falhar. Situação que permitiu um colapso mental de várias pessoas, manifestando-se em um aumento significativo de internações psiquiátricas entre os colonizados, como ele próprio observou em sua prática médica na Argélia e que foi exposta por suas próprias palavras quando Fanon (2022, p. 248) afirmou: “Hoje, a guerra de libertação nacional que o povo argelino mantém há sete anos, porque ela é total entre o povo, tornou-se um terreno favorável para a eclosão de distúrbios mentais.

Neste panorama a obra póstuma *Alienação e liberdade escritos psiquiátricos*⁶¹(2020), evidenciou casos clínicos com detalhes e termos técnicos da psiquiatria, o tratamento genérico ofertado ao quadro clínico de pacientes muçulmanos, os achados de Fanon (2020) ocorreram enquanto ele praticava a psiquiatria na Argélia. Por seu olhar crítico e domínio na psiquiatria, ele concluiu que o período colonial Francês não levava em consideração os problemas psicológicos e sociais estruturais como consequência da opressão colonial sobre a população argelina, e que a mera aplicação de métodos europeus sem levar em conta as características locais e culturais não seriam adequadas, nem os testes psicológicos seriam devidamente aplicados nestas circunstâncias. Dessa forma, para Fanon (2020) havia uma ausência de um exercício humanizado da psiquiatria autóctone originada e direcionada para a população local, com uma abordagem na língua nativa durante o acompanhamento da psicoterapia, uma desumanização que se somava a segregação imposta pela etnopsiquiatria colonial entre nativos e europeus que dificultava uma assistência humanizada e digna para cada paciente.

Podemos salientar que para Fanon (2020), estas psicopatologias surgidas foram causadas pela complexa dualidade enfrentada pelo negro, para lidar, conciliar e viver sua negritude que foram estremecidas pela hegemonia do ideário branco. No entanto, verifica-se que Fanon (2008) não propôs como objetivo uma igualdade racial, mas a igualdade da essência humana, pois a humanidade é única entre todas etnias, neste aspecto poderíamos comparar esse desejo ao do sociólogo, historiador, ativista e pensador negro Du Bois (1999) que apontava essa eterna dualidade vivenciada também na comunidade negra norte-americana, uma busca pela

⁶¹ *Écrits sur l'aliénation et la liberté* - Publicado postumamente em 2015 a partir de escritos inéditos, aborda uma variedade de temas que giram em torno da psicopatologia, política e filosofia. A obra é composta por duas partes principais: a primeira focada na psicopatologia e a segunda na filosofia.

humanidade consciente que seja capaz de superar os estigmas estas duas forças que aparentam serem irreconciliáveis, dois ideais, um negro que deseja se integrar na sociedade americana reconhecendo as riquezas de sua ancestralidade africana, mas que também não abre mão dos valores da sociedade norte americanas sem ser odiado nem desprezado pela sua nação.

A história do negro americano é a história desta luta – este anseio por atingir a humanidade consciente, por fundir sua dupla individualidade em um eu melhor e mais verdadeiro. Nessa fusão ele não deseja que uma ou outra de suas individualidades se percam. Ele não africanizaria a América, porque a América tem muitíssimas coisas a ensinar ao mundo e a África. Tampouco desbotaria sua alma negra numa torrente de americanismo branco, porque sabe que o negro tem uma mensagem para o mundo. Ele simplesmente deseja que alguém possa ser ao mesmo tempo Negro e americano sem ser amaldiçoado e cuspidor por seus camaradas, sem ter as portas da oportunidade brutalmente batidas na cara (Du Bois, 1999, p.54).

Para Du Bois (1999), o negro americano não precisa abandonar ou diminuir sua identidade, ele argumenta que a fusão de sua individualidade negra dentro dos valores americanos “brancos” não ameaçaria nem perderia a rica contribuição da união destes dois povos “Europeu e Africano”. Neste aspecto, o pensamento tanto de Du Bois (1999) quanto de Fanon (2008) coadunam em torno da humanização e aceitação negra que não representaria a aniquilação da identidade negra ou branca por assim dizer, mas o respeito e a convivência mútua, uma fraternidade de homens sem os preconceitos que os moldam.

Neste aspecto, a obra mais contundente acerca da alienação negra e do combate ao racismo promovido por Fanon, ocorreu em sua tese de doutoramento **Pele negra mascarar brancas**⁶², aborda sobre o resgate da essência humana livre das amarras históricas que nos condicionam, capaz de dizimar o ódio erguido pelo processo colonial que configurou a hierarquia burguesa de exploração, do colono sobre o colonizado através da desconstrução do signo ideológico de inferioridade racial. Fanon (2008) neste aspecto destacou que a alienação psicológica do homem negro surgiu primeiramente pelo poder econômico do colonizador no processo de acumulação de capital, perpassando pela exploração da força de seu trabalho e que internaliza essa hierarquia de inferiorização social psicologicamente para a epiderme. Esse processo de alienação racista acaba por renegar ao negro sua humanização, uma negação de seu ser e coloca o homem branco em um falso universalismo centrista europeu. Assim, **Pele negra mascarar brancas** além de denunciar a posição do oprimido, o humaniza e propõe um caminho

⁶² **Peau noire, masques blancs**, primeiramente foi a tese de doutorado em psiquiatria de Frantz Fanon que foi recusada pela universidade, ele apresentou outro trabalho para a devida conclusão, posteriormente **Pele negra mascarar brancas** foi publicada em 1952.

para o resgate de sua identidade cultural, é também uma obra que aborda várias vertentes dimensionais do racismo institucionalizado que deve ser combatido. Fanon (2008) rejeita alimentar o ódio ao branco, compara este ódio como uma patologia igual a quem tenta embranquecer e anular sua negritude, ele enfatiza que devemos rejeitar a identidade imposta, e reformular uma nova concepção humanista que agregue a humanidade para que todos os homens em sua consciência e empatia possam ultrapassar estes valores ideológicos retrógrados.

O homem não é apenas possibilidade de recomeço, de negação. Se é verdade que a consciência é atividade transcendental, devemos saber também que essa transcendência é assolada pelo problema do amor e da compreensão. O homem é um SIM vibrando com as harmonias cósmicas. Desenraizado, disperso, confuso, condenado a ver se dissolverem, uma após as outras, as verdades que elaborou, é obrigado a deixar de projetar no mundo uma antinomia que lhe é inerente. O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo. O problema é muito importante. Pretendemos, nada mais nada menos, liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro. Tenazmente, questionaremos as duas metafísicas e veremos que elas são freqüentemente muito destrutivas. Não sentiremos nenhuma piedade dos antigos governantes, dos antigos missionários. Para nós, aquele que adora o preto é tão “doente” quanto aquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco. Em termos absolutos, o negro não é mais amável do que o tcheco, na verdade trata-se de deixar o homem livre (Fanon, 2008, p. 26).

Para Fanon, esse processo de descolonização da mente e dos conceitos são convocadas para a libertação do homem de cor e de si mesmo, por ele introjetar os valores das metrópoles europeias relegando sua cultura. Fanon, faz também neste mesmo sentido, uma reflexão acerca das psicopatologias associadas a idolatria exacerbada de brancos por negros ou de negros por brancos ou de sua ambivalência relacionada ao ódio exercido na mesma proporção. Desta forma, ao superar os limites impostos por conceitos econômicos e distinções étnicas, o homem, independentemente de sua cor, possui a capacidade de alcançar uma liberdade verdadeira humana livre de preconceitos que propiciem ao homem que viva em paz com sua consciência. Isso significa que ele pode desvincular-se das restrições e preconceitos que frequentemente moldam a sociedade, permitindo-lhe cultivar um senso de identidade e propósito que é autêntico e não condicionado por fatores eurocentristas. Ao transcender essas barreiras, ele se libera das amarras de classificações raciais que lhe foram condicionadas, e exerce sua liberdade plena.

Para Fanon, o negro aspira à brancura devido à internalização da "humanidade branca imposta pelo colonizador" em sua psique. Ele conclui que essa aspiração é, na realidade, um sintoma do processo de alienação econômica e social. Portanto, o desejo do negro não é

genuinamente ser branco, mas sim alcançar a humanização. Contudo, lhe foi inculcada a percepção de que apenas os brancos são verdadeiramente humanos. “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano.” (Fanon, 2008, p. 27). A desalienação absoluta, no entanto está condicionada ao despertar de sua consciência dos processos históricos e sociais que aprisionaram sua concepção, a humanização efetiva depende da ruptura dos falsos paradigmas que estigmatizaram a cor de sua pele.

A análise que empreendemos é psicológica. No entanto, permanece evidente que a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um duplo processo: — inicialmente econômico; — em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade (Fanon, 2008, p. 28).

A estigmatização da pele forçou ao homem negro a comportar-se como os brancos, incumbindo-lhe a um comportamento para ser aceito, e lhe desviou de sua identificação existencial negra, desde o momento em que a cultura europeia interferiu em seu curso no século XVI. Sob esta perspectiva, existem similaridades sofridas pelos afrodescendentes tanto na colonização das Antilhas que correspondem a realidade vivida por Frantz Fanon, quanto para os afro-americanos da América do Norte e também no Brasil – os dois países que mais escravizaram povos africanos –, sobretudo no concernente aos danos infringidos às comunidades negras, relativos à formação identitária e ao desamparo social de que são vítimas frequentes. Neste aspecto, Nogueira (2021) identifica que o processo de desumanização sofrida pela população negra foi capaz de afetar a afetividade de sua identificação pelas associações amargas e dolorosas com seus pares, uma agonizante associação do passado negro, que em um primeiro momento histórico durante o acúmulo de capital foram reduzidos a mercadorias e a instrumentos de produção, e que posteriormente quando se tornaram cidadãos livres foram desamparados, deixados em situação de abandono e destituídos de recursos econômicos.

A consequência disso é que o negro, no seu processo de tentar se constituir como indivíduo social, desenvolveu um horror a se identificar com seus iguais, pois estes representam, para ele, o retorno de um sentido insuportável, que tenta recalcar: a gênese histórico-social de sua condição de negro, que o remete ao estatuto de “peça”, em primeiro lugar; ao estatuto de *lumpem*, em segundo lugar (Nogueira, 2021, p. 42).

Nogueira (2021) nos apresenta a conclusivamente de que, nesse processo de identificação, o negro acaba por ceder a uma posição de pertencimento à classe dominante que lhe oprimiu, recuperando o imaginário da branquidão como ideal e se afastando das ideias negativas, relacionadas ao negro como “mercadoria” em um primeiro momento e à condição

de “lupem”, em segundo. Desta forma, o pensamento de Nogueira (2021) dialoga e se conjectura com a identificação do colonizado e seu opressor colonizador, como foi apontado por Fanon (2008, p.34) ao argumentar que todos os povos colonizados desenvolvem um complexo de inferioridade, como resultado da supressão e do sepultamento de sua originalidade cultural durante o processo de colonização. Neste panorama, Sousa (1983) nos fala sobre a constituição do indivíduo que usa como modelo, na sua formação, um ideário, o ideal do Ego simbólico (uma imagem de perfeição introjetada a ser perseguida pelo branco bem-sucedido, pela aristocracia branca). “O negro de quem estamos falando é aquele cujo Ideal de ego é branco. O negro que hora tematizamos é aquele que nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido” (Sousa, 1983, p.34). Podemos constatar que o processo de alienação sofrida pelo povo negro é uma constante que sufoca por todos os lados qualquer identificação com seu povo e se assume na formação de seu Ego, como padrão de aprovação a ser atingido deste imaginário embasado e construído pela subjetividade psíquica, que lhe foi respaldada diante da dura realidade de desigualdade econômica e social.

Fanon (2008) dá detalhes desse processo de identificação por substituição, a partir do embranquecimento linguístico, ao observar as mudanças de como os negros, no caso das Antilhas, expressaram-se antes e depois de passarem um longo tempo na França, assumindo para si mesmos, ao menos em sua comunicação ordinária, uma identidade do mundo dos brancos e da cultura hegemônica metropolitana, e se torna objeto de idolatria pelos compatriotas que nunca saíram da sua terra natal. Dominar o Francês no caso, impõe respeito e autoridade por assumir por assim dizer a identificação de quase um “branco” com toda carga simbólica e de significação exercida na psique dos nativos da colônia. O psiquiatra francês também descreve como as vestimentas europeias camuflam uma falsa sensação de brancura e de superioridade em seus compatriotas, além de um estranho sentimento nutrido pelos antilhanos que se se sentem mais evoluídos e brancos quando estes por ventura houvessem servido militarmente a infantaria colonial.

Conhecemos no passado e ainda hoje antilhanos que se envergonham quando são confundidos com senegaleses. É que o antilhano é mais “evoluído” do que o negro da África: entenda-se que ele está mais próximo do branco; e esta diferença existe não apenas nas ruas e nas avenidas, mas também na administração e no Exército. Qualquer antilhano que tenha feito o serviço militar em um regimento de infantaria colonial conhece essa atormentante situação: de um lado, os europeus, os velhos colonos brancos e os nativos; do outro, os infantes africanos (Fanon, 2008, p. 40).

O filósofo e psiquiatra francês nos apresenta como este sentimento de supremacia do colonizador, acaba por contaminar e se reproduzir dentro da própria população negra que tenta se afastar de seu fenótipo hereditário pelo passado subjogado, ao passo que busca encontrar semelhanças legítimas com a elite econômica caucasiana. Conforme foi muito bem apontado também por Sousa (1983) na construção do ideal do Ego simbólico, este horror ao negro revela diversas formas de racismo que foram internalizadas sob a perspectiva do opressor, é desta internalização que Fanon (2008) se refere e do qual deve-se tentar salvar o próprio homem de cor de si mesmo, que introjeta, em seu ser, a cultura branca, esmiuçando vários preconceitos direcionado para outras etnias. Estes, ao assimilarem a brancura do preconceito, se veem melhores do que outros semelhantes. Mais adiante, Fanon (2008) faz uma análise crítica sobre o auto ódio e a valorização da brancura impregnado no primeiro romance lançado na França por uma mulher de cor nascida em Martinica, intitulado *Eu sou uma mulher martinicana*⁶³, para Fanon (2008) a autobiografia de Mayotte Capécia evidencia os danos causados pela colonização contra a identidade negra e enfatiza a alienação psicológica sofrida através da história semi-autobiográfica da autora, uma mulher de cor que tudo aceita e nada exige ou reclama do seu objeto de amor, um homem branco de olhos azuis e de cabelos louros, a autora depois da descoberta narcísica em sua infância de sua negritude e que não poderá enegrecer o mundo ao seu redor, deseja casar-se apenas com um homem branco para embranquecer sua realidade mudando seu pensamento, suas vestimentas e sua condição financeira, e orgulha-se por ter em sua linhagem hereditária uma avó branca. Fanon (2008) destaca que este pensamento de se embranquecer não é algo singular da autora, mas que este desejo é coletivo das mulheres martinicanas. “Mayotte tende ao lactiforme. Pois, afinal de contas, é preciso embranquecer a raça; todas as martinicanas o sabem, o dizem, o repetem” (Fanon 2008, p.57) e aborda a questão de como as antilhanas que conseguem estudar na França, tentam ao máximo evitar um relacionamento afetivo com um negro, não só justificando sua escolha, mas também subvertendo e inferiorizando os valores negros.

A internalização desta inferioridade estabelecida pela alienação nas relações raciais, abre uma fenda psíquica para o ressentimento e o ódio que foram alimentadas pela opressão e que acaba por alimentar uma fobia irracional contra o negro, uma aversão da negritude e de tudo que se associe ao oprimido. No entanto, de acordo com Fanon, este ódio atrelado a cor não é natural nem permanente, por isso precisa ser alimentado e justificado constantemente para

⁶³ **Je suis Martiniquaise**, foi um romance semi-autobiográfico publicado em 1948 da escritora Francesa **Lucette Céranus Combette**, mais conhecida pelo seu pseudônimo **Mayotte Capécia**.

reafirmar a necessidade de se embranquecer e apagar qualquer traço que gere dor ao self. Este processo conflitante interno de se cultivar o ódio contra a negritude e de autojustificação acaba por gerar um complexo sentimento de culpa.

Já dissemos que existem negrófobos. Aliás, não é o ódio ao negro que os motiva. Eles não têm a coragem de odiar, ou não a têm mais. O ódio não é dado, deve ser conquistado a cada instante, tem de ser elevado ao ser em conflito com complexos de culpa mais ou menos conscientes. O ódio pede para existir e aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado; em certo sentido, deve tornar-se ódio. É por isso que os americanos substituíram a discriminação pelo linchamento. Cada um do seu lado. Assim não nos surpreendemos que nas cidades da África negra (francesa?) sempre exista um bairro europeu (Fanon, 2008, p. 61).

Dentro deste panorama o ódio precisa se manifestar através de comportamentos e ações efetivas para se exteriorizar do plano psíquico, e ganhar forma explícita de expressão ao se projetar em atos discriminatórios, essa materialização assume formas de violência comportamentais que se sustentam visivelmente como atos concretos de extremo ódio nas proporções dos linchamentos ocorridos em diversas partes dos Estados Unidos ou na institucionalização da marginalização ocorrida pela segregação entre os bairros ricos destinados aos endinheirados ou aos europeus que vivem na África Francesa.

2.3 Transmutação do ódio e suas manifestações na literatura sulista

A literatura sulista se aprofundou em temas sensíveis da condição humana ao buscar retratar e definir a identificação do sul, seus princípios morais e convicções e neste aspecto acabaram por revelar perplexidades antagônicas da religião que se colidem muitas vezes contra o senso moral individual e comunitário, o dilema da justiça tanto no papel individual quanto no senso comunitário e o ódio racial e as (in)justiças sociais. Neste sentido, Bjerre e Zawadka (2014) apontam que a literatura sulista possui uma longa tradição de retratar violência e depravação. Desde os elementos góticos perturbadores de Edgar Allan Poe, os poetas e escritores do sul têm explorado essa tradição sombria para criar uma atmosfera de estranheza para retratar um mundo de violência e ansiedade.

Salientamos, que em geral estas obras literárias que tocaram os corações e as mentes de tantos leitores por sua riqueza artística e se tornaram mais um instrumento que despertaram em seus leitores o desejo de mudança, possuem termos que eram usados para o período histórico e remetem a este momento tenebroso e doloroso, por esta razão, muitas vezes são usadas palavras

de cunho pejorativo que remetem aos afro-americanos⁶⁴, mas que inegavelmente retrataram com fidedignidade o tratamento áspero, as péssimas condições de vida e a dura realidade dos afro-americanos. Essa virulência da linguagem foi um artifício utilizado para evocarem por mudanças, os termos que chocaram e que continuam a chocar os leitores, ao sintetizarem o linguajar e as características linguísticas extraídas daquela realidade, de certa forma não poderiam ser diferentes pois eles são reflexo deste tempo sombrio que dominou a razão e suplantou o discernimento, permitindo que a ambivalência do amor fosse liberada pelo ódio racial.

Neste aspecto, em meio a tantas obras que poderíamos destacar, escolhemos dois romances que trazem esse escopo do sul e a relação com nosso tema. O primeiro romance que abordaremos o “ódio” é o clássico que se tornou um ícone da literatura realista americana chamado, *as aventuras de Huckleberry Finn* de Mark Twain⁶⁵, que descreve uma visão satírica e detalhada do Velho Sul, e retrata com fidedignidade as classes sociais, desde os brancos pobres como Pap Finn e as pessoas de Bricksville, perpassa pelos fazendeiros de classe média como a família Phelps, até a rica aristocracia proprietária de plantações como os Grangerfords, incluindo, os escravos (Gray, 2011). A história que se passa anos antes da guerra civil americana, e possui uma ligação direta com “As aventuras de Tom Sawyer”. O ódio é um dos temas recorrentes nas relações sociais familiares que encontramos em *as aventuras de Huckleberry Finn*, cujo enredo expõe claramente o racismo institucionalizado contra a população negra, as incongruências da civilização e suas injustiças. No entanto, a violência e de forma mais contundente se revela na intolerância e irracionalidade do ódio indiscriminado como exposto na “rixa hereditária” entre famílias sulistas, neste aspecto Richard Gray e Owen Robinson (2004) afirmam que Mark Twain satirizou a dolorosa e real obsessão pelo prestígio familiar e a honra insensata na mentalidade sulista ao apresentar em *as aventuras de Huckleberry Finn* as disputas e rixas fúteis entre os Shepherdsons e os Grangerfords; com seu desfecho trágico.

A história é narrada em primeira pessoa por “Huck” um menino branco que havia encontrado com seu amigo Tom Sawyer dinheiro escondido por ladrões em uma caverna, avaliado em seis mil dólares para cada um deles, valor tão alto na época que tornou Huckleberry Finn e Tom Sawyer ricos, essa riqueza foi administrada pelo Juiz Thatcher que investiu o valor monetário para os dois, enquanto Huck foi adotado pela viúva Douglas que tentou “civilizar”

⁶⁴ Expressões como a palavra “Nigger” são de cunho muito ofensivo e possuem uma carga pejorativa contra a população negra, de acordo com o dicionário Cambridge **nigger** significa **preto** ou **negro**.

⁶⁵ **Samuel Langhorne Clemens** (1835-1910), mais conhecido pelo seu pseudônimo **Mark Twain**.

Huck: “The Widow Douglas, she took me for her son, and allowed she would sivilize⁶⁶ me; but it was rough living in the house all the time, considering how dismal regular and decent the widow was in all her ways; and so when I couldn’t stand it no longer, I lit out”⁶⁷ (Twain, 2003, p. 68), existe uma crítica implícita à “civilidade” imposta ao protagonista, no entanto Huck não consegue se adaptar, e tudo piora com a chegada da irmã da viúva, a senhorita Watson. Huckleberry ao não suportar mais as rígidas regras impostas para si tentou fugir, mas foi persuadido a retornar pelo seu amigo Tom Sawyer.

Posteriormente o pai alcoólatra e violento de Huck tenta reaver sua custódia para poder ter acesso a riqueza do filho, Huckleberry não suportava mais os abusos do pai, que lhe ameaçava de morte: “He chased me round and round the place, with a claspknife, calling me the Angel of Death and saying he would kill me and then I couldn’t come for him no more. I begged, and told him I was only Huck, but he laughed such a screechy laugh,⁶⁸” (Twain, 2003, p. 116). Os abusos chegaram ao ponto do filho pegar uma arma e cogitar atirar no pai, posteriormente Huck fingiu sua morte, matou um porco selvagem com um machado e cortou sua garganta, espalhou o sangue por um percurso que começava dentro da cabana, passando pela porta arrastando o porco pelo mato até o rio onde afundou em um saco cheio de pedras, e fugiu da cabana de seu pai em direção a Ilha de Jackson para se livrar da sua autoridade abusiva.

Na ilha depois de alguns dias, ele fica muito feliz ao reencontrar Jim, enquanto Jim se assustou porque havia escutado um boato sobre a morte de Huck uma noite antes de chegar na ilha. Jim era um escravo que ele havia conhecido da Senhorita Watson, que se tornou fugitivo ao ouvir sobre os planos de sua venda para um comprador de Orleans, inconformado ele escapa em busca de sua liberdade. Huck se une ao fugitivo e pouco tempo depois se veste como uma menina e vai a cidade, lá descobre por uma mulher que seu pai e Jim são suspeitos pela sua morte, ele fica surpreso ao descobrir também sobre informações de que a população queria linchar Jim: “Before night they wanted to lynch him, but he was gone, you see. Well, next day they found out the nigger was gone; they found out he hadn’t been seen sence ten o’clock the night the murder was done”⁶⁹ (Twain, 2003, p. 163). A mulher desconfia que Jim poderia estar

⁶⁶ O dialeto característico sulista está presente em todo o romance (sivilize: civilized)

⁶⁷ A Viúva Douglas ela me pegou pra filho e declarou que ia me civilizar, mas era duro viver na casa o tempo todo, considerando a tristeza de como a viúva era cheia de regras e decente em todos os seus modos. E assim, quando não consegui aguentar mais, dei o fora. “tradução nossa”

⁶⁸ Ele me perseguiu dando várias voltas pelo lugar com um canivete, me chamando de Anjo da Morte e dizendo que ia me matar, assim eu não ia mais poder vir pra buscar ele. Supliquei e disse que era eu, o Huck, mas ele riu um riso muito estridente... “tradução nossa”

⁶⁹ Antes da noite eles queria linchá-lo, mas ele havia sumido, entende. Bem, no dia seguinte descobriram que o negro havia sumido; eles descobriram que ele não era visto desde as dez horas da noite em que o assassinato foi cometido. “tradução nossa”

escondido na Ilha de Jackson, e também informou a Huck que havia em um primeiro momento uma recompensa de duzentos dólares pelo pai de Huckleberry Finn, por causa da suspeita do seu suposto envolvimento no assassinato do filho, no entanto como o pai apareceu no dia seguinte do seu desaparecimento e solicitou um pouco do dinheiro do filho ao juiz Thatcher para financiar a caça pelo fugitivo Jim que foi creditado como o responsável pela morte, a ajuda financeira seria para financiar a busca por toda Illinois pelo fugitivo. Huck descobre que foi ofertado uma recompensa no valor de trezentos dólares pelo seu amigo, com estas informações, Huck retorna para a caverna na ilha acorda Jim e eles fogem, em uma balsa para a cidade de Cairo em Illinois, com um plano de pegarem em Cairo, um barco a vapor para chegarem através do rio Ohio aos estados livres que proibia a escravidão: “We judged that three nights more would fetch us to Cairo, at the bottom of Illinois, where the Ohio River comes in, and that was what we was after. We would sell the raft and get on a steamboat and go way up the Ohio amongst the free States, and then be out of trouble”⁷⁰ (Twain, 2003, p. 203).

A viagem ocorreria sempre a noite, mantendo-se cautelosos durante o dia. Porém estes planos se frustraram por causa de um nevoeiro que acaba por separá-los, durante o amanhecer do dia seguinte ao se reencontrarem, Huck em sua canoa e Jim em uma balsa perceberam que haviam passado do ponto planejado na cidade do Cairo, posteriormente tarde na noite um barco a vapor que seguia contra a corrente se esbarra na balsa deles, este evento separaria novamente os amigos, Jim se esconderia no pântano e Huck é encontrado pela família Grangerford, que se apresenta mentindo com o nome falso George Jackson, faz amizade com Buck um garoto que aparenta ter a sua mesma idade e se torna um grande amigo.

É neste ponto da trama em as aventuras de Huckleberry Finn que abordaremos a exploração do tema do ódio irracional entre famílias sulistas, neste aspecto acordo com Pettit (2005), Mark Twain (2003) tentou transcrever em seu romance a obsessão sulista pela guerra como um reflexo do desejo perene pela violência, tanto em tempos de guerra quanto em tempos de paz. Por esta razão, Twain narrou a trágica história verídica de duas famílias rivais, os Darnells e os Watsons, em “Life in Mississippi”⁷¹ que se enfrentaram e se desafiavam uns aos outros em lados opostos do rio Mississippi, este ódio se alastrou e se transformou em um banho

⁷⁰ A gente achava que mais três noites iam nos levar pra Cairo, no sul de Illinois, onde entra o rio Ohio, e era isso que a gente tava buscando. A gente ia vender a balsa e embarcar num barco a vapor, subir o Ohio entre os estados livres e então ficar livres de encrenca. “tradução nossa”

⁷¹ O livro "Life On the Mississippi" de Mark Twain pertence ao gênero de memórias, onde o narrador descreve acontecimentos reais de sua vida. Diferente de uma biografia, que aborda a trajetória completa de uma pessoa, Twain se concentra em compartilhar suas recordações e experiências pessoais de sua infância e alguns acontecimentos e fatos do rio Mississippi.

de sangue, estes acontecimentos inspiraram a vendeta posteriormente entre os Grangerford e os Shepherdson no romance de Twain (2003), uma rixa mortal que atravessou gerações cujo o ódio apenas teria seu fim com o final da linhagem de uma das famílias como abordaremos a seguir.

Huck passa a conviver na propriedade da nobre família Grangerford, seu convívio permite que ele comece a apreciar as pinturas dispostas pela mansão, Huckle se sentiu tocado pelos quadros pintados e pela poesia da irmã falecida de Buck e se impressiona com a hospitalidade e a generosidade bondosa desta família aristocrata, no entanto paradoxalmente ele presencia um dos ciclos de violência e de ódio que atravessaram gerações entre Grangerfords e os Shepherdsons, por um motivo banal que é explorado no trabalho de Twain (2003) acerca de rixas entre famílias sulistas, no caso do romance se trata de uma rixa que perdura por décadas, esta rixa é tão antiga que nem mesmo eles se recordam qual seria a razão e o motivo que gerou o ódio que permitiria a perpetuação do derramamento de sangue.

Neste aspecto, Pettit (2005), identifica como a família Grangerford com toda sua riqueza, bens e propriedades deixa de se dedicar ao menos um pouco seu tempo à agricultura e se preocupam a passar mais tempo instigando o ódio e incentivando os familiares a tentarem matar a outra família também “aristocrata” os Shepherdsons. O que chama a atenção é a ambivalência do amor e do ódio transmutados por Twain (2003) em seu romance. Embora os Grangerfords sejam capazes de demonstrarem um amor pujante e uma fineza exorbitante, são inevitavelmente consumidos pelo ódio que direcionam para fora de seu grupo, e finalmente se tornam vítimas deste sentimento quando são mortos pelo ódio executado pelo clã Shepherdson. Apesar de seus títulos honorários e de escravos à sua disposição, esse feudo está preso à um ciclo vicioso de ódio e de violência que parece ser sem fim.

the Grangerfords spend little time farming and more time trying to kill a family just as pointedly named the Shepherdsons. Capable of intense love, they are consumed-and finally killed-by hate. For all their honorary titles and niggers-in-waiting, this fiefdom is set down among backwoods barbarians ⁷² (Pettit, 2005, p. 89).

A dualidade da família é mantida nos detalhes domésticos na compostura do General Grangerford, um cavalheiro bem nascido, nos requintes que somente as classes mais altas poderiam proporcionar. A casa poderia ser a mais elegante que Huck já tivesse visto, mas ele

⁷² Os Grangerfords gastam pouco tempo cultivando e mais tempo tentando matar uma família deliberadamente apenas por ser chamada de Shepherdsons. Capazes de um amor intenso, eles são consumidos – e finalmente mortos – pelo ódio. Apesar de todos os seus títulos honorários e de serviçais negros, este feudo é estabelecido entre os bárbaros do sertão. “tradução nossa”

seria o primeiro a admitir que isso não significaria muito porque ele chegou a conclusão de que para cada característica de gentileza, havia várias características contrárias que comprometem as conquistas dos Grangerfords que foram incapazes em transplantar o amor, a gentileza além de suas terras e de suas posses (Pettit, 2005).

Huckleberry se sente culpado pelo trágico destino de seu amigo Buck e de sua família por ter ido pegar a pedido de Sophia Grangerford, o novo testamento que ela tinha esquecido na igreja. No novo testamento continha um recado do horário que Sophia fugiria com o jovem Harney Shepherdson que desencadeou o derramamento de sangue da família ao tentar buscá-la, Huckleberry tenta ajudar e de longe consegue gritar e se comunicar brevemente com Buck que avisa que seu pai e seus dois irmãos estão mortos, avisa também que conseguiram matar dois ou três Shepherdsons, e que a irmã conseguiu atravessar o rio e fugiu com Harney Shepherdson. Huck continua no alto de uma árvore e vê os homens retornando pela mata furtivamente para emboscarem seu amigo e seu primo ferindo-lhes com disparos de armas, Huck e seu primo tentam fugir da emboscada pelo rio Mississippi, mas infelizmente se tornaram presas fáceis para seus perseguidores que friamente os assassinaram no curso do rio.

All of a sudden, bang! bang! bang! goes three or four guns—the men had slipped around through the woods and come in from behind without their horses! The boys jumped for the river—both of them hurt—and as they swum down the current the men run along the bank shooting at them and singing out, “Kill them, kill them!” It made me so sick I most fell out of the tree. I ain’t agoing to tell all that happened—it would make me sick again if I was to do that. I wished I hadn’t ever come ashore that night, to see such things. I ain’t ever going to get shut of them— lots of times I dream about them ⁷³ (Twain, 2003, p. 261).

Após o desfecho trágico do ódio irracional destas famílias que iriam atormentar para sempre Huck com pesadelos, ele recorda que ficou amedrontado até anoitecer na árvore e que ainda escutou alguns disparos ao longe pela floresta e o som de alguns homens passando perto cavalgando, Huck prometeu a si mesmo nunca mais voltar para a casa dos Grangerford. Ao descer da árvore conseguiu percorrer furtivamente o rio até encontrar os corpos de seu amigo e de seu primo que estavam na margem, Huck arrastou os corpos e cobriu os rostos deles e se emocionou em lágrimas ao cobrir o rosto de seu amigo Buck: “I cried a little when I was

⁷³ De repente, bang! bang! bang! disparam três ou quatro espingardas – os homens tinham dado a volta pela mata e chegado por trás sem os cavalos! Os meninos pularam pro rio – todos os dois feridos – e, enquanto nadavam a favor da corrente, os homens corriam pela margem atirando neles e gritando “Matem eles, matem eles!”. Isso me fez sentir tão mal que quase caí da árvore. Não vou contar tudo o que aconteceu – ia me sentir mal de novo falando disso. Eu queria nunca ter vindo pra margem do rio naquela noite pra ver essas coisas. Nunca vou me livrar – muitas vezes sonho com elas. “tradução nossa”

covering up Buck's face, for he was mighty good to me⁷⁴” (Twain, 2003, p. 262). Huckleberry segue para o pântano, procura por Jim na ilha e desesperado para sair daquela região consegue se reunir novamente com seu amigo Jim, mais tarde juntos passariam por situações inconvenientes e perigosas que tomaram outras consequências drásticas a partir do surgimento no caminho deles de dois trapaceiros vigaristas “Rei” e “Duque” que vendem Jim como um escravo fugitivo, Huck se juntaria com seu amigo Tom Sawyer para libertarem Jim.

Ao fim da aventura Jim consegue se tornar verdadeiramente livre, a falecida Viúva Douglas sua antiga proprietária, havia lhe libertado em seu testamento. Os conflitos psicológicos que Huck enfrentou entre a sua moral e a legalidade condicionada de acordo com os preconceitos da civilização são temas deste clássico que se revelam quando ele próprio se atormenta por estar com um fugitivo e até cogita enviar uma carta para a senhorita Watson para informar sobre o paradeiro de seu companheiro, momento que ele “simbolicamente” escolhe a sua própria razão humana ao invés das contradições impostas pela sociedade, e destrói a carta rasgando e afirmando para si mesmo “All right, then, I'll go to hell” - and tore it up.”⁷⁵ (Twain, 2003 p. 427). De acordo com Gray (2011), o amadurecimento do caráter pessoal de Huckleberry Finn se colidiu com as normas sociais e religiosas de seu tempo, suas ações nem sempre são louváveis e possuem muitas falhas, no entanto sua benevolência humana consegue transpor as diretrizes culturais sulistas.

Huck is a grotesque saint, a queer kind of savior because he does not know he is doing good. His notions of right and wrong, salvation and damnation, have been formed by society. So, when he is doing good he believes that he is doing evil, and vice versa. His belief system is at odds with his right instincts: hence, the terms in which he describes his final decision not to betray Jim⁷⁶ (Gray, 2011, p. 118).

Mark Twain (2003), ao criar em o personagem Huckleberry Finn, propositalmente traçou os conflitos psicológicos causados pelos dilemas incutidos dos valores culturais e religiosos do seu tempo, o amadurecimento de Huck ocorre nesta luta interna pessoal entre o que ele acredita ser o certo e a quebra de paradigmas que lhe foi ensinado pela sociedade. Conforme foi apontado por Bloom (2007), ao rasgar a carta e aceitar sua “condenação” conjurada pela sociedade, Huck consegue se tornar livre dos principais conflitos interpessoais

⁷⁴ Eu chorei um pouco quando eu estava cobrindo o rosto de Buck, pois ele foi muito bom para mim. “tradução nossa”

⁷⁵ Tudo bem, então, vou para o inferno” – e rasguei tudo. “tradução nossa”

⁷⁶ Huck é um santo grotesco, um tipo estranho de salvador porque não sabe que está fazendo o bem. Suas noções de certo e errado, salvação e condenação foram formadas pela sociedade. Então, quando está fazendo o bem, acredita que está fazendo o mal e vice-versa. Seu sistema de crenças está em desacordo com seus instintos corretos: daí os termos em que ele descreve sua decisão final de não trair Jim. “tradução nossa”

que o perseguiram ao longo de sua jornada. Ele não precisará mais resolver os dilemas entre liberdade e amizade, solidão e solidariedade, e a consciência cristã e puritana que estavam opostamente posicionados aos valores naturais e pagãos do "bom selvagem". Esta amizade forjada pela busca de uma vida livre explorada na bela paisagem do rio Mississippi rumo ao estado livre de Illinois, explora também a temática da liberdade, ao mesmo tempo confronta a hipocrisia disfarçada do ódio humano que encontrou terreno fértil na violência gratuita e nas injustiças contra os homens em diversas classes sociais.

E por fim a representação da resiliência na figura de Jim que se tornou mais que um amigo para Huckleberry, lhe protegendo e até exercendo um papel de um pai substituto, Jim humanizou a visão deste menino que foi criado cercado por ódio, preconceito, violência e valores retrogradados, mas que compreendeu que um homem não poderia nunca ser propriedade de outro. A travessia pelo Mississippi e seus desfortúnios, possibilitou o amadurecimento de Huck ao conseguir enxergar a grandiosidade e dignidade de Jim, libertou a si e ao mesmo tempo libertou Huck da imagem arquetípica doutrinadora sulista que desumanizava os afro-americanos para justificar a perversidade da escravidão, através dos olhos de Jim, seu protegido enxergou uma sociedade que ideologicamente destituiu a dignidade humana e menosprezou seu intelecto e que transformou humanos em uma propriedade. O personagem de Jim enaltece por assim dizer, a superação humana que mesmo em meio a tantas aflições promovidas pelo ódio racial e frustrações com seu sofrimento, mesmo estando cercado por um ambiente hostil que constantemente lhe coage por sua situação e lhe coloca em uma situação frágil pelas leis e injustiças de seu tempo, lhe impondo o status de foragido, não desvanece por viver sob a ininterrupta ameaça de ser denunciado e prefere permanecer um foragido e manter-se como um homem nobre e íntegro, por essa razão Jim representa o melhor da humanidade que bravamente resiste contra as mais diversas representações que o ódio pode representar sem que seja necessário perder sua essência benevolente.

O segundo romance gótico sulista que abordaremos brevemente apesar de toda sua complexidade, mas cuja temática possui diversos matizes do ódio, é um marco literário de William Faulkner ⁷⁷ *Absalão, Absalão!*⁷⁸ cuja carga semântica da exclamação do título é apenas mais uma das analogias quem remetem ao ódio e às tragédias que assolam aos homens. No caso do título, que soa claramente como uma exclamação existe a analogia direta ao infortúnio da

⁷⁷ **William Cuthbert Faulkner** (1897-1962) considerado um dos maiores escritores sulistas foi laureado como prêmio Nobel de literatura.

⁷⁸ *Absalam, Absalam!* Foi publicado em 1936, é considerado a sua maior obra prima juntamente com o romance *"The Sound and the Fury"* (O Som e a Fúria) que foi publicado em 1929.

desgraça que atingiu a família do rei Davi através dos seus três primeiros filhos que em ordem cronológica seriam Amnom, Tamar e seu terceiro filho⁷⁹Absalão. De acordo com o velho testamento na Bíblia, Amnom que era o filho primogênito do rei Davi com Ainoã, se apaixonou perdidamente por sua irmã: “Tinha Absalão, filho de Davi, uma formosa irmã, cujo nome era Tamar. Amnom, filho de Davi, se enamorou dela.” (Bíblia, 2 Sm. 13, 1, p. 418) No entanto, para ter acesso à princesa, ele fingiu estar doente e solicitou ao seu pai, o rei Davi que enviasse sua irmã para alimentá-lo. Quando Tamar chegou e preparou os bolos, Amnom ordenou que todos se retirassem de sua presença, e pediu para sua irmã lhe alimentasse levando os bolos à sua boca, e tomou-lhe pelas mãos solicitando que Tamar tivesse relações com ele, Tamar se negou, mas Amnom por ser mais forte lhe forçou e consumou o incesto, logo em seguida ele lhe repudiou, expulsando-a. Esta ação de Amnom, permitiu que o ódio se instalasse no coração de seu irmão Absalão “Ao saber de tudo isso, o rei Davi ficou indignado. E Absalão não falou nada com Amnom, nem bem, nem mal, embora o odiasse por ter violentado sua irmã Tamar” (Bíblia, 2 Sm. 13, 21-22, p. 419).

Dois anos depois Absalão planejou e executou sua vingança, convidou todos seus irmãos para a comemoração da festa de tosquia das ovelhas, em sua casa quando seus convidados comiam e bebiam, ordenou que seus servos assassinassem Amnom quando ele estivesse embriagado e assim o fizeram. Consumado sua vingança, ele fugiu para Gesur onde viveu sob a proteção de seu avô, o rei Talmai por três anos. Posteriormente Absalão retornou com a pretensão de destronar seu pai em Jerusalém, o ciclo de derramamento de sangue apenas se encerrou quando Absalão ao tentar fugir de uma batalha ficou com sua cabeça presa em um carvalho: “Indo Absalão montado no seu mulo, encontrou-se com os homens de Davi; entrando o mulo debaixo dos ramos espessos de um carvalho, Absalão, preso nele pela cabeça, ficou pendurado entre o céu e a terra; e o mulo, que ele montava, passou adiante (Bíblia, 2 Sm. 18, 9-10, p. 426). Absalão em seguida foi assassinado pelo comandante chefe Joabe e seus homens, desobedecendo a ordem do rei Davi de poupar seu filho. A bíblia narra sobre a profunda tristeza que se abateu sobre o rei Davi mediante a desgraça e os desfortúnios que o destino lhe havia reservado com a desonra, morte e o derramamento de sangue em sua própria família.

O romance *Absalão, Absalão!* Também é claramente uma analogia da ascensão e queda do sul dos Estados Unidos simbolizado a partir da representação fictícia em uma escala menor, mas que reflete por assim dizer toda escala macro social que coexistiu nos Estados

⁷⁹ Absalão e Tamar foram os filhos do rei Davi com Maacá, filha do rei Talmai de Gesur. O filho primogênito de Davi foi Amnom com sua segunda esposa chamada Ainoã proveniente do vale de Jezreel, após Davi fugir de Saul e deixar sua primeira esposa Mical.

Confederados, desta forma o microcosmo refletido no núcleo familiar é apenas uma fração do reflexo de todo tecido social, principalmente na representação da elite aristocrata sulista representada por Thomas Sutpen. A história é contada através do resgate da rememoração e a desfragmentação fundamentada pelas perspectivas de cada narrador sobre os eventos que levaram a ascensão e queda de Thomas Sutpen, que é o foco central de toda obra e como isso acabou por afetar negativamente de forma direta ou indireta em toda comunidade. Toda narrativa ocorre por flashbacks e retratam os eventos ocorridos a partir das memórias e histórias das pessoas que conheceram este estranho forasteiro. De modo que, as perspectivas de cada narrador constroem o mistério que ronda a fonte questionável da origem de sua riqueza, a frieza para atingir seus objetivos e suas pretensões para se estabelecer em uma enorme propriedade em extensão de terras onde ele constrói sua mansão.

Quentin Compson é um dos principais narradores que relata a pedido de Shreve seu amigo canadense e companheiro de quarto da universidade de Harvard sobre o velho sul: “Tell about the South. What’s it like there. What do they do there. Why do they live there. Why do they live at all”⁸⁰ (Faulkner, 1936, p. 93). Shreve deseja compreender as peculiaridades e o amargo fardo da herança sulista do “Deep South”, o canadense também contribui na narrativa com suas suposições para preencher algumas lacunas entre os acontecimentos, juntos eles tentam reconstituir os eventos que levaram toda família Sutpen à fatídica condenação e inevitável tragédia, soma-se a estes narradores o pai e o avô de Quentin Compson e a senhora Rosa Coldfield, que já no início da narrativa convida o jovem Quentin para que vá em sua casa para lhe contar sobre a obscura chegada de Thomas Sutpen ao condado de Yoknapatawpha⁸¹, no Mississippi, com o objetivo de construir seu império e se tornar um poderoso patriarca, como podemos constatar em uma das primeiras descrições perturbadoras de Rosa Coldfield ao seu convidado:

Out of quiet thunderclap he would abrupt (man-horse-demon) upon a scene peaceful and decorous as a schoolprize water color, faint sulphur-reek still in hair clothes and beard, with grouped behind him his band of wild niggers like beasts half tamed to walk upright like men, in attitudes wild and reposed, and manacled among them the French architect with his air grim, haggard, and tatter-ran. Immobile, bearded and hand palm-lifted the horseman sat; behind him the wild blacks and the captive architect huddled quietly, carrying in

⁸⁰ “Conte sobre o Sul. Como é lá. O que eles fazem lá. Por que eles vivem lá. Por que eles absolutamente vivem lá” “tradução nossa”

⁸¹ Yoknapatawpha é o condado fictício da vasta obra de William Faulkner situado no Mississippi, é baseado no seu condado natal Lafayette.

bloodless paradox the shovels and picks and axes of peaceful conquest ⁸²
(Faulkner, 1936, p. 07).

Faulkner (1936) consegue apresentar através das diferentes narrativas entre as distorções apresentadas de cada personagem sobre a vida de Thomas Sutpen, e apresenta um mosaico crítico do self-made man que habita no ideário sulista. Podemos constatar isso nas recordações divergentes apresentada pelo pai de Quentin que admira Sutpen, e o contraponto da personagem Rosa Coldfield que apresenta a deturpação dos valores deste estranho que ninguém conhecia, e que se tornou prospero através da exploração desumana de seus escravos, este Senhor frio e calculista é um exemplo desta elite latifundiária que levou o sul à ruína, não por acaso essa relação da ganância e abandono da consciência moral foram estopins da desumanização e exploração do outro, a ambição neste aspecto fomentou um terreno fértil para que o ódio e a violência se aflowssem. Neste aspecto, Burnett, Hagstette e Miller (2023) coadunam que esta prosperidade sulista do ponto de vista econômico é problemática e acaba por propiciar através da exploração uma estrutura de classes rígida, uma exploração que favorece o surgimento de castas sociais.

Thomas Sutpen attempts to achieve the mythical American dream. Born into an impoverished family in Appalachian western Virginia, he goes to the West Indies to make a fortune and then moves to Mississippi to build an imperial plantation, making the transition from poverty to wealth in one generation. Faulkner's novel indicates that Sutpen's progress is problematic because his prosperity depends upon the exploitation of his family, his community, and dozens of enslaved people who build his plantation and produce the commodities that create his wealth. Sutpen's story illustrates that the southern economic system is based on systemic inequalities that impede class mobility ⁸³ (Burnett; Hagstette; Miller, 2023 p. 24).

A ascensão social que arrancaria Thomas Sutpen da sua miséria, suas ações e sua trajetória sinistra codifica para Rosa Coldfield claramente, que ele é a encarnação maligna do

⁸² De um silencioso trovão ele irromperia (homem-cavalo-demônio) numa cena pacata e decorosa como uma aquarela premiada na escola, um vago cheiro de enxofre ainda nos cabelos, roupas e barba, e, agrupado atrás dele, seu bando de pretos selvagens, como feras meio domadas para andarem eretas como homens, com ares selvagens e tranquilos e, algemado entre eles, o arquiteto francês com sua aparência triste, exausta e esfarrapada. Imóvel, barbado e com a palma da mão erguida estava o cavaleiro; atrás dele, os negros selvagens e o arquiteto cativo se ajuntavam em silêncio, carregando em incruento paradoxo as pás e picaretas e machados de uma conquista pacífica. “tradução nossa”

⁸³ Thomas Sutpen tenta realizar o mítico sonho americano. Nascido numa família empobrecida nos Apalaches ocidentais da Virgínia, ele vai para as Índias Ocidentais para fazer fortuna e depois muda-se para o Mississippi para construir uma plantação imperial, fazendo a transição da pobreza para a riqueza numa geração. O romance de Faulkner (1936) indica que o progresso de Sutpen é problemático porque a sua prosperidade depende da exploração da sua família, da sua comunidade e de dezenas de pessoas escravizadas que constroem a sua plantação e produzem as mercadorias que criam a sua riqueza. A história de Sutpen ilustra que o sistema econômico do Sul se baseia em desigualdades sistêmicas que impedem a mobilidade de classes. “tradução nossa”

demônio, um estranho que chegou ao condado de Yoknapatawpha em 1833 com seus escravos acorrentados e um arquiteto francês, um forasteiro que ninguém conhecia sua história ou origem, de onde vinha suas posses e que fundou a centena Supten se tornando um dos maiores plantadores de algodão da região que era lucrativa, mas também profundamente ligada às estruturas de poder e opressão racial. O infortúnio do destino permitiu que Rosa por pertencer a uma família local respeitada tivesse sido a cunhada de Supten, que se casou com sua irmã Ellen Coldfield em 1838, afim de concretizar seu plano em erguer sua dinastia a qualquer custo. Essa amargura no coração de Rosa por ter testemunhado o sofrimento de sua irmã e seus sobrinhos e até de seu pai o Sr. Goodhue Coldfield, que sofreram diretamente com os infortúnios e as fatalidades atribuídos às inescrupulosas ambições de seu cunhado estão implícitas nos relatos que ela faz para Quentin Compson: “I saw what had happened to Ellen, my sister. I saw her almost a recluse, watching those two doomed children growing up whom she was helpless to save. I saw the price which she had paid for that house and that pride”⁸⁴ (Faulkner, 1936, p. 12)

No desenrolar das diferentes narrativas percebemos como o ódio foi capaz de semear inevitavelmente a destruição da família Supten, através das ações do patriarca em sua cega ambição desde seu passado sombrio antes de chegar ao condado de Yoknapatawpha em 1833, esta semente do ódio plantada por Supten remetia ao seu passado obscuro, ele repudiou sua primeira esposa Eulalia Bon, a única filha de um plantador de açúcar Haitiano de descendência francesa ao descobrir sobre a sua miscigenação e abandonou seu filho Charles Bon junto a sua mãe em New Orleans, este passado no entanto retornaria com consequências catastróficas anos mais tarde, enquanto o filho de Thomas Supton e Ellen Coldfield estava na Universidade do Mississippi, Henry estabelece um forte aço de amizade com Charles Bon e o convidou para conhecer sua família, Charles bon começa um relacionamento com Judith Supten e ambos se apaixonaram, sem saberem que eles eram irmãos.

A revelação do passado por Thomas Supton para seu filho Henry para evitar a continuação do relacionamento entre Charles Bon por ser um incesto com sua irmã Judith Supten, perturba profundamente à Henry, no entanto Henry renuncia sua progenitura e posteriormente se alista juntamente com Charles Bon no exército dos Estados Confederados Juntos, Henry e Charles participam de diversas batalhas, momentos cruciais que intensificam seus conflitos internos. A experiência compartilhada no campo de batalha fortalece

⁸⁴ Eu vi o que tinha acontecido com Ellen, minha irmã. Eu a vi quase uma reclusa, vendo crescer aquelas duas crianças condenadas que ela era impotente para salvar. Vi o preço que ela teve que pagar por aquela causa daquele orgulho “tradução nossa”

temporariamente a amizade entre eles, mas também exacerba as tensões decorrentes dos traumas da guerra, onde os valores de ambos são profundamente abalados. No entanto, sob a influência de seu pai, que tenta convencer Henry a impedir a qualquer custo o casamento de seus filhos, consegue persuadir a Henry que Charles tem ascendência negra. Henry decide impedir a união, não por causa do incesto, mas por causa do ódio racial. Para ele, o incesto seria preferível à miscigenação. Esse ódio racial enraizado precede e conduz à tragédia que marca a perdição da família Sutpen quando Henry assassina seu irmão nas proximidades da propriedade da sua família. De acordo com Snodgrass (2005), a mansão Sutpen, semelhantemente à Casa de Usher de Edgar Allan Poe, foi construída sobre crueldade e a escravidão, e desmorona sob o fardo do desespero, da mesma forma o ódio racial, a intolerância e a rejeição do filho mestiço de Sutpen são preponderantes para a decadência inevitável da propriedade Sutpen. Estes fatos que envolvem tanto o ódio acaba por impressionar ao amigo de Quentin, Shreve McCannon, que fica perplexo com a complexa rede de pecados na história de Sutpen, reflete e indaga como as pessoas da região vivem muitos anos a mais do que deveriam devido a esse fardo: “The South,” Shreve said. “The South. Jesus. No wonder you folks all outlive yourselves by years and years and years.”⁸⁵ (Faulkner, 1936, p. 194)

O personagem de Quentin Compson pertencia a uma família tradicional da aristocracia sulista, ele era neto do General Compson que foi o único amigo de Thomas Hupton: “Yes,” Quentin said. “Grandfather was the only friend he had.”⁸⁶ (Faulkner, 1936, p. 142). Seu pai, o Sr Compson também é um narrador do romance e possui um olhar mais neutro com certo distanciamento do passado, mas que lhe causa indignação e resignação por suas raízes, sua consciência possui uma carga de fatalismo, enquanto seu filho ao ponderar sobre os acontecimentos sobre sua região, indaga profundamente em seu pensamento a ressignificação das ações transmitidas nas palavras da velha mulher em sua mente:

It’s because she wants it told, he thought, so that people whom she will never see and whose names she will never hear and who have never heard her name nor seen her face will read it and know at last why God let us lose the War: that only through the blood of our men and the tears of our women could He stay this demon and efface his name and lineage from the earth ⁸⁷ (Faulkner, 1936, p. 09).

⁸⁵ “O Sul”, disse Shreve. “O Sul. Jesus. Não admira que vocês de lá sobrevivam a si mesmos por anos e anos e anos.” “tradução nossa”

⁸⁶ “Sim,” Quentin disse. “Vovô foi o único amigo que ele teve.” Tradução nossa”

⁸⁷ É porque ela quer que isso seja contado, pensou ele, para que pessoas que ela jamais verá e cujos nomes jamais ouvirá e que nunca ouviram seu nome nem viram seu rosto o leiam e saibam em enfim por que Deus permitiu que nós perdêssemos a Guerra: que somente através do sangue dos nossos homens e das lágrimas das nossas mulheres Ele poderia deter esse demônio e apagar seu nome e linhagem da terra. “tradução nossa”

O sentimento de culpa por pertencer ao sul despertado no personagem de Quentin Compson faz parte do estilo de Faulkner (1936) em retratar a violência, o ódio e a tragédia humana, que demarcaram o impacto do fardo do velho sul na descoberta da própria identidade sobre as novas gerações que nada teriam haver com os erros cometidos por seus ancestrais no passado, desta forma, a identificação conflituosa sofrida por Quentin Compson com a história de sua região, é assim uma analogia relacionada ao sofrimento destas novas gerações, que acabaram por associar a decadência familiar social e econômica sulista após o conflito armado às consequências dos pecados, perversões, crimes e atrocidades que foram cometidas pelas gerações anteriores e que não podem ser apagados de sua ancestralidade, não ao menos da sua consciência. Neste panorama, Faulkner (1936) tenta transmutar o sentimento ambivalente de amor e de ódio inerente aos sulistas que não suportam se identificarem com sua amarga herança histórica. Podemos perceber claramente o conflito interno de Quentin no final emblemático do romance quando Shreve lhe indaga com sua última pergunta: “Now I want you to tell me just one thing more. Why do you hate the South?”⁸⁸ (Faulkner, 1936, p. 195). Ao que Quentin parecia não estar preparado para responder e em um tom impetuoso responde com veemência: “I dont hate it,” Quentin said, quickly, at once, immediately; “I dont hate it,” he said. I dont hate it he thought, panting in the cold air, the iron New England dark; I dont. I dont! I dont hate it! I dont hate it!⁸⁹ (Faulkner, 1936, p. 195).

A negação enfática e ensurdecadora de Quentin de que ele não odeia o Sul no fim do romance de Faulkner (1936) está fortemente ligada a condenação e repressão psíquica que ele exerce sobre si. Na psicanálise de acordo com teoria freudiana a negação pode ser um dos mecanismos de defesa, onde o indivíduo evita reconhecer pensamentos ou sentimentos que sejam dolorosos demais, inaceitáveis ou abomináveis, desta maneira a negação ao sentimento de ódio em reação a sua terra natal sintomatizou o evidente mecanismo de defesa psíquico que permitiu a Quentin poder tentar evitar o reconhecimento completo da sua dor que habita seu conflito interno. Admitir o ódio pelo Sul significaria uma ruptura com sua identidade e sua herança histórica pessoal, algo que ele não estava preparado para enfrentar. Um sinal de que o seu mecanismo de defesa falhou e que lhe causou angústia “Se uma repressão não consegue impedir o surgimento de sensações de desprazer ou de angústia, então podemos dizer que ela fracassou, ainda que tenha alcançado sua meta na parte ideativa” (Freud, [1915] 2010, p. 68).

⁸⁸ Agora eu quero que você me conte apenas mais uma coisa. Por que você odeia o Sul?”

⁸⁹ “Eu não odeio”, disse Quentin, velozmente, de uma vez, imediatamente. “Eu não odeio”, ele disse. Eu não odeio pensou, ofegando no ar frio, na escuridão gélida da Nova Inglaterra; não. Não! Eu não odeio! Eu não odeio! “tradução nossa”

3. CAPÍTULO III – COMO O CONTEXTO HISTÓRICO SE INFILTRA E REVERBERA O ÓDIO ENRAIZADO EM MAYCOMB

De modo geral, as obras dos autores que abordamos anteriormente, tanto Mark Twain (2003), quanto Willian Faulkner (1936), tiveram suas experiências demarcadas por valores culturais e até mesmo eventos reais que os inspiraram e que marcaram profundamente suas vidas, a magnificente contribuição do legado deles, assim como da abundante produção literária de tantos outros autores permitiram que o gênero gótico sulista repercutisse e construísse parte da sumptuosa formação da identidade norte americana como um gênero ligado ao ódio e a violência relacionadas as atitudes dos homens, o horror neste gênero está contextualizado no pior do ser humano, e se manifesta nas suas relações sociais grotescas que atravessaram gerações se convertem pela tragédia edípica de seus personagens. A partir deste momento, iremos abordar algumas partes do romance da obra de Harper Lee em *To Kill a Mockingbird* e analisaremos alguns aspectos que inspiraram também a esta escritora sulista, a expurgar as injustiças e o ódio em sua criação literária neste romance épico que retrata muito bem este subgênero, cuja repercussão em seu lançamento ocorreu em meio as tensões e repressões estavam eclodindo em meio aos movimentos civis dos anos 60. Em seguida, faremos uma análise entre a teoria Freudiana e alguns apontamentos realizados por Frantz Fanon, que podem dialogar com algumas passagens da narrativa, com as ações de alguns personagens e até mesmo com o simbolismo e analogias que foram utilizados pela autora.

3.1 Maycomb uma cidade não tão fictícia assim: um recorte da perversa alma sulista em “*To Kill a Mockingbird*”

Apesar de ser uma ficção, Johnson (1994) identifica que o impacto comovente do romance *To Kill a Mockingbird* ajudou a escancarar as tensões e injustiças reais que eram promovidas pela segregação e que insistia em se perpetuar no extremo sul dos Estados Unidos, durante a época da publicação que coincidiu com os movimentos dos direitos civis que estavam a todo vigor exigindo mudanças reais que garantissem a igualdade jurídica e de cidadania de todos afro-americanos.

The dramatic impact of the novel *To Kill a Mockingbird* was heightened by the conditions under which African-Americans were living in the deep South, the emerging changes in their legal situation, and the turbulent relationship between the races at the time of its publication. The novel appeared within four years of two of the most

dramatic events in civil rights history, both of which occurred in Alabama⁹⁰ (Johnson, 2015, p.83).

Segundo Johnson (1994), a segregação racial havia sido historicamente uma dura realidade descarada que se perpetuou no Sul dos Estados Unidos, cuja separação de negros e brancos se alastrava desde o sistema de educação nas escolas, na religiosidade através das igrejas e nos cuidados médicos nos hospitais onde eram atendidos separados, viviam em bairros distintos. Além dos serviços esta separação também ocorria nos serviços oferecidos pelos profissionais que atendiam a população negra que era atendida por médicos e dentistas diferentes.

Neste sentido, a segregação que se alastrava pelas salas de espera nas repartições públicas, nas estações de ônibus e trens, nos banheiros, e até os bebedouros de água são feridas reais do passado que retratam na ficção como foram preponderantes para a disseminação do ódio racial e a intolerância. De acordo com Jean Bellemin-Nöel (1978), à revelia da consciência: “estamos condenados a repetir um passado do qual nos lembramos e a tomar como lembranças aquilo que jamais se repetirá sob sua forma primeira.” (Bellemin-Nöel, 1978, p. 97). Partindo desse pressuposto, podemos perceber a angustia de alguns artistas ao transmutarem para as artes seus traumas, sofrimentos, decepções e frustrações que por meio da produção literária, e das outras formas de arte como na pintura, na música ou no cinema, conseguiram criar mecanismos psíquicos para resistirem, sobreviverem e darem um significado a nossa dura realidade. Desta forma, a literatura se tornou um destes escapes para escritores e leitores, por nos permitir através da fantasia outras possibilidades de um mundo imaginário que transita entre o a realidade e a utopia, ou que escancare nossas feridas afim de tentarmos alardear nossas imperfeições e talvez desta forma, possamos provocar uma fagulha de mudança e de esperança para que possamos lidar com as inexoráveis vicissitudes da vida e a forma como ela nos afeta a cada dia psicologicamente.

Dentro deste contexto a escritora norte americana Nelle Harper Lee (1926-2016), escreveu um clássico da literatura gótica sulista através dos eventos narrados em primeira pessoa a partir do prisma de uma criança a personagem Jean Louise Finch em *To Kill a Mockingbird*⁹¹, romance que demarca a perca da inocência de uma criança entre os anos de 1933 e 1935 no estado do Alabama, em uma cidade fictícia chamada Maycomb, período que

⁹⁰ O impacto dramático do romance *To Kill a Mockingbird* foi intensificado pelas condições sob as quais os afro-americanos viviam no extremo Sul, as mudanças emergentes na sua situação jurídica e a relação turbulenta entre as raças no momento da sua publicação. O romance apareceu quatro anos depois de dois dos eventos mais dramáticos da história dos direitos civis, ambos ocorridos no Alabama. “tradução nossa”

⁹¹ Recebeu o título no Brasil “O sol é para todos”

delineou os anos seguintes após a crise econômica de 1929 e que arrastou milhares de famílias para a miséria. Para Snodgrass (2005), a ambientação escolhida pela autora exatamente durante a Grande Depressão serviu como pano de fundo para retratar o horror em uma pequena cidade sulista, expondo a injustiça racial, a violência e o ódio das castas sociais que se contrapõem ao humanismo admirável do advogado Atticus Finch e seus ideais. Devemos lembrar que o horror de Maycomb referido por Snodgrass (2005), se refere às ações repreensíveis dos habitantes da pequena cidade nas suas relações abomináveis em coletividade que causam repulsa.

To Kill a Mockingbird expõe uma ferida que precisava ser revisitada através da sua protagonista que rememora sua infância no início da trama, quando começa a contar em tom sarcástico e crítico sobre suas raízes sulistas ao resumir como seu ancestral Simon Finch, conseguiu de forma obscura assegurar os recursos que garantiriam as condições para que ele se estabelecesse como um senhor proprietário de terras, aos moldes do capitalismo colonial, ela até ironiza a consciência cristã de Simon Finch que fez fortuna no cultivo de algodão até o declínio inevitável de seu status e da maioria dos latifundiários de sua região a partir do fim da causa perdida pelos Estados Confederados e a queda social dos plantadores.

In England, Simon was irritated by the persecution of those who called themselves Methodists at the hands of their more liberal brethren, and as Simon called himself a Methodist, he worked his way across the Atlantic to Philadelphia, thence to Jamaica, thence to Mobile, and up the Saint Stephens. Mindful of John Wesley's strictures on the use of many words in buying and selling, Simon made a pile practicing medicine, but in this pursuit he was unhappy lest he be tempted into doing what he knew was not for the glory of God, as the putting on of gold and costly apparel. So Simon, having forgotten his teacher's dictum on the possession of human chattels, bought three slaves and with their aid established a homestead on the banks of the Alabama River some forty miles above Saint Stephens. He returned to Saint Stephens only once, to find a wife, and with her established a line that ran high to daughters. Simon lived to an impressive age and died rich [...] Simon would have regarded with impotent fury the disturbance between the North and the South, as it left his descendants stripped of everything but their land, yet the tradition of living on the land remained unbroken until well into the twentieth century, when my father, Atticus Finch, went to Montgomery to read law, and his younger brother went to Boston to study medicine ⁹² (Lee, 1960, p. 08).

⁹² Na Inglaterra, Simon estava irritado pela perseguição daqueles que se chamavam a si mesmos de metodistas nas mãos dos seus irmãos mais liberais e, como Simon chamava a si mesmo como um metodista, resolveu atravessar o Atlântico e ir para a Filadélfia, depois para a Jamaica, daí para Mobile, até Saint Stephens. Consciente das duras críticas que John Wesley fazia ao uso da esperteza no exercício do comércio, Simon ganhou muito dinheiro com a prática da medicina, mas foi infeliz, por ter cedido à tentação de fazer coisas que sabia que não eram pela glória de Deus, como acumular ouro e trajes luxuosos. Assim, esquecendo os ditames de seu mestre sobre a posse de bens humanos, Simon comprou três escravos e com a ajuda deles construiu uma casa à margem do rio Alabama, uns sessenta quilômetros acima de Saint Stephens. Voltou a Saint Stephens apenas uma vez, para arrumar uma esposa, e com ela iniciou uma descendência farta em filhas. Simon viveu até idade avançada e morreu rico. [...]

O relato de Scout sobre a origem de sua linhagem hereditária nos fornece por assim dizer, um paralelo que se confunde com a história da vasta maioria das famílias sulistas cuja riqueza era proveniente das plantações do algodão ou do tabaco, estes senhores latifundiários perderam seu status com as mudanças sociais enfrentadas após o fim da guerra de secessão. Scout deixa claro que a família Finch havia ascendido no sistema capitalista pela exploração escrava e por todos os meios que seriam repreensíveis ao cristianismo no período anterior a guerra, e portanto, desta maneira vergonhosa foi uma vez pertencente a aristocracia que já não existe mais, ao menos não atrelada às plantações, no entanto através das mudanças significativas que ocorreram durante e posteriormente ao período da Reconstrução, o fim desta aristocracia permitiria o surgimento de trabalhadores brancos qualificados nas universidades que foram preponderantes na formação recente da nova classe média e dos novos pobres trabalhadores sem posses como seu pai. No entanto, este novo Sul que explorou a mão de obra escrava conservou suas formas de dominação com novos mecanismos de segregação como as leis Jim Crow que assegurou sua hegemonia ao blindar o acesso às universidades somente aos brancos e limitando o conhecimento para a comunidade negra. De acordo com Shields (2016) o sistema de opressão se estendia concretamente pelo analfabetismo e propositalmente faltavam recursos e equipamentos para as escolas básicas que atendiam as crianças negras. Ao evitar o conhecimento, asseguravam a supressão de direitos, e sabotavam qualquer efetiva ascensão social, bem como a omissão de igualdade civil aos afro-americanos.

Conseguimos acompanhar por toda narrativa, um linguajar infantilizado característico de uma criança que aos poucos está amadurecendo, e sua travessia da perda da inocência juntamente com o reconhecimento dos sentimentos e as emoções básicas do mundo infantil em conjunto com seu irmão Jeremy Atticus "Jem" Finch, que vivem explorando os limites da sua vizinhança sob os cuidados da cozinheira da família Calpurnia, que se transformou em uma figura feminina protetora após a morte da mãe deles. Estas fronteiras de descobertas se ampliaram com a chegada de Charles Baker Harris, chamado por eles por "Dill" Harris que se provou se tornar um grande amigo de sua infância, Dill possui uma fixação com a casa misteriosa dos Radleys, principalmente por causa das fantasias assustadoras imaginadas que estas crianças criavam relacionadas aos motivos da reclusão de Boo Radley, um menino que as

Simon deve ter sentido uma ira impotente em relação aos conflitos entre o norte e o sul do país, já que, por causa deles, seus descendentes não herdaram nada além de suas terras. A tradição de viver nelas, porém, se manteve inalterada até depois da metade do século XX, quando meu pai, Atticus Finch, foi para Montgomery estudar Direito e seu irmão caçula foi para Boston estudar Medicina. “tradução nossa”

crianças temiam por preconceito de sua condição mental e pela sua reclusão dentro de sua casa.

Inside the house lived a malevolent phantom. People said he existed, but Jem and I had never seen him. People said he went out at night when the moon was down, and peeped in windows. When people's azaleas froze in a cold snap, it was because he had breathed on them. Any stealthy small crimes committed in Maycomb were his work. Once the town was terrorized by a series of morbid nocturnal events: people's chickens and household pets were found mutilated; although the culprit was Crazy Addie, who eventually drowned himself in Barker's Eddy, people still looked at the Radley Place, unwilling to discard their initial suspicions ⁹³ (Lee, 1960, p. 13).

Neste contexto infantil, percebemos como Scout ainda é uma criança muito ingênua, e como ela ainda está presa na fantasia e na imaginação, seu medo em relação a fantasmas irreais se depararia com o verdadeiro horror de sua comunidade, que transformaria sua compreensão limitada e insuficiente de mundo e que rapidamente transformaria seu amadurecimento conflituoso ao ponto de capacita-la para conseguir compreender a conjectura perversa da maldade das pessoas em sua comunidade que é assolada por fantasmas reais do preconceito, do medo e do racismo, neste aspecto, de acordo com Shields (2016), o Sul era uma sociedade segregada tanto pela lei quanto pelos costumes; para os brancos, essa segregação funcionava de maneira prática, desde que a crença fundamental na inferioridade dos negros fosse rigidamente observada. Esta crença de superioridade se revelava cotidianamente nas relações sociais e eram manifestadas como ódio indiscriminado contra todos que se opusessem à segregação conservadora sulista através da intolerância.

Dentro deste panorama, a vida de Scout que parecia ser normal começa a ser afetada em sua comunidade a partir do momento em que seu pai assume a defesa de Tom Robinson, um jovem homem negro inocente que é acusado de estuprar Mayella Violet Ewell uma mulher branca. Este fato repercute por toda Maycomb, e os moradores esbravejam seu ódio contra a família Finch, Scout foi a primeira a sentir o rancor de sua comunidade a partir de ataques verbais de colegas da escola, uma destas ofensas de escárnio ocorreu com o colega Cecil Jacobs que tenta denigrir o pai de scout utilizando um vocabulário muito ofensivo contra a comunidade negra ao chamar o pai de Scout de “defensor de pretos”: “He had announced in the schoolyard

⁹³ Na casa morava um fantasma malévol. As pessoas diziam que ele existia, mas Jem e eu nunca o vimos. As pessoas diziam que ele saía à noite, quando a lua estava baixa, e espiava pelas janelas. Quando as azélias nos jardins do condado congelavam em uma noite muito fria, era por que ele tinha soprado sobre elas. Todos os pequenos delitos furtivos em Maycomb eram sua obra. Uma vez, a cidade foi aterrorizada por vários fatos mórbidos ocorridos à noite: galinhas e animais domésticos foram encontrados mutilados. Embora o culpado fosse o maluco Addie, que acabou se afogando na correnteza do riacho Barker, as pessoas continuavam a olhar para a casa dos Radley, recusando-se a abandonar suas primeiras suspeitas. ‘tradução nossa’

the day before that Scout Finch's daddy defended niggers" ⁹⁴ (Lee, 1960, p. 78).

A intolerância e o ódio racial em *Maycomb*, não se escondem nas entrelinhas do romance, ao invés disto se escancara em vários momentos do romance, algumas situações revelam os maiores responsáveis pelo ciclo de preconceito, como o comportamento de Cecil Jacobs que demonstra como as crianças eram provavelmente expostas aos comentários racistas de seus pais em seus lares, e como elas reproduzem estes discursos nos ambientes em que frequentam. Podemos neste sentido, também evocar o comportamento reprovável e repugnante que exala o ódio racial e segregacionista através das gerações mais velhas como a da Sra Henry Lafayette Dubose, que não aceitava em suas palavras, a traição de um homem branco para se oferecer uma defesa justa a um homem negro, se referindo a Atticus como um homem desleal que se opõe contra seu grupo étnico, as duras palavras da Sra Dubose se dirigiram a Scout e seu irmão Jem: "Yes indeed, what has this world come to when a Finch goes against his raising? I'll tell you!" She put her hand to her mouth. When she drew it away, it trailed a long silver thread of saliva. "Your father's no better than the niggers and trash he works for!" ⁹⁵ (Lee, 1960, p. 104). O insulto da Sra Dubose, havia ferido Jeremy Finch profundamente, enquanto sua irmã Scout se magoou e se decepcionou, porque até aquele momento ela não tinha escutado nada parecido de um adulto em relação ao seu pai. Este momento crucial de incomplacência é mais um momento chave utilizado por Atticus mais tarde, para tentar ensinar aos seus filhos sobre empatia mesmo quando confrontado pelo ódio.

A tensão se escala quando um grupo de homens racistas da cidade de *Maycomb*, armam um plano e despistam o xerife Heck Tate e sua equipe em uma chamada na floresta para emboscarem sem resistência na prisão Tim Robinson que estava acompanhado pelo seu advogado Atticus Finch, no entanto acontece um enfrentamento entre Atticus Finch contra a multidão que deseja linchar até a morte Robinson, a tensão cresce a medida em que Scout, Jem e Dill que estavam espreitando de longe a cadeia, se aproximam e Scout interfere reconhecendo o pai de um de seus colegas de escola que estava tentando instigar o linchamento o Sr Cunningham.

"He in there, Mr. Finch?" a man said. "He is," we heard Atticus answer, "and he's asleep. Don't wake him up." In obedience to my father, there followed what I later realized was a sickeningly comic aspect of an unfunny situation:

⁹⁴ Ele havia anunciado no pátio da escola, no dia anterior, que o pai do Scout Finch defendia os negros. "tradução nossa"

⁹⁵ "Sim, de fato, a que ponto este mundo chegou quando um Finch vai contra seu iguais que lhe criaram? Eu vou te dizer!" Ela levou a mão à boca. Quando ela o afastou, deixava um longo fio prateado de saliva. "Seu pai não é melhor que o negros e lixo para quem ele trabalha!" "tradução nossa"

the men talked in nearwhispers. "You know what we want," another man said. "Get aside from the door, Mr. Finch." "You can turn around and go home again, Walter," Atticus said pleasantly. "Heck Tate's around somewhere." "The hell he is," said another man. "Heck's bunch's so deep in the woods they won't get out till mornin'." "Indeed? Why so?" "Called 'em off on a snipe hunt," was the succinct answer. "Didn't you think a'that, Mr. Finch?"⁹⁶ (Lee, 1960, p. 148).

Enquanto Atticus Finch solicitava que seus filhos Jem e Scout para que eles voltassem para imediatamente para casa, Scout reage a multidão e tenta conversar com o Sr Cunningham, com sua inocência e espontaneidade lembra que ela vai à escola com seu filho e que ambos são da mesma turma, com este gesto ela consegue despertar a empatia em um momento de tensão, sem intenção consciente, sua inocência e ingenuidade conseguem ao menos naquele momento parar o do ódio e a violência, e dissipa a mentalidade daquela "multidão" que poderia ter levado a uma tragédia, o Sr Cunningham, se abaixou pegou nos ombros de Scout, disse que avisaria a seu filho sobre o que ela havia dito, e dispersou os homens indo embora: Then he did a peculiar thing. He squatted down and took me by both shoulders. "I'll tell him you said hey, little lady," he said. Then he straightened up and waved a big paw. "Let's clear out," he called. "Let's get going, boys"⁹⁷. (Lee, 1960, p. 151).

O julgamento ocorre na cidade De Maycomb. No tribunal, assim como em outros espaços públicos por causa da lei Jim Crow, existia a segregação que separava os brancos dos negros, desta maneira os afro-americanos aguardam por sua vez para ocuparem seus espaços. Scout, Jem e Dill não conseguiram lugar para assistir, mas o revendo Sykes convida-os para ficarem no balcão com os negros, eles aceitam e conseguiram ficar na primeira fila mediante a gentileza de quatro afro-americanos que gentilmente ofereceram seus lugares. Durante o rito processual, o xerife Heck Tate depôs sobre os acontecimentos da noite de 21 de novembro, quando foi convocado por Bob Ewell e encontrou Mayella muito machucada, ela havia dito que Robinson havia se aproveitado dela. A partir de seu relato, Tate se deslocou para a residência de Robinson e o prendeu. Atticus Finch consolidaria sua defesa ao encontrar várias

⁹⁶ "Ele está aí dentro, sr. Finch?" um homem disse. "Ele está", nós escutamos Atticus responder, "Ele está dormindo. Não o acordem." Os homens obedeceram a meu pai, mais tarde me dei conta de que era um aspecto nojentamente cômico de uma situação sem graça: os homens começaram a falar quase em sussurros. "Você sabe o que nós queremos." Outro homem disse "Saia da porta, sr. Finch" "Você pode dar meia-volta e ir para casa novamente, Walter" Atticus disse, agradavelmente "Heck Tate está em algum lugar por perto." "No inferno ele está," disse outro homem. "A patrulha de Heck está tão enfiada na mata que só sai amanhã de manhã." "É mesmo? Como sabe?" "Nós inventamos um motivo para eles irem até lá, foi a resposta sucinta. "Não pensou sobre isto, sr. Finch?" "tradução nossa"

⁹⁷ Então ele fez uma coisa peculiar. Agachou-se me me segurou pelos ombros. "Direi a ele que você mandou lembrança, mocinha" ele disse. Em seguida levantou-se e fez sinal com a mão. "Vamos esvaziar," e chamou "Vamos indo, rapazes" "tradução nossa"

inconsistências nos depoimentos dos acusadores, dentre estas inconsistências ele questiona ao Xerife Tate por que eles não chamaram um médico no local, se a vítima estava tão machucada e em seguida pergunta qual dos olhos dela estava machucado, Tate se recorda que foi o olho direito dela: “Atticus looked up at Mr. Tate. “Which side again, Heck?” “The right side, Mr. Finch, but she had more bruises—you wanta hear about ‘em? ⁹⁸” (Lee, 1960, p. 165).

Atticus Finch costura inicialmente a defesa netas brechas e questiona ao Sr Bob Ewell, sobre o incidente e dentre outras perguntas relevantes, a que se destacou foi se ele era canhoto, essas perguntas somadas a outros depoimentos se provaram importantes para tentar provar a inocência de Robinson perante o tribunal. Durante o julgamento a cidade inteira parecia ter parado para acompanhar a condenação de mais um homem negro, e muitas pessoas de outras cidades vem para acompanharem o caso. Mayella Ewell é apresentada como uma mulher branca que vivia em extrema pobreza e ignorância, ela cuidava de seus irmãos mais novos. A moça desejava sair daquela realidade, esse desejo é simbolizado pelo seu cultivo de gerânios vermelhos em seu quintal para embelezar e suavizar um pouco o ambiente sujo e sombrio de sua casa, uma moradia indigente cuja as janelas eram apenas buracos com panos que se situava em um terreno por trás do lixão da cidade. Mayella Ewell tinha 19 anos e vivia isolada sem contato com outras pessoas de sua idade, ela observava Tom Robinson que passava com frequência na frente da varanda de sua casa, conforme ela mesmo explicou em seu depoimento: “I knowed⁹⁹ who he was, he passed the house every day” ¹⁰⁰(Lee, 1960, p. 180).

Desesperada por atenção e afeto, Mayella se interessou por Tom Robinson, e planejou uma maneira de ficar a sós com ele, sua intenção era seduzi-lo e por esta razão, ela o convida para entrar solicitando sua ajuda no interior de sua casa e lhe encurralando, mas a versão dela no tribunal foi bem diferente, tentando incriminar Robinson como um predador sexual que havia se aproveitado da situação, em seu depoimento deturpado, ela disse que pediu ajuda em um serviço domiciliar e que em um certo momento dentro de sua casa quando ela foi pegar o pagamento de seu serviço Robinson correu para cima dela, lhe segurou pelo pescoço e lhe forçou a beija-lo enquanto falava palavras sujas, ela prossegue sua mentira e diz que resistiu e lutou e Robinson lhe bateu várias vezes nela:

“I said come here, nigger, and bust up this chiffarobe for me, I gotta nickel for you. He coulda done it easy enough, he could. So he come in the yard an’ I

⁹⁸ Qual lado mesmo, Heck? “O lado direito, Sr. Finch, mas ela tinha mais hematomas... quer saber mais sobre eles? “tradução nossa”

⁹⁹ Os erros verbais na linguagem de Mayella se dizem respeito a sua classe social, muito pobre sem acesso a educação e a margem de uma linguagem padrão.

¹⁰⁰ “Eu sabia quem ele era, ele passava pela casa todos os dias.” “tradução nossa”

went in the house to get him the nickel and I turned around an 'fore I knew it he was on me. Just run up behind me, he did. He got me round the neck, cussin' me an' sayin' dirt—I fought'n'hollered, but he had me round the neck. He hit me agin an' agin—”¹⁰¹ (Lee, 1960, p. 176).

Após o depoimento de Mayella Atticus Finch começa a lhe interrogar sobre as circunstâncias dos fatos, e ela entra em contradição em um primeiro momento em relação se Robinson havia ou não lhe espancado no rosto: “Do you remember him beating you about the face?” The witness hesitated. [...] “No, I don't recollect if he hit me. I mean yes I do, he hit me.”¹⁰² (Lee, 1960, p. 181). Ele insiste e questiona se ela realmente lembra quem a lhe espancou, e pede para que ela identifique o homem que lhe estuprou no tribunal para ambos estão falando da mesma pessoa, ela aponta para Robinson e diz que foi ele, Atticus solicita que Robinson fique de pé e todos os presentes ficam estarecidos ao perceberem que o acusado possui o braço esquerdo menor que o direito e que não possuía movimento, comprovando que por ser aleijado, as versões de espancamento e o olho direito ter sido afetado não implicam ao mesmo homem:

“I want you to be sure you have the right man. Will you identify the man who raped you?” “I will, that's him right yonder.” Atticus turned to the defendant. “Tom, stand up. Let Miss Mayella have a good long look at you. Is this the man, Miss Mayella?” Tom Robinson's powerful shoulders rippled under his thin shirt. He rose to his feet and stood with his right hand on the back of his chair. He looked oddly off balance, but it was not from the way he was standing. His left arm was fully twelve inches shorter than his right, and hung dead at his side. It ended in a small shriveled hand, and from as far away as the balcony I could see that it was no use to him. “Scout,” breathed Jem. “Scout, look! Reverend, he's crippled!”¹⁰³ (Lee, 1960, p. 181).

As perguntas anteriores realizadas por Atticus em relação se Bob Ewell era conhoto, e se sua filha realmente lembrava quem espancou a moça corroboraram com a linha de investigação sobre a inocência de Tom Robinson, ele não poderia ter machucado Mayella

¹⁰¹ “Eu disse a ele: “Venha cá, preto, cortar esse armário com o machado para mim. Eu tenho um níquel para você.” Ele podia fazer aquilo fácil, ele poderia. Então ele veio no quintal e eu fui em casa pegar o níquel para ele, então me virei e, quando percebi, ele estava em cima de mim. Apenas correu atrás de mim. Me segurou pelo pescoço, xingando e dizendo coisas sujas—Lutei e gritei, mas ele não largou o meu pescoço. Bateu em mim várias vezes—” “tradução nossa”

¹⁰² “Você se lembra dele batendo em seu rosto?” A testemunha hesita. [...] “Não, não me lembro se ele me bateu. Quero dizer, sim, ele me bateu. “tradução nossa”

¹⁰³ “Quero que tenha certeza que você saiba quem é o homem certo. Você identificará o homem que estuprou você?” “Eu vou, é ele ali.” Atticus voltou-se para o réu. “Tom, levante-se. Deixe a senhorita Mayella dar uma boa olhada em você. É este o homem, senhorita Mayella? Os ombros poderosos de Tom Robinson ondulavam sob a camisa fina. Ele se levantou e apoiou a mão direita nas costas da cadeira. Ele parecia estranhamente desequilibrado, mas não era pela maneira como estava. Seu braço esquerdo era trinta centímetros mais curto que o direito e pendia morto ao lado do corpo. Terminava em uma mão atrofiada. E mesmo de longe, no balcão onde eu estava, dava para ver que o braço era inútil. “Scout”, suspirou Jem. “Scout, olhe! Reverendo, ele é aleijado!” “tradução nossa”

Ewell, porque seus ferimentos são incompatíveis com a condição limitada de Robinson que possui o braço esquerdo deficiente e sem movimentos. A falsa acusação articulada de Mayella Ewell na verdade esconde tudo que havia realmente ocorrido e possui um lado perverso da capacidade humana de se incriminar um inocente. O que de fato aconteceu, é narrado a seguir na versão de Tom Robinson, que esclarece sua recusa as investidas de Mayella, e que enquanto tentava sair daquela casa por não ter cedido aos avanços da jovem que não o deixava passar, se sentiu ameaçado com a brusca chegada de seu pai que presenciou Mayella tentando lhe seduzir:

“She reached up an’ kissed me ’side of th’ face. She says she never kissed a grown man before an’ she might as well kiss a nigger. She says what her papa do to her don’t count. She says, ‘Kiss me back, nigger.’ I say Miss Mayella lemme outa here an’ tried to run but she got her back to the door an’ I’da had to push her. I didn’t wanta harm her, Mr. Finch, an’ I say lemme pass, but just when I say it Mr. Ewell yonder hollered through th’ window.” [...] “He says you goddamn whore, I’ll kill ya”¹⁰⁴ (Lee, 1960, p. 191).

A narrativa de Tom Robinson acaba por revelar e corroborar sobre a relação incestuosa imposta pelo Sr Robert E. Lee Ewell, o pai de Mayella, que a usou como substituta de sua falecida esposa, e o espancamento sofrido por ela, foi uma reação violenta de Bob Ewell pelo ódio de contemplar sua filha a se insinuar para um homem negro. Mayella se sentiu pressionada pela violência sofrida e teme por sua vida, pois Bob Ewell ameaça matá-la enquanto lhe insulta de prostituta. Mayella nesta situação pelas duras condições do código racial sulista que condena a miscigenação mente e acusa Robinson de estupro, uma farsa dela e de seu pai conforme podemos perceber durante o relato detalhado de Robinson que ao tentar se defender com suas próprias palavras e acabou por relatar o crime de incesto confessado por ela e que é ignorado pelas autoridades em seu julgamento no tribunal.

Precisamos lembrar que no Sul racista, é mais tolerável ao incesto do que à miscigenação, e todos de Maycomb sabem dos desfortúnios dos Ewell, e mesmo com a descoberta estarrecedora dos abusos de Bob Ewell que explora sexualmente sua filha, nada fazem para protegê-la de seu predador. Neste sentido os habitantes de Maycomb, além de serem coniventes com o crime de Bob Ewell, e mesmo suspeitando que seja verdadeira a inocência de Tom Robinson, se sucumbem ao seu preconceito. Neste sentido, o horror à miscigenação desperta o ódio da coletividade que se direciona contra a vítima de calúnia que já estava

¹⁰⁴ “Ela chegou perto e me beijou no rosto. Disse que nunca tinha beijado um homem crescido e que dava no mesmo se beijasse um preto. E que o que o pai faz com ela não conta. Falou: “Me beija de volta, preto”, e eu pedi para ela me deixar sair dali, tentei correr, mas ela se encostou na porta e tive que empurrar a srta. Mayella. Não queria machucar ela, sr. Finch, pedi para passar e então o sr. Ewell esbravejou da janela.” [...] “Ele disse sua maldita prostituta, vou matar você” “tradução nossa”

condenado pela comunidade por causa de sua cor. De acordo com Schultz (2011) as relações inter-raciais entre homens brancos e mulheres negras desde o período colonial anterior ao *Antebellum* eram mais evidentes, enquanto as relações inter-raciais entre mulheres brancas e homens negros eram mais raros e ocorriam em segredo por envolver um grande risco e perigo a vida social da mulher e mortal ao homem que seria provavelmente executado. Desta maneira, a mentira criada por Mayella ocorre porque ela teme ao seu pai e a sua condenação social, quando ela diz ter sido coagida e estuprada a maioria da pequena cidade em seu horror e preconceito se levanta contra o posicionamento da atitude de Atticus Finch em defender Tom Robinson, e a comunidade desperta seu ódio também contra sua família.

Dentro deste contexto apresentado por Schultz (2011), qualquer homem negro mesmo inocente, quando era acusado falsamente de estupro até por prostitutas brancas, não conseguiam escapar a exposição do ódio da supremacia branca que puniria qualquer suposto ato libidinoso e o desfecho seria ou linchamento público ou pela “justiça” hipócrita, que serviria como propaganda de aviso contra todos afrodescendentes, assim o foi historicamente e não seria diferente mediante a quebra do rígido código de conduta por Mayella conforme Atticus em seu discurso tentou mostrar, ao exigir do estado uma prova cabal para acusar Tom Robinson, e vai além ao denunciar perante todos presentes no julgamento que o pecado de Mayella foi ter desejado a um homem negro ao ponto de ignorar o rígido código racial, e tentar seduzi-lo:

To begin with, this case should never have come to trial. This case is as simple as black and white. “The state has not produced one iota of medical evidence to the effect that the crime Tom Robinson is charged with ever took place. It has relied instead upon the testimony of two witnesses whose evidence has not only been called into serious question on cross-examination, but has been flatly contradicted by the defendant. The defendant is not guilty, but somebody in this courtroom is. “I have nothing but pity in my heart for the chief witness for the state, but my pity does not extend so far as to her putting a man’s life at stake, which she has done in an effort to get rid of her own guilt. “I say guilt, gentlemen, because it was guilt that motivated her. She has committed no crime, she has merely broken a rigid and time-honored code of our society, a code so severe that whoever breaks it is hounded from our midst as unfit to live with. She is the victim of cruel poverty and ignorance, but I cannot pity her: she is white. She knew full well the enormity of her offense, but because her desires were stronger than the code she was breaking, she persisted in breaking it. She persisted, and her subsequent reaction is something that all of us have known at one time or another. She did something every child has done—she tried to put the evidence of her offense away from her. But in this case she was no child hiding stolen contraband: she struck out at her victim—of necessity she must put him away from her—he must be removed from her presence, from this world. She must destroy the evidence

of her offense ¹⁰⁵ (Lee, 1960, p. 200).

Atticus desabafa que o único culpado naquele julgamento é a pessoa que está atentando contra a vida de outro ser humano ao prosseguir com uma mentira, que simplesmente tem o potencial de lhe proteger socialmente e renega ao direito de vida do acusado para apagar qualquer evidência que lembre do seu interdito. Ela que havia tentado seduzir o acusado foi quem transgrediu as normas mesmo conhecendo quais seriam as rígidas consequências pelos seus desejos libidinosos e prosseguiu, que a prova que ela queria destruir era um ser humano:

“What was the evidence of her offense? Tom Robinson, a human being. She must put Tom Robinson away from her. Tom Robinson was her daily reminder of what she did. What did she do? She tempted a Negro. “She was white, and she tempted a Negro. She did something that in our society is unspeakable: she kissed a black man. Not an old Uncle, but a strong young Negro man. No code mattered to her before she broke it, but it came crashing down on her afterwards ¹⁰⁶ (Lee, 1960, p. 200).

No julgamento Atticus escancara o preconceito e a hipocrisia da sociedade sulista que estava naquele momento selando o destino de Robinson, e que Mayella foi violentamente atingida em suas escolhas não por Tom Robinson, mas pelo rigoroso código moral que não admitia um beijo entre uma mulher branca e um jovem homem negro. Entretanto, mesmo com uma defesa emocionada e com várias provas contundentes de que um homem aleijado não poderia ter machucado aquela mulher, o fim deste julgamento não alterou a decisão de um júri conservador formado totalmente por brancos que sentenciaram Tom Robinson por unanimidade para a pena máxima para seu suposto crime.

¹⁰⁵ Para começar, este caso nunca deveria ter ido para julgamento. Este caso é tão simples quanto preto e branco. “O estado não produziu nenhuma evidência médica de que o crime pelo qual Tom Robinson é acusado tenha ocorrido. Em vez disso, baseou-se no depoimento de duas testemunhas cujos depoimentos não só foram seriamente questionados no interrogatório, mas foram categoricamente contraditos pelo réu. O réu não é culpado, mas alguém neste tribunal é. “Não tenho nada além de pena em meu coração pela principal testemunha do Estado, mas minha pena não se estende ao ponto dela colocar a vida de um homem em risco, o que ela fez em um esforço para se livrar de sua própria culpa. “Digo culpa, senhores, porque foi a culpa que a motivou. Ela não cometeu nenhum crime, apenas quebrou um código rígido e consagrado da nossa sociedade, um código tão severo que quem o quebra é expulso do nosso meio como inaceitável para se conviver. Ela é vítima de uma pobreza cruel e de uma ignorância, mas não posso ter pena dela: ela é branca. Ela sabia muito bem a dimensão de sua ofensa, mas como seus desejos eram mais fortes do que o código que ela estava rompendo, ela persistiu em quebrá-lo. Ela persistiu, e sua reação subsequente é algo que todos nós já conhecemos uma vez ou outra. Ela fez algo que toda criança já fez: ela tentou afastar de si as evidências de sua ofensa. Mas neste caso ela não era uma criança que escondia contrabando roubado: ela atacou a sua vítima – por necessidade ela deve afastá-lo para longe– ele deve ser removido da sua presença, deste mundo. Ela deve destruir as evidências de sua ofensa. “tradução nossa”

¹⁰⁶ “Qual foi a evidência de sua ofensa? Tom Robinson, um ser humano. Ela deveria afastar Tom Robinson dela. Tom Robinson era seu lembrete diário do que ela fazia. O que ela fez? Ela tentou um negro. “Ela era branca e tentou um negro. Ela fez algo que em nossa sociedade é indescritível: beijou um negro. Não um tio velho, mas um jovem negro forte. Nenhum código importava para ela antes de quebrá-lo, mas depois ele caiu sobre ela. “tradução nossa”

Gostaríamos de esclarecer que as temáticas abordadas em *To Kill a Mockingbird* são considerados muito delicadas e inapropriadas para crianças por lidarem com temas relacionados à estupro, incesto, ódio racial, violência, miséria, intolerância, e a retratação da linguagem ofensiva sulista contra os afro-americanos, além de explorar um julgamento que condenaria mais um inocente pela condição de sua cor na presença de crianças que se decepcionam e se frustram com os valores de sua comunidade ao acompanharem a via Crúcis de Tom Robinson em um tribunal predominantemente branco.

Neste aspecto, muitos críticos especulam sobre muitos dos eventos ocorridos no romance *To Kill a Mockingbird*, neste sentido poderíamos traçar como estas feridas forma revisitadas por Harper Lee, como foi proposto pelo pai da psicanálise, que ao investigar a relação entre a vida do poeta e suas criações no processo criativo, conseguiu elucidar e traçar um paralelo que demonstra como a criação literária é um meio pelo qual os escritores transformam suas experiências e lembranças, especialmente as da infância, em arte. Esse processo possibilita a realização simbólica de seus desejos inconscientes na obra literária, no caso das frustrações que talvez causaram traumas se tornam propulsores de algo que gostaríamos que fosse diferente em nossa infância e através da literatura poderia ser revisitada para satisfazer assim nossos desejos ao menos no mundo criado por nós.

A partir do conhecimento adquirido com as fantasias, deveríamos esperar o seguinte conteúdo [*Sachgehalt*]: uma forte vivência atual deve despertar no poeta a lembrança de uma vivência antiga, em geral uma vivência infantil, da qual então parte o desejo que será realizado na criação literária [*Dichtung*]; a própria criação literária permite que se reconheçam tanto elementos de acontecimentos recentes quanto também antigas lembranças (Freud, [1908], 2015, p.40).

Desta forma, o processo criativo teria um papel fundamental entre a criação simbólica de um mundo onde as injustiças e as imperfeições que assolam a integridade humana pudessem ser resgatadas e assim o desejo inconsciente encontra uma maneira de se realizar. Neste aspecto Harper Lee outorgou para a humanidade sua sincera revisitação de um novo Sul que tentava se reconstituir através das novas gerações e abandonar o triste legado do velho Sul onde nasceu e cresceu, um passado doloroso que remete a um fardo sobre os dilemas de sua comunidade relacionadas ao preconceito e ao ódio que (in)diretamente remetiam a casualidades que circunscreveram seu (in)consciente. Neste sentido transformar sua dor das lembranças antigas poderia ter sido uma maneira de lidar com seu passado.

Neste panorama que dialoga entre a reprodução da realidade e a fabulação fictícia proposta por Freud, a biografia de Harper Lee escrita por Shields (2008) coaduna que a autora

ao escrever o romance *To Kill a Mockingbird*, deixou impresso fortes traços autobiográficos em diversos eventos e personagens de sua obra, como o amigo de infância de Scout o personagem “Dill Harris”, que foi francamente baseado em Truman Capote um amigo pessoal da infância de Harper Lee, e que viria, na vida adulta, a se tornar um famoso renomado escritor sulista, talvez mais conhecido pelo seu livro de não ficção “A Sangue Frio”¹⁰⁷ que se notabilizou como um protótipo do romance investigativo criminalista baseado em fatos reais.

Em relação as pessoas e fatos que poderiam ter inspirado Lee, Shields (2008), relata que para povoar as ruas de Maycomb, Harper Lee se inspirou nos habitantes de sua cidade natal Monroeville ambientada no início dos anos 1930, incluindo funcionários públicos, comerciantes, frequentadores de igrejas e até mesmo as pessoas que eram desocupadas. Após a publicação do romance, algumas pessoas acreditavam ter se reconhecido e a seus vizinhos nos personagens. O próprio Truman Capote que fez parte da infância da autora, afirmou claramente a seus amigos que "a maioria das pessoas no livro de Nelle são inspiradas em pessoas reais". Inge (2008) também coaduna sobre as inspirações de Nelle Harper Lee que foram amplamente baseadas em seu entorno familiar, de amigos e de residentes na sua cidade natal Monroeville: “it is widely considered that several other characters in her famous novel are based on herself, her family members, her friends, and her Monroeville neighbors”¹⁰⁸ (Inge, 2008, p.370). No entanto, de acordo com Shields (2008), Harper Lee havia afirmado que, embora o personagem do advogado integro Atticus Finch não seja exatamente uma representação de seu pai verdadeiro, o Sr Amasa Coleman Lee¹⁰⁹, muitas de suas características se assemelhavam e se equiparavam a ele em termos de caráter, integridade e na coerência de suas atitudes principalmente nos seus princípios morais e humanísticos.

Em relação a ampla defesa em um tribunal Sulista, de acordo com Shields (2016), apesar de que professores e estudiosos tentem relacionar os julgamentos dos meninos de Scottsboro que ocorreram entre 1931 e 1937 como fonte que inspiraram na criação do romance, Lee afirmou ao biógrafo Hazel Rowley que não tinha em mente um caso tão sensacional como o

¹⁰⁷ In *Cold Blood*, foi um romance de não ficção do renomado escritor sulista Truman Capote, publicada inicialmente em 1966. Esta obra marcou o início de um novo gênero literário, mantendo a estrutura tradicional de um romance, mas que detalhou com meticulosidade os trágicos assassinatos de quatro membros da família Clutter, ocorridos em 1959. Os eventos trágicos desenrolam-se na pequena e pacata comunidade agrícola de Holcomb, no estado do Kansas, que abalou profundamente seus moradores e se destacou por sua frieza na história criminal dos Estados Unidos. Apesar de Truman Capote ser considerado um grande escritor sulista, sua obra mais famosa “A sangue frio” não possui nenhuma ligação com o Southern Gothic.

¹⁰⁸ “É amplamente considerado que vários outros personagens de seu famoso romance são baseados nela mesma, em seus familiares, em seus amigos e em seus vizinhos de Monroeville.” “tradução nossa”

¹⁰⁹ Amasa Coleman Lee (1880-1962) era o pai de Nelle Harper Lee, ele trabalhou como advogado na maior parte de sua vida, foi editor no *Monroe Journal*, e também foi um político que serviu ao estado do Alabama como senador.

dos meninos de Scottsboro, mas que este caso seria mais um exemplo clássico, que mostram os absurdos das atitudes prevalentes no Sul profundo em relação à raça e à justiça na época. No entanto, Beck (2016), lança luz a um outro julgamento com muitas similaridades que aconteceu também no Alabama e que foi amplamente noticiado com grande repercussão quando Harper Lee estava por volta de seus 12 anos, neste aspecto, as similaridades do caso de um afro-americano ter sido injustamente acusado e defendido por um advogado branco no sul do Alabama poderiam ter inspirado na construção de Atticus Finch.

as a young white lawyer, he represented a black man charged with raping a white woman in a small town in south Alabama. My interest intensified as time went on because this was my father; because, like him, I became a lawyer; and because people kept saying his case could have inspired Harper Lee's celebrated novel, *To Kill a Mockingbird* ¹¹⁰ (Beck, 2016, p. 03).

Assim como na ficção, Beck (2016) narra o caso verídico em que seu pai fez a defesa de um inocente afro-americano acusado injustamente de ter cometido estupro de uma mulher branca na década de 30 e traz alguns paralelos dos desafios do sistema judiciário preconceituoso e desfavorável a um julgamento imparcial com várias similaridades que poderim ter influenciado e inspirado na obra de Harper Lee *To Kill a mockingbird*. As semelhanças entre a realidade e diversos eventos de ódio racial e a ficção apresentada no trabalho de Lee demonstram a verossimilhança de diversas cidades sulistas que não se restringiam a fictícia pequena cidade de Maycomb no Estado do Alabama, e desta forma, Maycomb apenas foi uma pequena reflexão de uma cidade que não seria tão fictícia quanto tentou se apresentar.

3.2 A narrativa e seus personagens, como o ódio emerge e se dispersa simbolicamente através das tensões raciais e subjetivas

Em *To Kill a Mockingbird*, o ódio se manifesta tanto na narrativa quanto nos personagens, no entanto, ele se evidencia nitidamente em Bob Ewell, que não esconde sua satisfação pelo desfortúnio das pessoas que são odiadas por ele, Freud (1900) havia postulado em sua primeira tópica ao abordar os conceitos de consciente, inconsciente e pré-consciente publicada em “A interpretação dos Sonhos”¹¹¹ sobre esta satisfação que sentimos com o

¹¹⁰ Como um jovem advogado branco, ele representou um homem negro acusado de estuprar uma mulher branca em uma pequena cidade no sul do Alabama. Meu interesse intensificou-se com o passar do tempo porque este era meu pai; porque, como ele, me tornei advogado; e porque as pessoas diziam que seu caso poderia ter inspirado o célebre romance de Harper Lee, *To Kill a Mockingbird*. “tradução nossa”

¹¹¹ “Die Traumdeutung” apresentou uma teoria que revela uma intrínseca conexão entre os sonhos e a história de vida pessoal com os elementos fundamentais da psicanálise.

desfortúnio dos outros, que é contida e que as pessoas não ousam externar o seu desejo pela desgraça alheia que é projetada para com aqueles que temos antipatia, por causa da repressão moral que inibe estes impulsos. No entanto, esta perspectiva inibitória muda, quando estas pessoas a quem direcionamos sentimentos negativos se tornam culpadas.

Entre meus conhecidos há alguém que eu odeio, de modo que sinto o vivo impulso de me alegrar caso lhe aconteça algo ruim. Mas o lado moral do meu ser não condescende com esse impulso; não ousa externar o desejo de desgraça, e, quando essa pessoa sofre algo imerecido, eu reprimo minha satisfação e me obrigo a ter pensamentos e manifestações de pesar. Todo mundo, provavelmente, já se encontrou numa situação assim. Suponhamos agora que a pessoa odiada cometa uma transgressão e sofra as consequências devidas; nesse caso, posso dar livre curso a minha satisfação com o fato de que ela recebeu o castigo justo, nisso concordando com muitas outras pessoas neutras. Mas posso observar que minha satisfação é mais intensa do que a das outras pessoas; ela é reforçada por meu ódio, que até então a censura interna impedia de prover afetos, mas que está livre desse impedimento nas novas circunstâncias. Isso ocorre de modo geral na sociedade, quando pessoas antipáticas ou membros de uma minoria malvista se tornam culpados de algo. Seu castigo não corresponde geralmente à sua culpa, mas à culpa aumentada pela má vontade contra eles, até então inoperante. Sem dúvida, nisso os castigadores cometem uma injustiça; mas o que os impede de percebê-la é a satisfação causada pelo fim de uma longa repressão mantida em seu interior. (Freud, [1900] 2019, p. 590).

Bob Ewell não só deseja o mau para seus adversários, Ewell consegue sentir uma sensação de liberdade de sua situação opressora que é liberada por sua catarse, ele se alegra e se regozija com isso, ao projetar suas frustrações pessoais nos seus “inimigos fabricados”, ele não reprime seus sentimentos negativos, pelo contrário ele também provoca e tenta promover contenda com quase toda cidade. Quando conseguiu incriminar falsamente Tim Robinson, ele sentiu uma enorme satisfação com o seu castigo e seu sofrimento, o que chama a atenção é que este mesmo fenômeno de satisfação catártico também foi compartilhado pela comunidade racista de Maycomb. Esta triste percepção coaduna com o que a psicanálise através de Freud (1900) havia esclarecido, Robinson por ser negro se tornou uma pessoa odiada e a “transgressão” que hipoteticamente ele teria cometido, foi o catalisador que liberou sua comunidade a externar seu ódio e de sentir satisfação na pena máxima que fora imputada, esta pena tinha sido justa por assim dizer, para que a comunidade não reprimisse seus impulsos destrutivos e todo seu ódio.

O romance também descreve um momento de tensão da infância de Scout, que na verdade pode ser interpretado como um prenúncio alegórico do ódio irracional como uma doença endêmica representada simbolicamente pelo cachorro contaminado pela raiva. Esta simbologia remete a intolerância e ao ódio sulista enraizado nas pessoas, nas leis e em tudo que

Atticus tem que enfrentar na sua comunidade, e sua representação simbólica acontece na cena detalhada na narrativa de Scout, que rememora um cão contaminado pela raiva que apresenta claros sinais que pode morder e infectar pela “raiva” os residentes que tentam se proteger dentro de suas casas. Este cão está indo lentamente em direção para onde estavam Scout e Jem. Ao perceber seu comportamento estranho, Jem avisa para sua irmã para irem para casa, ele desconfia que seja o cachorro velho Tim Johnson do Sr Harry Johnson: “What’s he doing?” “I don’t know, Scout. We better go home.”¹¹² (Lee, 1960, p. 95). Em casa eles avisam sobre a aproximação deste cachorro que se comportava de forma esquisita e suspeita, cambaleando como se as patas da direita fossem menores que as da esquerda, Calpurnia ao observar em direção a casa dos Radley que fica no sentido sul do condado, consegue identificar que é um cachorro doente, ela telefona para Atticus Finch e pede para outras vizinhas liguem umas para outras para evitarem sair na rua e serem atacadas. Atticus Finch chega em um Ford preto com o xerife Heck Tate que se prepara com seu rifle, eles observam e percebem que o cachorro está se contorcendo, os vizinhos todos observando na segurança de suas casas, o xerife teme que alguém seja mordido, ele entrega o rifle para Atticus, que no início hesita, mas que é convencido pelo xerife que afirma ter uma mira ruim e que confia nele. Eles estão preocupados, porque caso errem o disparo, o cachorro que estava próximo do portão da casa dos Radley poderia entrar e contaminar atacar alguém.

Mr. Tate almost threw the rifle at Atticus. “I’d feel mighty comfortable if you did now,” he said. In a fog, Jem and I watched our father take the gun and walk out into the middle of the street. He walked quickly, but I thought he moved like an underwater swimmer: time had slowed to a nauseating crawl. When Atticus raised his glasses Calpurnia murmured, “Sweet Jesus help him,” and put her hands to her cheeks. Atticus pushed his glasses to his forehead; they slipped down, and he dropped them in the street. In the silence, I heard them crack. Atticus rubbed his eyes and chin; we saw him blink hard. In front of the Radley gate, Tim Johnson had made up what was left of his mind. He had finally turned himself around, to pursue his original course up our street. He made two steps forward, then stopped and raised his head. We saw his body go rigid. With movements so swift they seemed simultaneous, Atticus’s hand yanked a ball-tipped lever as he brought the gun to his shoulder. The rifle cracked. Tim Johnson leaped, flopped over and crumpled on the sidewalk in a brown-and-white heap. He didn’t know what hit him ¹¹³(Lee, 1960, p. 98).

¹¹² "O que ele está fazendo?" "Eu não sei, Scout. É melhor irmos para casa. “tradução nossa”

¹¹³ O sr. Tate quase jogou o rifle em cima de Atticus: “Eu ficaria mais confortável se você atirasse agora” ele disse. Em uma neblina, Jem e eu vimos nosso pai pegar o rifle e caminhar para o meio da rua. Ele andava rápido, mas para mim parecia que ele andava como um nadador sob a água: o tempo transcorria com uma lentidão nauseante. Quando Atticus levantou seus óculos, Calpurnia murmurou: “Doce Jesus, ajude-o” e pôs as mãos no rosto. Atticus colocou os óculos na testa, eles escorregaram e caíram na rua. No silêncio, ouvi as lentes se quebrarem. Atticus esfregou os olhos e o queixo, nós o vimos piscar consistentemente. Tim Johnson estava no portão dos Radley Tim

Neste sentido, existe uma nítida simbologia deste ódio como uma doença contagiosa que é temida pelos moradores de Maycomb, que se relaciona com a contaminação pelo vírus da “raiva” e que pode ser compreendida como uma metáfora de um pesadelo de um mal que se aproxima lentamente e que amedronta toda cidade pelo risco que representa, ao ser visitada por um cachorro doente. Este cachorro louco é e na verdade uma analogia metafórica de sua origem, os “limites sulistas da cidade” local da residência de seu dono. Nesta perspectiva, a agressividade do cachorro doente é a representação clara do ódio irracional que traz consigo a violência e o medo que havia chegado na cidade, e que poderia ser removido pelo humanismo e pela bondade representada pela integridade de Atticus, que mesmo após abater o cachorro avisa para seu filho Jem para não se aproximar do cachorro, porque ele ainda representaria um risco e que seria tão perigoso morto quanto era vivo: “Don’t you go near that dog, you understand? Don’t go near him, he’s just as dangerous dead as alive.”¹¹⁴ (Lee, 1960, p. 99). Ao que poderíamos concluir que a analogia metafórica de combater o mal deve ser perene, porque o preconceito, o racismo e todas formas de Tabu agem na sociedade como uma doença tão infecciosa quanto a própria raiva, e mesmo o hospedeiro estando morto existe o agente causador da doença que pode infectar outro hospedeiro.

Nesta analogia do cachorro louco, poderíamos destacar a insanidade que tomava as populações sulistas lideradas por grupos supremacistas brancos nos linchamentos que ocorriam independente de haverem ou não evidências contra os acusados negros, neste aspecto, o racismo estrutural histórico era determinante para a pena capital que poderia ser a cadeira elétrica em alguns estados, em qualquer hipótese que envolvesse estupro (de uma mulher branca por um homem negro) e muitas vezes a própria população inflamada por seu preconceito e ódio linchava até a morte os acusados.

Neste panorama, o linchamento de Tim Robinson foi evitado por Atticus, Scout, Jem e Dill quando o grupo de homens tentaram fazer sua “justiça” com as próprias mãos. Estes homens não aceitavam um julgamento imparcial com o direito a ampla defesa, porque eles já haviam incriminado Tim Robinson, apenas pelas suposições apoiadas pela calúnia que se

Johnson já havia decidido o que restava em sua mente. Ele finalmente deu meia-volta e seguiu seu curso original pela nossa rua. Ele deu dois passos à frente, depois parou e levantou a cabeça. Vimos seu corpo ficar rígido. Com movimentos tão rápidos que pareciam simultâneos, a mão do Atticus puxou uma alavanca com ponta esférica enquanto ele levava a arma ao ombro. O rifle quebrou. Tim Johnson saltou, tombou e caiu na calçada, num amontoado marrom e branco. Ele não sabia o que o atingiu. “tradução nossa”

¹¹⁴ Não chegue perto desse cachorro, entendeu? Não chegue perto dele, ele é tão perigoso morto quanto vivo. “tradução nossa”

espalharam pela cidade, mesmo sem ninguém acreditar nas palavras de Bob Ewell: “I think I understand,” said Atticus. “It might be because he knows in his heart that very few people in Maycomb really believed his and Mayella’s yarns.”¹¹⁵(Lee, 1960, p. 245).

Precisamos lembrar que o linchamento, neste período histórico era comum em casos controversos e questionáveis relacionados quase sempre a estupro que ocorriam no Sul. Para Fanon (2008), estes linchamentos são a consumação de um ódio que estava oculto e enraizado no âmago da sociedade e que se projeta através de atos concretos de violência extrema. Desta forma, a execução de homens em praça pública é o desfecho da concepção do ódio como fenômeno psíquico que precisa se transmutar claramente de sua subjetividade abstrata e ganhar forma na manifestação concreta, é um código que libera entre os intolerantes a permissão de se executar o que deveria ser proibido no nosso pacto civilizacional: “O ódio pede para existir e aquele que odeia deve manifestar esse ódio através de atos, de um comportamento adequado; em certo sentido, deve tornar-se ódio. É por isso que os americanos substituíram a discriminação pelo linchamento. Cada um do seu lado.” (Fanon, 2008, p. 61).

Assim como Fanon (2008) havia exposto, o ódio em Maycomb precisava ser manifestado pela multidão, e neste sentido, ao exigir linchar Robinson, aquele grupo de homens estavam na verdade concretizando um ato de selvageria que expurgava seu pior sentimento sobre o manto do seu preconceito que é alimentado da exploração e da inferiorização da casta subalterna, neste processo existe uma “normalização” do ódio racial, mas que não é permanente nem incessante, ela ocorre ciclicamente, este ódio não é diferente quando aplicado contra povos diferentes e não há assim distinção entre racismo contra judeus ou negros, pois se tratam do mesmo fenômeno.

Um país que vive, que tira a sua substância, da exploração de povos diferentes inferioriza estes povos. O racismo aplicado a estes povos é normal. O racismo não é, pois, uma constante do espírito humano [...] E o racismo judeu não é diferente do racismo negro. Uma sociedade é racista ou não o é. Não existem graus de racismo. Não se deve dizer que tal país é racista, mas que não há nele linchamentos ou campos de extermínio. A verdade é que tudo isso, e muito mais, existe como horizonte. Estas virtualidades, estas latências, circulam dinâmicas, inseridas na vida das relações psico-afetivas, econômicas... (Fanon, 2021, p. 25).

Para Fanon (2021) não existe distinção do ódio racial contra etnias, nem existem níveis categóricos que possam definir a proporção deste ódio, assim a tolerância e a inexistência de

¹¹⁵ Acho que entendo”, disse Atticus. “Pode ser porque ele sabe em seu coração que muito poucas pessoas em Maycomb realmente acreditaram nas histórias dele e de Mayella.” “tradução nossa”

perseguições ou de atos extremos de violência com o intuito extermínio norteariam um povo que não são de fato racistas, porque estas fendas transbordam nas relações psico-afetivas, neste sentido percebemos o quanto a pequena cidade de Maycomb faz parte de uma sociedade racista.

Poderíamos também identificar nesta cidade racista, como o ódio foi preponderante para permitir uma ligação libidinal que vincula e transforma o Sr Cunningham em uma espécie de líder momentâneo de uma massa artificial constituída pelo bando de homens, quando estes estavam planejando o linchamento de Tim Robinson, essa massa estava unida provavelmente pelo seu ódio, e tinha naquele momento o intuito de assassinar e aniquilar por linchamento qualquer homem negro que ousasse transgredir ao interdito código racial, neste caso o crime desta massa artificial estaria resguardada e garantiria a impunidade os homens dos homens envolvidos, que na massa presumem a segurança de seu anonimato para que eles possam externarem seu ódio.

O líder ou a ideia condutora poderia tornar-se negativo, por assim dizer; o ódio a uma pessoa ou instituição determinada poderia ter efeito unificador e provocar ligações afetivas semelhantes à dependência positiva. Caberia perguntar também se o líder é realmente indispensável para a essência da massa, e outras coisas mais (Freud, [1921] 2010, p. 30).

Conforme Freud (1921) havia postulado, o comportamento humano se transcorre afetivamente em nossos relacionamentos, no entanto, cotidianamente represamos com aversão nossos sentimentos hostis nos nossos relacionamentos familiares, contudo estes sentimentos relacionados a nossa agressividade continuam presentes e são inseparáveis, só não são percebidos por causa de nossa permanente repulsa que consegue afastá-los de nossos círculos mais próximos, apesar disso eles se afloram e se revelam claramente em unidades maiores de grupos ou subgrupos de pessoas com quem nos identificamos em menor escala, cuja diferenças são relativamente pequenas, porém quanto maiores forem as diferenças, estes sentimento negativos ganham outras proporções a medida que ocorra uma aversão que seja difícil de se superar, desta forma a projeção do ódio no outro, poderia ser um mecanismo narcisicamente criado para auto preservação de sí mesmos.

O mesmo ocorre quando as pessoas se juntam em unidades maiores. Toda vez que duas famílias se unem por casamento, cada uma delas se acha melhor ou mais nobre que a outra. Havendo duas cidades vizinhas, cada uma se torna a maldosa concorrente da outra; cada pequenino cantão olha com desdém para o outro. Etnias bastante aparentadas se repelem, o alemão do sul não tolera o alemão do norte, o inglês diz cobras e lagartos do escocês, o espanhol despreza o português. Já não nos surpreende que diferenças maiores resultem numa aversão difícil de superar, como a do gaulês pelo germano, do ariano pelo semita, do branco pelo homem de cor [...] Nas antipatias e aversões não

disfarçadas para com estranhos que se acham próximos, podemos reconhecer a expressão de um amor a si próprio, um narcisismo que se empenha na afirmação de si, e se comporta como se a ocorrência de um desvio em relação a seus desenvolvimentos individuais acarretasse uma crítica deles e uma exortação a modificá-los. Não sabemos por que uma suscetibilidade tão grande envolveria justamente esses detalhes de diferenciação; mas é inegável que nesse comportamento dos indivíduos se manifesta uma prontidão para o ódio, uma agressividade cuja procedência é desconhecida, e à qual se pode atribuir um caráter elementar (Freud, [1921] 2010, p. 31).

Neste caso quando em grupos podemos concluir que seria incontestável a nossa inata predisposição para o ódio, apesar de que seja ao mesmo tempo um mistério que não podemos compreender completamente, quais os motivos e as razões pelas quais estas pequenas diferenças possam resultar em sentimentos tão intensos de hostilidade contra outras pessoas. Neste sentido, poderíamos relacionar o papel do líder com as massas pela afinidade em externar seu ódio, conforme identificado por Freud, que apontou uma possível uma ligação afetiva de uma massa com seu líder: “suspeitamos que a ligação recíproca dos indivíduos da massa é da natureza dessa identificação através de algo afetivo importante em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder.” (Freud, [1921] 2010, p. 35). Talvez por isso ao analisarmos as atitudes do grupo de homens que estava tentando linchar Tim Robinson, causem nossa perplexidade, conseguimos entender a razão para tanto rancor, e a projeção do ódio deste grupo que se identificava contra um simples homem que se tornaria mais uma vítima do racismo.

O ódio também se dissimula e se camufla através da hipocrisia da comunidade na sua religiosidade, que revela claramente na sua ambivalência de afetos ao escolher um grupo para demonstrar amor e outro para odiar, estas ações hipócritas são fundamentais e constantes no processo da perda de inocência de Scout, como podemos constatar logo após que acontece a condenação de Tom Robinson, momento em que ocorre uma reunião organizada por sua tia Alexandra com as senhoras de Maycomb, mas o que chama a atenção são as conversas entre suas convidadas em especial a Sra. Grace Merriweather que relatava emocionada a vida das missionárias cristãs e suas experiências com os Mrunas, ela contava sobre as condições de vida miseráveis, e as péssimas condições sanitárias que propiciavam a proliferação de parasitas e vermes entre as crianças de 13 anos, e os costumes delas mastigarem e cuspirem em uma tigela partilhada uma casaca de árvore. Scout participou da reunião a pedido de sua tia, mas não se sentia bem por ter que se comportar conforme os costumes sulistas como uma “Southern Belle”, entre as conversas das senhoras sobre as missionárias haviam pequenas pausas para tomarem refrescos, e nas conversas soltas haviam assuntos vazios, dentre elogios às vestimentas uma das outras ou a qualidade da produção de um bule de café:

“Stay with us, Jean Louise,” she said. This was a part of her campaign to teach me to be a lady. It was customary for every circle hostess to invite her neighbors in for refreshments, be they Baptists or Presbyterians, which accounted for the presence of Miss Rachel (sober as a judge), Miss Maudie and Miss Stephanie Crawford. Rather nervous, I took a seat beside Miss Maudie and wondered why ladies put on their hats to go across the street. Ladies in bunches always filled me with vague apprehension and a firm desire to be elsewhere, but this feeling was what Aunt Alexandra called being “spoiled.” The ladies were cool in fragile pastel prints: most of them were heavily powdered but unrouged; the only lipstick in the room was Tangee Natural. Cutex Natural sparkled on their fingernails, but some of the younger ladies wore Rose. They smelled heavenly. I sat quietly, having conquered my hands by tightly gripping the arms of the chair, and waited for someone to speak to me ¹¹⁶ (Lee, 1960, p. 225).

Scout não se sente bem por vários motivos, ela nunca se enquadrava ao padrão de compostura sulista exigido para as meninas e ela não desejava se tornar uma mulher com estes “tipos de adereços”, apenas desejava ser uma simples dama, depois de ter ajudado Calpurnia a servir as convidadas, se sentou e apenas aguardou que alguém conversasse com ela. Estava amadurecendo e em suas convicções discordava profundamente com aquele vazio cultural proporcionado pelo seu meio, tentava digerir a demagógica preocupação religiosa das senhoras de seu condado que se solidarizavam com uma tribo tão distante de Maycomb, e que em seu preconceito relegavam sem peso nas suas consciências a invisibilidade social das pessoas de cor de sua comunidade em seu próprio país. A interpretação do amor e do ódio, se tornou este dilema constante que lhe consumia por completo, entre complacência em tentar compreender o sofrimento e as necessidades de um povo estranho, e ao mesmo tempo sua alienação religiosa que conseguiam ignorar a população pobre negra que estava em situação de fragilidade, e era esquecida e segregada na sociedade. A travessia durante o julgamento de Tom Robinson havia demarcado cicatrizes na personalidade de Scout, e a ambivalência enxergada em seu povo e em sua cidade se transmutaram em um vazio neutro, que se contrapõe ao exagero por parte da Sra Merriweather que se comove em lágrimas ao pensar nas condições dos nativos que não são

¹¹⁶ “Fique conosco, Jean Louise” ela disse. O convite fazia parte da campanha para me ensinar a ser uma dama. Era costume que a anfitriã convidasse as vizinhas para tomar refrescos, fossem elas batistas ou presbiterianas, o que explicava a presença da srta. Rachel (séria como uma juíza), da srta. Maudie e da srta. Stephanie Crawford. Nervosa, eu me sentei ao lado da srta. Maudie e fiquei me perguntando por que as senhoras punham chapéu para ir do outro lado da rua. Grupos de senhoras sempre me causavam uma vaga apreensão e o firme desejo de estar em outro lugar, o que tia Alexandra chamava de ser “mimada”. As senhoras usavam lindos vestidos estampados em tons pastéis, a maioria estava com a cara cheia de pó de arroz, mas sem ruge, e o único batom na sala era Tangee Natural. O esmalte Cutex Natural brilhava nas unhas, as mais jovens, porém, usavam rosa. Estavam deliciosamente perfumadas. Sentei quieta, controlei as mãos segurando com força os braços da cadeira e esperei que alguém falasse comigo. “tradução nossa”

cristãos e são oprimidos pela miséria.

For certainly Mrs. Merriweather was the most devout lady in Maycomb. I searched for a topic of interest to her. “What did you all study this afternoon?” I asked. “Oh child, those poor Mrunas,” she said, and was off. Few other questions would be necessary. Mrs. Merriweather’s large brown eyes always filled with tears when she considered the oppressed. “Living in that jungle with nobody but J. Grimes Everett,” she said. “Not a white person’ll go near ‘em but that saintly J. Grimes Everett.” Mrs. Merriweather played her voice like an organ; every word she said received its full measure: “The poverty ... the darkness ... the immorality— nobody but J. Grimes Everett knows. You know, when the church gave me that trip to the camp grounds J. Grimes Everett said to me—” “Was he there, ma’am? I thought—” “Home on leave. J. Grimes Everett said to me, he said, ‘Mrs. Merriweather, you have no conception, no conception of what we are fighting over there.’”¹¹⁷ (Lee, 1960, p. 226).

Ao observarmos aquelas senhoras se sensibilizando ao narrarem sobre as missões em terras distantes, podemos identificar uma forma de amor que soa demagogo e falso, que mais se aproxima para um sentimento de culpa e que parece recair sobre o destino dos nativos Mrunas. Surge assim na narrativa das senhoras, uma concepção delas serem melhores do que os nativos por serem cristãos (a alienação religiosa), isso fica implícito no discurso mais adiante quando a Sra Merriweather fala para Scout que ela tinha sorte em poder viver em um lar cristão, por pertencer a uma comunidade cristã e poder conviver em uma cidade cristã, como se estes parâmetros pudessem garantir a Scout uma vida repleta de amor, longe da aflição das decepções que o ódio que a sua comunidade poderia lhe proporcionar e principalmente longe da miséria preconceituosa de ter que conviver com pessoas que compartilhe de outras crenças: “Jean Louise,” she said, “you are a fortunate girl. You live in a Christian home with Christian folks in a Christian town. Out there in J. Grimes Everett’s land there’s nothing but sin and squalor.”¹¹⁸ (Lee, 1960, p. 227).

Neste sentido religioso, Freud (1921) ao comentar sobre um livro de ficção do autor Cyril Arthur Edward Ranger Gull (1875-1923), que escreveu sob seu pseudônimo Guy Thorne,

¹¹⁷ Com certeza, a senhora Merriweather era a dama mais devota de Maycomb. Procurei um assunto que fosse do interesse dela. “O que todas vocês se aprofundaram nesta tarde?” Eu perguntei. “Oh, filha, naqueles pobres Mrunas” ela respondeu e se calou. Algumas outras perguntas seriam necessárias. Os grandes olhos castanhos da sra. Merriweather sempre se enchiam de lágrimas quando ela pensava nos oprimidos. “Viver naquela selva sem ninguém a não ser J. Grimes Everett.” Ela disse. “Nenhum branco se aproximará deles, somente o piedoso J. Grimes Everett.” A voz da sra. Merriweather soava como se fosse um órgão, reforçando o tom de cada palavra: “A pobreza... a escuridão... a imoralidade— ninguém exceto J. Grimes Everett sabe o que é isso. Você entende, quando a igreja me ofereceu aquela viagem para o acampamento, J. Grimes Everett disse para mim— “Ele estava lá, senhora? Pensei que...” “Ele estava em casa, de licença. J. Grimes Everett disse para mim, me disse: “Sra. Merriweather, você não tem noção, nenhuma noção do que estamos lutando lá.” “tradução nossa”

¹¹⁸ “Jean Louise, você é uma menina de sorte. Mora num lar cristão, com pessoas cristãs, numa cidade cristã. Lá na terra de J. Grimes Everett, só existe pecado e miséria.” “tradução nossa”

o romance cristão “When It Was Dark: The Story of a Great Conspiracy”¹¹⁹ que narra sobre uma conspiração para implodir o cristianismo, ao se falsificar uma inscrição de uma tumba em Jerusalém, que seria atribuída a José de Arimatéia confessando que havia escondido o corpo de Cristo para invalidar a sacralidade da ressurreição, assim este romance, faz uma correlação com o fim da religião, nesta perspectiva com a decadência da moralidade e o aumento explosivo da violência, em um cenário sem a religião cristã que apenas voltaria a normalidade após a descoberta da fraude. Desta forma, dentro da possibilidade criada no universo fictício de Thorne, Freud (1921) esclarece que toda hostilidade dos crentes é contida pelo amor à Cristo, no entanto ele mostra que esse ódio não foi anulado e é direcionado para fora do corpo da igreja, desta forma a religião e a fé entre os irmãos de uma congregação se identificam com o amor que eles partilham entre si através de seu líder Jesus Cristo, entretanto estes irmãos geralmente direcionam seu ódio contra os não crentes que não partilham dos seus valores e de sua fé:

O que vem à tona, nessa imaginária desintegração de uma massa religiosa, não é medo, para o qual não há ensejo, mas impulsos implacáveis e hostis contra as outras pessoas, que devido ao amor comum a Cristo não se haviam manifestado até então. Mas mesmo durante o reinado de Cristo se acham fora dessa ligação os indivíduos que não pertencem à comunidade de fé, que não o amam e que ele não ama; por isso uma religião, mesmo que se denomine a religião do amor, tem de ser dura e sem amor para com aqueles que não pertencem a ela. No fundo, toda religião é uma religião de amor para aqueles que a abraçam, e tende à crueldade e à intolerância para com os não seguidores. Por mais difícil que seja pessoalmente, não se deve recriminar os fiéis com muita severidade por isso; para os infiéis e indiferentes as coisas são, psicologicamente, bem mais fáceis neste ponto. Se agora essa intolerância não se mostra tão violenta e cruel como no passado, não será lícito concluir que houve uma suavização dos costumes humanos (Freud, [1921] 2010, p. 29).

Nesta perspectiva, a agressividade humana é contida por causa do amor a Cristo o elo que une os membros dentro da religião, mas nunca é totalmente domada, está adormecida e continua a se manifestar fora do corpo da Igreja pelos mesmos que professam a fé cristã, seu ódio é canalizado para toda comunidade externa de não crentes. Freud (1921) menciona que a intolerância das pessoas fiéis não é tão violenta e cruel como já o foi no passado. No entanto, ele adverte que não devemos interpretar essa “pacificação” como um sinal de que a natureza humana se tornou mais suave ou civilizada. Em outras palavras, a diminuição da violência e crueldade pode não refletir uma mudança genuína no comportamento humano, mas pode ser resultado de outras influências ou fatores quando a civilização impôs restrições aos impulsos de morte, mas esses impulsos permanecem presentes, e a aparente suavização dos

¹¹⁹ “Quando estava escuro: A história de uma grande conspiração” “tradução nossa”

comportamentos não necessariamente indica uma mudança nos instintos humanos.

Ainda em relação a Igreja, também existe o papel da alienação do homem negro apontada por Frantz Fanon. A alienação do homem de cor no processo de colonização, que pode ser também aplicado na realidade da sociedade sulista, quando a Igreja tenta determinar a culpa das desigualdades e injustiças que ocorrem na sociedade ou das diversas atrocidades ao redor do mundo simplesmente ao cargo do destino, resguardando qualquer culpabilidade ao opressor em relação a ter subjugado ao homem de cor.

O colonizado também consegue, por meio da religião, não levar em conta o colono. Por meio do fatalismo, toda iniciativa é retirada do opressor; a causa dos males, da miséria, do destino, está em Deus. Assim, o indivíduo aceita a dissolução decidida por Deus, rebaixa-se perante o colono, prostra-se perante o colono e perante o destino, e, numa espécie de reequilíbrio interior, alcança uma serenidade de pedra. (Fanon, 2022, p. 50).

Neste aspecto a religião e a Igreja foram preponderantes não só para alienar a comunidade negra, mas também para alienar aos brancos em relação ao exercício de seu ódio e sua responsabilização por terem explorado e relegado aos afrodescendentes os guetos e a segregação, que na verdade não havia sido produzida por Deus, mas pela casta dominante ávida pelo lucro a qualquer custo.

Um segundo momento em que Scout confronta a demagogia vazia do falso moralismo se contrasta novamente com a ambivalência de seu grupo étnico em seu condado, ela racionaliza sobre a hipocrisia do que seria o amor e o ódio nas palavras de sua professora a Senhorita Gates, que em uma aula explicou a seus alunos sobre a perseguição dos Judeus executada por Adolf Hitler e faz uma comparação da democracia americana fazendo um contraponto com a ditadura nazista, essa exposição revela um cinismo profundo e descarado ao afirmar que não existe preconceito nos Estados Unidos primeiramente por eles serem uma democracia e em seguida por afirmar categoricamente que não existem preconceituosos no meio deles, e que ninguém é perseguido em solo americano:

Then Miss Gates said, "That's the difference between America and Germany. We are a democracy and Germany is a dictatorship. Dictatorship," she said. "Over here we don't believe in persecuting anybody. Persecution comes from people who are prejudiced. Prejudice," she enunciated carefully. "There are no better people in the world than the Jews, and why Hitler doesn't think so is a mystery to me." An inquiring soul in the middle of the room said, "Why don't they like the Jews, you reckon, Miss Gates?" "I don't know, Henry. They contribute to every society they live in, and most of all, they are a deeply religious people. Hitler's trying to do away with religion, so maybe he doesn't

like them for that reason.”¹²⁰(Lee, 1960, p. 240).

Na convicção concebida da Senhorita Gates ela acredita que os Judeus são as melhores pessoas do mundo, e relaciona a perseguição do povo Judeu a religiosidade. Esta conclusão simplista interpretada por sua personagem, nos traz uma outra perspectiva que também está relacionada a religiosidade endêmica sulista cuja moralidade está enraizada não por princípios éticos, mas por causa dos preceitos da religião cristã que ensina que devemos amar uns aos outros. Este condicionamento afetivo estabelecido pelo credo religiosos, tanto na perspectiva da Senhorita Gates quanto da Sra Merriweather demonstram na verdade a incapacidade destas mulheres em poderem amar verdadeiramente ao seu próximo, mas como Freud (1921) havia afirmado em relação a estas pessoas religiosas: “não se deve recriminar os fiéis com muita severidade por isso; para os infiéis e indiferentes as coisas são, psicologicamente, bem mais fáceis neste ponto.” (Freud, [1921] 2010, p. 29).

3.3 Atticus Finch e sua consciência ética de justiça contra o ódio abominável e irrestrito de seus pares

Uma das mensagens embrionárias de *To Kill a Mockingbird* é certamente não odiar, esta mensagem encontra no modelo do personagem Atticus Finch os atributos para se enfrentarem a intolerância endêmica da região, Atticus não só precisa ensinar em casa a seus filhos a conviverem com os intolerantes, ele precisa moldar a consciência ética destas crianças através de suas ações mesmo perdendo seu respeito por aqueles que não compartilham da visão de seu mundo progressista, no entanto essa mensagem é suplantada constantemente na sociedade racista que busca odiar aos afrodescendentes, destituir suas conquistas e seus direitos e impor-lhes através das leis seu controle arrogante e implacável, essa narrativa de repressão ocorreu durante todo processo histórico e está diretamente atrelada à subjugação econômica e social definida pela epiderme, tal como Frantz Fanon (2008) havia alertado, o ódio precisa ser alimentado a todo momento como vemos na comunidade de Maycomb, e se reproduz nos lares familiares, nas escolas, e na internalização da sociedade em um processo consciente e

¹²⁰ Depois a Senhorita Gates disse: “Essa é a diferença entre os Estados Unidos e a Alemanha. Nós somos uma democracia e a Alemanha é uma ditadura. Ditadura” Ela disse. “Por aqui [em nosso país] nós não acreditamos em perserguir ninguém. A perseguição vem de pessoas preconceituosas. Preconceito” Ela enunciou cuidadosamente. “Não há pessoas melhores no mundo melhores do que os Judeus, e o porquê que Hitler não pensa assim é um mistério para mim.” Uma alma inquiridora no meio da sala disse: “Por que eles não gostam dos judeus, você acha, Srta. Gates?” “Não sei, Henry. Eles contribuem para todas as sociedades em que vivem e, acima de tudo, são um povo profundamente religioso. Hitler está tentando acabar com a religião, então talvez ele não goste deles por esse motivo.”

inconsciente que e se mescla com a culpa “entre odiar e o não odiar”, como o psiquiatra francês havia apontado. Este conflituoso sentimento é manifestado e questionado por crianças como Scout, que querem entender e aprender a lidar com a culpa de ter que odiar a alguém, desta forma Scout procura seu pai e lhe pergunta se estava tudo bem em odiar a Hitler:

The only time I ever saw Atticus scowl was when Elmer Davis would give us the latest on Hitler. Atticus would snap off the radio and say, “Hmp!” I asked him once why he was impatient with Hitler and Atticus said, “Because he’s a maniac.” This would not do, I mused, as the class proceeded with its sums. One maniac and millions of German folks. Looked to me like they’d shut Hitler in a pen instead of letting him shut them up. There was something else wrong—I would ask my father about it. I did, and he said he could not possibly answer my question because he didn’t know the answer. “But it’s okay to hate Hitler?” “It is not,” he said. “It’s not okay to hate anybody.” “Atticus,” I said, “there’s somethin’ I don’t understand. Miss Gates said it was awful, Hitler doin’ like he does, she got real red in the face about it—” “I should think she would.” “But—” “Yes?” “Nothing, sir.” I went away, not sure that I could explain to Atticus what was on my mind, not sure that I could clarify what was only a feeling ¹²¹ (Lee, 1960, p. 241).

Entre a concepção da conceitualização do sentimento ambivalente inato de Scout e aquisição cultural do direito de explorar este sentimento, ocorre evidentemente na pergunta que Scout faz a seu pai, o desejo do seu Eu de receber sua benção e aprovação para que ela possa poder executar algo que desde criança quis, mas que foi veemente combatida em seu lar, neste sentido as repreensões na sua formação educativa, foram preponderantes na constituição de seu supereu. De certa forma Scout já entende que é inaceitável culturalmente para os adultos concordarem e admitirem que elas odeiam e que podem odiar, entretanto, mediante as discussões que ocorreram na sala de aula, aconteceu um claro acolhimento pela perspectiva e ponto de vista de uma adulta que admiti este sentimento a professora Gates. A senhorita Gates repugna categoricamente uma das maiores encarnações do ódio da história da humanidade, sentir repulsa e nutrir este sentimento contra o papel de alguém tão perverso e maligno como o

¹²¹ A única vez em que eu via Atticus com a testa franzida e mal humorado foi quando o radialista Elmer Davis dava as últimas notícias sobre Hitler. Atticus desligou o rádio e disse: “Grr!” Eu perguntei a ele uma vez, por que ele estava impaciente com Hitler e ele respondeu: “Porque ele é um maníaco.” Esta resposta não tem sentido, fiquei pensando, enquanto a turma prosseguia com suas somas. Um maníaco e milhões de alemães. Parecia para mim que eles é que deveriam prender Hitler em um curral, em vez de deixar que ele saísse prendendo as pessoas. Havia algo errado a mais, eu perguntaria ao meu pai sobre isso. Perguntei e ele disse que possivelmente não poderia responder porque não sabia a resposta. “Mas tudo bem odiar Hitler?” “Não está tudo bem,” ele disse. “Não está tudo bem em odiar ninguém.” “Atticus,” eu disse, “há algo que eu não entendo. A senhorita Gates disse que era horrível, Hitler fazer as coisas que ele faz, ela ficou com a cara muito vermelha por causa disso—” “Eu deveria achar que ela odiaria. “Mas—” “Sim?” “Nada senhor.” Eu me distanciei, sem ter certeza se conseguiria explicar ao Atticus o que estava na minha mente, sem ter certeza se poderia esclarecer o que era apenas um sentimento. “tradução nossa”

“Führer” parece ser uma autorização compartilhada pela maioria das pessoas, frente a isto surge um dilema para “Scout” como para qualquer outra criança, que começa a se questionar conceitualmente se é possível odiar abertamente outra pessoa e ela quer ouvir esta autorização. Precisamos esclarecer para nossos leitores que o sentimento de ambivalência entre amar e odiar foi elucidado pela psicanálise e que obviamente todas crianças odeiam primeiramente a todos que fazem parte de seu convívio, por estes terem sido seus primeiros objetos de desejo e de repulsa, no entanto, posteriormente existe a transferência para pessoas ou grupos exteriores de seus laços afetivos.

Em princípio nos inclinávamos tanto ao amor como ao ódio, tanto à crítica como à veneração diante deles. A psicanálise chama de “ambivalente” essa predisposição para atitudes contraditórias; e não tem dificuldade em apontar a fonte de tal ambivalência emocional. Pois ela nos ensinou que as posturas afetivas em relação a outras pessoas, tão relevantes para a conduta posterior do indivíduo, são estabelecidas surpreendentemente cedo. Já nos primeiros seis anos de vida o pequeno ser humano tem assentados a natureza e o tom afetivo de suas relações com as pessoas do outro e do mesmo sexo; a partir de então pode desenvolvê-los e modificá-los em certas direções, mas não eliminá-los. As pessoas a que ele se fixa dessa maneira são os pais e os irmãos. Todos os indivíduos que vem a conhecer depois tornam-se sucedâneos desses primeiros objetos dos sentimentos (talvez também as pessoas que dele cuidaram, além dos pais) e são por ele ordenados em séries que provêm das “imagos”, como dizemos, do pai, da mãe, dos irmãos etc. Portanto, estes que depois conhece têm de assumir uma espécie de herança afetiva, deparam com simpatias e antipatias para as quais contribuíram muito pouco; todas as futuras escolhas de amizades e amores sucedem a partir de traços mnemônicos deixados por aqueles primeiros (Freud, [1913], 2012, p. 304).

Freud (1913) aponta que nossa ambivalência emocional é inata, reside em cada um de nós e estão ajustadas por volta dos 6 anos de vida e que podemos fortalecê-los e expandi-los, desta forma os primeiros modelos parentais serão substituídos por nossas novas relações tanto para amarmos e odiarmos, no entanto, é doloroso odiar a quem amamos assim, o conflito se estabelece mediante a culpa em odiar, desta forma nosso Eu deseja a aceitação e permissão para odiar sem se sentir culpado e pressionado pelo nosso supereu que foi condicionado pelos nossos pais, familiares e toda sorte de aprovação da sociedade. Nasce desta forma o ponto conflitante que se manifestou na pergunta de Scout para seu pai, que é “se podemos odiar ou não, por quais razões nos dedicamos ou se afastamos deste sentimento?” Percebemos assim, que o problema conflituoso não é exatamente odiar, mas sim como lidar com a culpa que seria aceitável mediante a aprovação do pai para exercer o ódio, a permissão do pai que será transmutada para o papel do Estado posteriormente com a nossa maturidade nos moldes que Freud (1930) havia elucidado: “a consciência de culpa não passa claramente de medo da perda do amor, medo

“social”. Na criança pequena não pode ser outra coisa, mas em muitos adultos também não há diferença, exceto que o lugar do pai, ou de ambos os pais, é tomado pela grande sociedade humana.” (Freud, [1930], 2010, p. 50). Desta maneira, internalizamos a segurança da proteção deste “pai” que nos autorizou a sentirmos e executarmos ações sem o medo da perda de sua proteção que é garantida dentro do processo civilizacional. Neste panorama a proibição de Atticus ao afirmar que não está tudo bem em odiar e que não devemos odiar ninguém, demarca um ponto moral na narrativa que será fundamental na formação e ponto de vista de sua filha: “But it’s okay to hate Hitler?” “It is not,” he said. “It’s not okay to hate anybody”¹²² (Lee, 1960, p. 241).

Esta resposta é mais um momento crucial que Atticus imprime no caráter de sua filha, que sempre tenta mostrar que a integridade humana deve combater as ações erradas dos homens, podemos até se aborrecer, mas nunca se deixar ser dominados e corrompidos. Estas lições são ao mesmo tempo um norte para se construir uma sociedade sem preconceitos, ela rompe com qualquer ciclo de ódio que tenta justificar suas incongruências. Neste panorama, a intolerância, o racismo, o preconceito e o ódio são temas de enfrentamento persistentes em *To Kill a Mockingbird*, um enfrentamento que persuade no papel educativo durante a formação da personalidade infantil simbolizada no papel de Atticus Finch que sonha e luta por uma sociedade mais justa e equitativa.

Atticus Finch, tenta ensinar aos seus filhos como lutar pelo que é certo e pela dignidade humana, e neste aspecto, ele tenta ao máximo dirimir e impedir todas formas de preconceito de sua comunidade sulista, sua postura e comportamento ético evita que estes tabus possam corromper seus filhos, sejam estes preconceitos tanto sociais, de gênero e étnicos, podemos contatar essas lições morais em diversos momentos no romance, um deles ocorre quando Scout se desentende com seu colega da escola Walter Cunningham, um menino de família humilde de trabalhadores do campo que foram fortemente afetados pela grande depressão de 1929, seu pai tenta criar em sua filha empatia pela situação de todos que sobrevivem pelo trabalho no campo e de como devemos aceitar essas pessoas da forma que elas são e lhe diz que uma pessoa nunca poderia compreender a outra sem enxergar sua vivência: “First of all,” he said, “if you can learn a simple trick, Scout, you’ll get along a lot better with all kinds of folks. You never really understand a person until you consider things from his point of view”¹²³ (Lee, 1960, p.

¹²² “Mas tudo bem odiar Hitler?” “Não está tudo bem,” ele disse. “Não está tudo bem em odiar ninguém.” “tradução nossa”

¹²³ “Em primeiro lugar”, disse ele, “se você aprender um truque simples, Scout, você se relacionará muito melhor com todos os tipos de pessoas. Você nunca entende realmente uma pessoa até considerar as coisas do ponto de vista dela” “tradução nossa”

32).

A cada agressão verbal ou irônica sofrida por Scout, Atticus Finch tenta ensiná-la como a dignidade humana seria colocada de lado, caso ele se negasse a defender um homem inocente mediante a aceitação do ódio racial que expurga e renega os direitos da população negra. Neste panorama, Scout que havia sido agredida um dia anterior por seu colega Cecil Jacobs tenta exigir dele que se retrate, entretanto ele escala sua agressão e chama o pai dela de uma vergonha para a comunidade e que seu cliente merecia morrer enforcado: “You gotta make me first!” he yelled. “My folks said your daddy was a disgrace an’ that nigger oughta hang from the water-tank!”¹²⁴ (Lee, 1960, p. 80). Mediante esta resposta, Scout deseja revidar e bater em Cecil, porém ela obedece a promessa que havia feito ao seu pai de não entrar em briga, nem revidar seu colega apesar de ter ficado furiosa com as suas palavras insensíveis, arrogantes e cheia de ressentimento.

Dentro deste escopo, a resiliência da ética nos ensinamentos de Atticus Finch para combater a intolerância e o ódio durante o amadurecimento infantil, mostrou-se ser uma ferramenta educativa fundamental para se evitar a absorção dos tabus e dos dogmas na reprodução de preconceitos conforme apontado pelo educador sociólogo e antropólogo Howard Ehrlich (2009), que ressalta como as normas e tradições culturais moldam profundamente nossa sociedade ao inculcar as atitudes de preconceito e discriminação nas crianças. Ele observa que esses comportamentos são assimilados muito cedo, antes mesmo das crianças conseguirem diferenciar entre grupos distintos, evidenciando a inevitabilidade de enfrentar esses preconceitos ao longo da vida. Essa incorporação inicialmente faz com que a discriminação se perpetue e se torne um problema persistente na sociedade.

Every child comes to learn the traditions and norms of the society he or she is born into. Prejudice and discrimination are part of those traditions and norms. They are part of our cultural heritage. Not everyone accepts this part of the cultural heritage, but no one can escape dealing with it. Social psychologists have documented that children begin to learn group prejudices by the ages of three and four—before they even have the capacity to distinguish between groups¹²⁵ (Ehrlich, 2009, p. 19).

Além disso, Ehrlich (2009) sugere que, mesmo que algumas pessoas rejeitem essas

¹²⁴ “Você tem que me obrigar primeiro!” ele gritou. “Meus pais disseram que seu pai era um desgraça e 'aquele negro deveria ser enforcado na caixa d'água!” “tradução nossa”

¹²⁵ Cada criança aprende as tradições e normas da sociedade em que nasceu. O preconceito e a discriminação fazem parte dessas tradições e normas. Eles fazem parte da nossa herança cultural. Nem todos aceitam esta parte do patrimônio cultural, mas ninguém consegue escapar de lidar com ela. Psicólogos sociais documentaram que as crianças começam a aprender os preconceitos de grupo aos três e quatro anos de idade – antes mesmo de terem a capacidade de distinguir entre grupos. “tradução nossa”

partes negativas da herança cultural, é impossível evitá-las completamente. Isso ressalta a necessidade de intervenções conscientes e educativas para combater o preconceito desde a infância. A educação e a conscientização são fundamentais para quebrar essas tradições prejudiciais e promoverem uma sociedade mais justa e igualitária.

Neste panorama, a postura educativa de Atticus é constante e perene para amparar seus filhos em relação aos constantes atos hipócritas, desumanos e repreensíveis da comunidade de Maycomb. Poderíamos para reforçar neste aspecto a desilusão de Jem quando ele fica indignado com o vergonhoso desfecho do julgamento de Tim Robinson, e Jem a indaga seu pai por qual razão injustiças como esta acontecem, ele se revolta e perde a fé com a justiça de sua comunidade, cuja decisão do Juri selou a pena capital ao crime imputado. Atticus explica que estas leis levam muito tempo para que sejam mudadas, e que ele provavelmente não viveria para isso, mas inspira com esperança a seu filho ao lhe dizer que estas mudanças estavam pouco a pouco acontecendo e que talvez seu filho quando estivesse velho poderia ver essa conquista, Atticus também fala para seu filho que bastaria naquele momento mais onze pessoas com sua índole presentes naquele júri para que Tom Robinson estivesse livre. E por fim seu pai também lembrou que todas as vezes que a maldade se dispersou, foi por causa de pessoas como seu pai, Scout, Jem, e Dill que estavam lá para evitar injustiças da mesma maneira como havia acontecido na prisão com a dissuasão dos homens que queriam o linchamento de Robinson:

“If you had been on that jury, son, and eleven other boys like you, Tom would be a free man,” said Atticus. “So far nothing in your life has interfered with your reasoning process. Those are twelve reasonable men in everyday life, Tom’s jury, but you saw something come between them and reason. You saw the same thing that night in front of the jail. When that crew went away, they didn’t go as reasonable men, they went because we were there. There’s something in our world that makes men lose their heads—they couldn’t be fair if they tried. In our courts, when it’s a white man’s word against a black man’s, the white man always wins. They’re ugly, but those are the facts of life.”¹²⁶ (Lee, 1960, p. 216).

Atticus mostra aos seus filhos como o preconceito cego pode afetar este mundo disforme e hediondo ao ponto de condenar um justo, e por mais que seu filho não conseguisse ser desonesto com a verdade e com a ética, existem pessoas que são capazes de tudo e são

¹²⁶ “Se você fizesse parte daquele júri, filho, e mais onze rapazes como você, Tom seria um homem livre,” disse Atticus. “Até agora nada na sua vida interferiu no seu processo de raciocínio. Esses são doze homens razoáveis na vida cotidiana, o júri de Tom, mas você viu algo se interpor entre eles e a razão. Você viu a mesma coisa naquela noite em frente à prisão. Quando aquele grupo foi embora, eles não foram como homens razoáveis, foram porque estávamos lá. Existem coisas no nosso mundo que fazem os homens perderem a cabeça; não conseguiriam ser justos nem se quisessem. Nos nossos tribunais, quando se trata da palavra de um branco contra a de um negro, o branco sempre vence. É horrível, mas é a vida. “tradução nossa”

desonestas. No entanto, Atticus não inflou essa inspiração de forma falsa, e sempre alertou que seriam mudanças lentas, mas preparou o seu filho para que não se abalasse, porque quanto mais ele vivesse mais injustiças como essa ele testemunharia: “You couldn’t, but they could and did. The older you grow the more of it you’ll see.” (Lee, 1960, p. 217).

A consciência ética de justiça de Atticus Finch não se restringe apenas ao seu lar na educação de seus filhos, ela se posiciona inevitavelmente contra o ódio abominável e irrestrito de seus pares no tribunal, e é continuamente exposta durante a narrativa para seus filhos, por esta razão Atticus, afirma que sua consciência é mais importante do que o julgamento das outras pessoas sobre seu posicionamento em defender Robinson: “The one thing that doesn’t abide by majority rule is a person’s conscience.”¹²⁷ (Lee, 1960, p. 107).

No entanto, Atticus sabia desde o início por toda sua experiência que o desfecho não seria diferente, isto fica implícito quando ele havia dito para sua filha que seria muito difícil, mas que ele não desistiria da causa, este seu posicionamento demarca uma reflexão que condiz com a idealização de seu mundo, e de fato ele tenta inspirar no jurado a igualdade do direito a vida que aquele tribunal poderia proporcionar e que deveria garantir com equidade e transparência para todas as camadas sociais e intelectuais.

“But there is one way in this country in which all men are created equal—there is one human institution that makes a pauper the equal of a Rockefeller, the stupid man the equal of an Einstein, and the ignorant man the equal of any college president. That institution, gentlemen, is a court. It can be the Supreme Court of the United States or the humblest J.P. court in the land, or this honorable court which you serve. Our courts have their faults, as does any human institution, but in this country our courts are the great levelers, and in our courts all men are created equal.”¹²⁸ (Lee, 1960, p. 201).

Atticus ao tentar compor a defesa de Tom Robinson o faz com devoção, ele de fato acredita em seu íntimo que os membros do jurado pudessem dar o veredito de forma imparcial e baseados na razão ao invés de seu preconceito, ele usa de todos seus meios por acreditar na igualdade garantida pela constituição que pode ser resguardada no tribunal, e afirma não ser um idealista, mas que confia na integridade da corte, de seus jurados e na honra de sua composição ao usar a expressão na língua inglesa: “A court is only as sound as its jury, and a jury is only as

¹²⁷ “A única coisa que não obedece à regra da maioria é a consciência de uma pessoa.”

¹²⁸ Mas há algo neste país diante pelo qual todos os homens são criados iguais— há uma instituição humana que torna o indigente igual a um Rockefeller, o homem estúpido igual a um Einstein, e um homem ignorante igual a um reitor de universidade. Essa instituição, senhores, é um Tribunal de Justiça. Pode ser a Suprema Corte dos Estados Unidos, o juizado mais simples do país ou este honrado tribunal ao qual vocês servem. Os nossos tribunais têm os seus defeitos, tal como qualquer instituição humana, mas neste país os nossos tribunais são os grandes niveladores, e nos nossos tribunais todos os homens são criados iguais.” “tradução nossa”

sound as the men who make it up.” Ele exprime a capacidade que a razão pode desempenhar na justiça humana e na integridade e ressonância da ética que pode prevalecer contra o ódio, a mentira e a falsidade.

“I’m no idealist to believe firmly in the integrity of our courts and in the jury system—that is no ideal to me, it is a living, working reality. Gentlemen, a court is no better than each man of you sitting before me on this jury. A court is only as sound as its jury, and a jury is only as sound as the men who make it up. I am confident that you gentlemen will review without passion the evidence you have heard, come to a decision, and restore this defendant to his family. In the name of God, do your duty.”¹²⁹(Lee, 1960, p. 202).

Ao invocar o nome de Deus, Atticus apela para que ao menos a consciência religiosa cristã de seu povo pudessem poupar essa sentença a um homem justo e inocente cuja circunstâncias o colocaram erroneamente como réu, ele apela e roga pela misericórdia que é um dos alicerces do cristianismo, no entanto, esta invocação parece inócua para o jurado que tomado por suas paixões, se mostram apáticos com a vida humana.

Neste sentido, a representação da consciência ética de Atticus para conceder um julgamento imparcial à Robinson, e sua argumentação para tentar persuadir o júri para se efetivar justiça com equidade, é uma analogia utópica humana do direito a defesa que não se restringe a nossa contemporaneidade, é um anseio da humanidade que busca o fim das injustiças e que se remetem desde tempos imemoriais, como por exemplo na Grécia arcaica, e tomando como exemplo o processo jurídico na experiência da civilização grega, poderíamos traçar paralelos da sábia argumentação da honrosa defesa proporcionada por Atticus (com a sabedoria de Atena) para conseguir a empatia do júri (que possui semelhanças com as Erínias em seu desejo de vingança a qualquer custo). Atticus tenta persuadir o júri por sua benevolência para afastar a resolução trágica de Tom Robinson. Esta argumentação se assemelha em parte com o mesmo empreendimento realizado pela sabedoria da deusa Atena conforme podemos constatar na peça dramática criada pelo dramaturgo grego Ésquilo (séc. VI - V a. C.) que tentou exprimir na arte dramática grega este anseio pela justiça. Nesta peça, a sapiência da deusa Atena conseguiu persuadir as Erínias a pararem sua busca desenfreada por justiça a qualquer custo na

¹²⁹ “Não sou um idealista para acreditar firmemente na integridade dos nossos tribunais e no sistema de júri – isso não é um ideal para mim, é uma realidade viva e que funciona. Senhores, um tribunal não é melhor do que cada um de vocês sentado diante de mim neste júri. Um tribunal é tão íntegro quanto o seu júri, e um júri é tão sólido quanto os homens que o constituem. Estou confiante de que os senhores analisarão sem paixão as evidências que ouvirem, tomarão uma decisão e devolverão este réu à sua família. Em nome de Deus, cumpram o seu dever.”
“tradução nossa”

última parte de sua trilogia Oresteia, chamada “Eumênides”¹³⁰ a tragédia narra sobre a perseguição infundável e implacável sofrida por Orestes pelas Erínias, após ele ter sido instigado por Apolo para assassinar sua mãe Clitemnestra. Uma retaliação vingativa por ela ter executado seu progenitor Agamêmnon, e que desencadeou a ira das Erínias que para preservar a ordem cósmica reivindicam seu direito sobre a vida de Orestes.

Atena na tragédia Ésquiliana, institui através de seu comedimento e sensatez a transição civilizatória necessária que confere ao tribunal a incumbência de arbitrar sobre a justiça de maneira imparcial, no entanto ela ao receber Orestes sabe que as Erínias iriam reivindicá-lo por seu crime: “estas criaturas que te perseguiram sem dúvida são detentoras de direitos merecedores de toda a nossa atenção; se lhes negarmos a vitória em sua causa todo o veneno do seu ódio cairá sobre esta terra como um mal intolerável trazendo intermináveis amarguras” (Ésquilo, 2010, p.27) Não obstante, Atena consegue com sua argumentação, persuadir e convencer as Erínias através da sua infinda sabedoria e ardileza, para não amaldiçoarem a terra e que aceitem seus novos honrados desígnios e por fim Atena promove a transmutação das Erínias em Eumênides¹³¹ que simboliza o fim de uma era de perseguição truculenta coagida por flagelos e crueldade que recairiam sobre todos que infligissem o interdito, substituindo as atrocidades anteriores por uma nova ordem cósmica, um mundo cuja consciência punitiva seja concedida a incumbência de um tribunal que seja capaz de arbitrar com justiça e equidade sobre as vicissitudes e adversidades da vida.

Infelizmente toda argumentação apresentada por Atticus na defesa de Tim Robinson, não conseguiu comover nem persuadir os corações do júri em Maycomb, e seus esforços foram vencidos pelo ódio racial, como foi bem apontado por Bloom *et al.* (2006, p. 34), “Although Tom’s infraction of the black man–white woman code is demonstrated to have been false, he is nonetheless condemned. The caste taboo outweighs empirical evidence.”¹³² O tabu da casta destrói implacavelmente um inocente sem provas pelo horror da coletividade contra a miscigenação. Poderíamos neste aspecto, traçar um paralelo entre o sacrifício de Tim Robinson com as convenções sociais investigadas em *Totem e Tabu*. Freud (1913) havia identificado como os tabus que se encontram disfarçados nas camadas sutis de nossa sociedade persistem através de códigos de conduta que regulam o comportamento de grupos coletivos, neste caso o horror não seria o incesto, mas uma mudança objetual para a miscigenação que representaria em

¹³⁰ A primeira encenação desta peça ocorreu em 458 a.c.

¹³¹ Eumênides – Significa Benevolentes

¹³² Embora se demonstrasse que a infração de acusação de Tom ao código racial homem negro-mulher branca tinha sido falsa, ele ainda assim foi condenado. O tabu da casta supera as evidências empíricas.

um longo prazo uma ameaça através dos laços sanguíneos ao sistema econômico e social do grupo dominante, assim qualquer desejo lascivo seria coibido entre homens e mulheres de etnias diferentes, este tabu teria por assim dizer, um intuito de preservar as castas estabelecidas. Neste sentido, sacrificar um homem inocente seria um ato de punição pela transgressão potencial, mesmo que não tenha intercorrida a consumação, um modo de reparar a violação ao totem, e uma forma de estabelecer em toda comunidade um aviso de que não se deve infringir o interdito, cuja meta primordial seria coibir a consumação do desejo das outras pessoas.

o desejo original de fazer o proibido continua a existir nos povos em que há o tabu. Eles têm, em relação a tais proibições, uma atitude ambivalente; nada gostariam mais de fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente porque querem, e o temor é mais forte que o desejo. No entanto, o desejo é inconsciente em cada indivíduo desse povo, tal como no neurótico (Freud, [1913], 2012, p. 39).

Assim, o rígido código racial seria uma readaptação com mudanças significativas transmutadas em um novo tabu impiedoso com o objetivo de se impregnar no subconsciente de todos, as duras consequências para quem ousasse ceder aos seus desejos, uma subversão da lei fundamental do totemismo, que em sua forma primeva se restringia a não matarem o animal totêmico nem terem relações com indivíduos do mesmo totem na forma originalmente concebida. Nesta nova reformulação, o tabu social e moral continua a reprimir os impulsos primitivos, como também esses mesmos impulsos podem emergir violentamente ao ponto de de arruinarem nas mesmas proporções a todos os envolvidos.

Sabemos, sem o compreender, que quem faz o proibido, quem viola o tabu, torna-se ele mesmo tabu. Mas como harmonizar esse fato com aquele outro, de o tabu se ligar não apenas a pessoas que fizeram algo proibido, mas também às que se acham em estados especiais, a esses estados mesmos e a coisas impessoais? Que perigosa característica pode ser esta, que é sempre a mesma em todas essas diferentes condições? Apenas uma: a de atizar a ambivalência do ser humano e levá-lo à tentação de infringir o tabu. O indivíduo que violou um tabu torna-se ele mesmo tabu, porque tem o perigoso atributo de tentar outros a seguir seu exemplo. Ele provoca inveja; por que lhe deveria ser permitido o que a outros é proibido? Ele é, portanto, realmente contagioso, na medida em que todo exemplo convida à imitação, e por isso tem de ser evitado (Freud, [1913], 2012, p. 40).

Por esta razão concluímos que todo esforço realizado na defesa de Robinson seria inócua naquele período histórico, a história se passa no início doas anos 30 em uma sociedade totalmente segregada e dominada pelo rancor. Desta maneira o destino estava inevitavelmente selado pelo ódio de sua comunidade, ele passou a se tornar o próprio tabu depois de ter sido falsamente acusado por estupro, despertou a inveja do desejo de outros que poderiam atentar

contra o rígido código racial e por esta razão não poderia mesmo ao comprovar sua inocência escapar de seu trágico destino.

Fica igualmente claro por que a violação de determinados tabus envolve um perigo social, que tem de ser conjurado ou expiado por todos os membros da sociedade, a fim de não prejudicar a todos. Se substituíssemos os desejos inconscientes pelos impulsos conscientes, tal perigo existe realmente. Ele consiste na possibilidade da imitação, em virtude da qual a sociedade logo se desagregaria. Deixando impune a violação, os outros se dariam conta de querer agir da mesma forma que o transgressor (Freud, [1913], 2012, p. 41).

O tabu continuava tão vivido na sociedade americana, quanto na vida dos aborígenes como Freud (1913) havia suspeitado, e da mesma forma a violação do tabu continuava a oferecer perigo a vida de um homem ou amaldiçoar a vida social de uma mulher, e por esta razão foi o veredito de Robinson expiou o interdito, Maycomb o fez para se evitar o colapso de sua decadente sociedade racista.

A condenação de um homem inocente imprimiria uma forte decepção entre a representação do mundo idealizado infantil e o mundo real da vida adulta que se revelava aos poucos, tanto para Jem quanto para Scout. Jem que já havia desabafado com seu pai sobre a “injustiça do júri” expressou sua decepção com sua cidade e impressão ingênua que tinha das pessoas: “It’s like bein ‘a caterpillar in a cocoon, that’s what it is,” he said. “Like somethin’ asleep wrapped up in a warm place. I always thought Maycomb folks were the best folks in the world, least that’s what they seemed like”¹³³ (Lee, 1960, p. 212), e mais tarde um pouco mais madura Scout faria uma reflexão sobre a condenação de Robinson em poucas palavras que sintetizava a perda de sua inocência ao correlacionar perfeitamente que nada ao alcance de seu pai poderia alterar o curso do destino de Robinson que estava traçado no momento em que Mayella o acusou: “Atticus had used every tool available to free men to save Tom Robinson, but in the secret courts of men’s hearts Atticus had no case. Tom was a dead man the minute Mayella Ewell opened her mouth and screamed”¹³⁴ (Lee, 1960, p. 235).

Tim Robinson seria morto ao tentar fugir da cadeia, ele havia perdido sua esperança no sistema judiciário e foi atingido por uma rajada de disparos com cerca de dezessete tiros, esta notícia acabaria definitivamente com qualquer esperança de libertação de Robinson e ficaria

¹³³ É como ser uma lagarta em um casulo, é isso que é”, disse ele. “Como algo dormindo embrulhado em um lugar quente. Eu sempre pensei que o pessoal de Maycomb eram as melhores pessoas do mundo, pelo menos era o que pareciam. “tradução nossa”

¹³⁴ Atticus usou todas as ferramentas disponíveis para libertar os homens para salvar Tom Robinson, mas nos tribunais secretos dos corações dos homens, Atticus não tinha nenhuma chance. Tom era um homem morto no desde o momento em que Mayella Ewell abriu a boca e gritou. “tradução nossa”

para sempre gravado na mente de Scout demarcando o fim de sua inocência, e de sua fé no sistema judiciário corrompido pelo ódio.

“Tom’s dead.” Aunt Alexandra put her hands to her mouth. “They shot him,” said Atticus. “He was running. It was during their exercise period. They said he just broke into a blind raving charge at the fence and started climbing over. Right in front of them—” “Didn’t they try to stop him? Didn’t they give him any warning?” Aunt Alexandra’s voice shook. “Oh yes, the guards called to him to stop. They fired a few shots in the air, then to kill. They got him just as he went over the fence. They said if he’d had two good arms he’d have made it, he was moving that fast. Seventeen bullet holes in him. They didn’t have to shoot him that much. Cal, I want you to come out with me and help me tell Helen” ¹³⁵(Lee, 1960, p. 230).

Atticus chamaria Calpurnia para avisar sobre a morte de Robinson a sua esposa e família, poderíamos neste sentido finalizar nossa investigação vinculando a simbologia da inocência do pássaro do título “*Mockingbird*” ¹³⁶ com a vida de Tom Robinson que seria também inocente, mas que não seria poupado pelo ódio da comunidade. Nesta perspectiva, a associação simbólica da concepção de que seria um pecado sacrificar um inocente, acontece muito antes do horror vivido no processo de defesa de Robinson, ela ocorre no romance quando o tio de Scout e Jem, o médico Jack Finch estava ensinando as crianças a manusearem rifles de ar comprimido. Atticus que não gostava nem era a favor de armas, diz para seu filho Jem, que preferiria que ele apenas disparasse contra latas de metal, mas como ele sabe que eles iriam procurar por pássaros, que atirassem em gaios-azuis, mas que se lembrasse que é um pecado matar um tordo-imitador: “I’d rather you shot at tin cans in the back yard, but I know you’ll go after birds. Shoot all the bluejays you want, if you can hit ‘em, but remember it’s a sin to kill a mockingbird” ¹³⁷ (Lee, 1960, p. 92). Dentro deste panorama, o mais triste em relação à discriminação, ao racismo endêmico no sul dos Estados Unidos são as formas que ainda se perpetuam nos dias atuais e que insistem em produzir vítimas inocentes a cada dia como bem

¹³⁵ “Tom está morto.” Tia Alexandra levou as mãos à boca. “Eles atiraram nele”, disse Atticus. “Ele estava correndo. Foi durante o período de exercício. Eles disseram que ele simplesmente arrebitou a cerca e começou a escalar. Bem na frente deles... — Eles não tentaram impedi-lo? Eles não lhe deram nenhum aviso? A voz da tia Alexandra tremeu. “Ah, sim, os guardas pediram para ele parar. Eles dispararam alguns tiros para o alto e depois atiraram para matar. Eles o pegaram assim que ele pulou a cerca. Disseram que se ele tivesse dois braços bons ele teria conseguido, ele estava se movendo muito rápido. Dezesete buracos de bala nele. Eles não precisaram atirar tanto nele. Cal, quero que você venha comigo e me ajude a contar a Helen” “tradução nossa”

¹³⁶ Tordo-imitador é geralmente a única cotovia encontrada com frequência na América do Norte, ela é chamada por Mockingbird ou northern mockingbird em inglês, seu nome científico é *Mimus polyglottos*, e é um tipo de pássaro da família Mimidae, famoso por imitar o canto de outros pássaros, apesar de que seu habitat seja natural na América do Norte, esta espécie pode ser encontrada também nas Grandes Antilhas (Cuba; República Dominicana; Haiti; Jamaica e Porto Rico).

¹³⁷ Prefiro que você atire em latas no quintal, mas sei que você irá atrás de pássaros. Atire em todos os gaios-azuis que quiser, se conseguirmos acertá-los, mas lembre-se que é pecado matar um tordo-imitador. “tradução nossa”

apontou Alexander (2010), ao nos lembrar que a desigualdade racial se perpetua disfarçada nas políticas da justiça criminal, que arruinam suas vítimas através de encarceramento em massa dos homens de cor, estes encarceramentos possuem o mesmo *modos operandi* e propósitos das antigas leis Jim Crow.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho se propôs a investigar os possíveis mecanismos psicológicos relativos que permitiram a execução do ódio, neste sentido os postulados Freudianos demarcaram um alvorecer para a humanidade que foi fundamental para elucidar como nossos sentimentos ambivalentes possuem papéis responsáveis pelos nossos transbordamentos, e como estes transbordamentos foram manifestados dentro das relações humanas no romance “To Kill a Mockingbird”. Tentamos rastrear como o ódio se tornou endêmico na região sulista, e se perpetuou através do modo de produção capitalista escravagista, mesmo com o fim da guerra de secessão e a derrota dos Estados Confederados este rancor se disseminou nas pequenas populações sulistas até serem retratadas na literatura gótica como cidades fictícias da mesma forma como o foi Maycomb. E como este ódio foi devidamente confrontado por pelo personagem Atticus Finch e sua família. Ademais, nosso trabalho representou uma tentativa de capturar as angustias e emoções imortalizadas nesta obra literária, que consegue se comunicar com leitores por todo mundo, mesmo com aqueles que não pertencem a comunidade anglófona e que não estejam familiarizados com a cultura e com os acontecimentos históricos que conduziram e constituíram elementos da formação da identidade Estadunidense, no entanto por lidar com emoções e sentimentos universais que fazem parte da constituição humana, se consolidou como um grande clássico da literatura norte americana através do tempo.

Nelle Harper Lee ao criar uma cidade fictícia que poderia facilmente ser qualquer cidade do interior do Alabama, apresentou para seus leitores uma reflexão sobre a consciência humana sobre o sangue inocente derramado, e sobre as injustiças respaldadas pelo ódio irracional da ignorância que estavam atreladas historicamente e regionalmente não somente no Alabama, mas em todos Estados Sulistas e que infelizmente não se restringiram apenas à suposta e irreal Maycomb. Desta forma ela conseguiu inspirar gerações a também combater este ódio irracional, na mesma forma e integridade que Atticus Finch o fez, sem vacilar ou desistir de seus ideais. Neste sentido, *To Kill a Mockingbird* é um chamado contra não somente o racismo ou a intolerância, mas contra todas formas de preconceito e de ódio que de alguma

forma insistem em afligir toda humanidade em seus diversos matizes ainda nos nossos dias sob outras vestes.

Nossa jornada pode ter parecido minuciosa, mas foi apenas um recorte histórico do sul do Sul dos Estado Unidos, temos plena consciência das limitações de nosso trabalho e que existem muitos detalhes que precisariam ser apreciados, no entanto diante de uma vasta riqueza de fontes com tantas circunstâncias e fatos, tentamos selecionar em nossas escolhas as melhores opções em nosso entendimento que poderiam dar pistas das causas da representação do ódio que reverberaram na literatura gótica sulista, mas seria uma presunção de nossa parte achar que conseguiríamos solucionar esse tema tão profundo completamente em apenas um trabalho. Por outro lado, acreditamos que a psicanálise conseguiu em nossa tarefa, extrair e compartilhar como este sentimento é capaz de influenciar nossas ações e ser preponderante na vida de cada um de nós, Freud (1856-1939) conseguiu em seu legado elucidar que o ódio é um sentimento de suma importância que não podemos nem devemos evitar, que quando compreendido pode contornar várias consequências em nossas vidas. O ódio teceu e continua a tecer nossa história, e foi responsável na constituição de nossos valores culturais quer queiramos ou não, ele esteve presente camuflado no solo fértil para o racismo, neste sentido, pudemos vislumbrar um pouco da angustia da pequena Scout e de seu irmão Jem, que cresceram naquela realidade e que pouco poderiam fazer para transformar todo rancor do preconceito em uma sociedade mais justa sem ódio contra seus próximos. As simbologias empregadas na narrativa e suas analogias diante da lente da psicanálise tentou humildemente delinear um pouco dos mecanismos psíquicos que estavam envolvidos em cada ação de sua protagonista, da defesa fervorosa de seu pai e dos outros personagens que foram incapazes de lidar com sua ambivalência, e que tentaram destruir a vida de um simples homem que nada fez por merecer seu trágico fim.

Nossas conclusões nesta pesquisa remetem à inata predisposição humana ao ódio, e sobre os mecanismos que regulam suas emoções e sentimentos, conforme foi elucidada pela psicanálise. A origem do ódio que emerge e se dispersa na população da pequena Maycomb, é evidenciada nitidamente em *Psicologia das massas e análise do eu*, que expõe como as aglomerações, ou multidões e até mesmo uma população quando sugestionadas devidamente, podem cometer atrocidades inimagináveis (como linchamento e a condenação injusta de um inocente) contra outras pessoas, percebemos ainda que, estes indivíduos quando estão inseridos em grupos, sob o manto do anonimato somadas a determinadas circunstâncias são capazes de se desvincularem moralmente de atitudes e ações que certamente não o fariam na sua individualidade. Poderíamos também concluir que a ambivalência do nosso amor que é tão proporcional quanto o nosso ódio, seria a resposta das ações que se manifestaram nas agressões

físicas e verbais sofridas por Robinson, Atticus e sua família. Neste mesmo sentido, poderíamos também chegara a conclusão de que toda a virulência e intolerância desenfreada na representação do personagem Bob Ewell ressoam em *Totem e Tabu*, com seu desrespeito e insubordinação à autoridade, juntamente com seu desejo pelo sacrificio de Robinson, que muito nos faz lembrar sobre o sacrificio totêmico a todos que ousassem transgredir a interdição racial, desta forma o ódio e o rancor de Ewell transborda inevitavelmente nas agressões a todos do seu convívio. Em relação ao preconceito e a agressividade inata e constante da sociedade sulista de Maycomb, toda sua intolerância e ódio são dissecados em *o Mal-estar na civilização*, como foi coadunada por Freud (1930) que desnuda a besta selvagem de cada personagem, quando este não consegue represar psiquicamente a sua agressividade inata, que se encontra escondida sob o manto da civilização que tomou para si o monopólio da violência.

Para concluir gostaríamos de citar novamente, mas de forma breve sobre as outras pesquisas em território nacional, que também se debruçaram sobre o romance *To Kill a Mockingbird*, que havíamos citado brevemente na introdução de nosso trabalho, para isso fizemos um mapeamento da fortuna crítica acerca da obra de Harper Lee no banco de teses e dissertações acadêmicas, e identificamos que existem apenas neste momento outros dois trabalhos realizados, o primeiro foi um trabalho de conclusão de mestrado de Luiza Pitrez Gressler, realizado na área de teoria da literatura, cujo tema abordou a construção do Bildungsroman feminino, e foi orientado pelo professor Dr. Pedro Theobald no ano de 2019 pela PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o segundo trabalho sobre este romance também foi um trabalho de conclusão de mestrado de Laís Callegaro Fritzen, na área de Estudos da Linguagem Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas sob a orientação da Profa. Dra. Ana Zandwais realizado em 2022 pela UFRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Este nosso presente trabalho de conclusão de mestrado, é a terceira pesquisa acadêmica que explorou a obra de Nelle Harper Lee no Brasil, no entanto é o primeiro que utilizou a psicanálise como ferramenta para investigar o tema sobre o ódio enraizado na narrativa e os personagens da cidade fictícia de Maycomb, além de também ter sido pioneiro em abordar sobre o subgênero gótico sulista a que pertence *To Kill Mockingbird*. Desta forma, todos estes três trabalhos acadêmicos, incluindo o nosso são únicos e inéditos em suas respectivas áreas de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Michelle. **The New Jim Crow: Mass Incarceration in the Age of Colorblindness** / Michelle Alexander. The New Press: New York, 2010.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.), **Retórica** / Aristóteles; Título original: TEXNH PHTOPIKH; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

BECK, Joseph Madison. **My Father and Atticus Finch: A Lawyer's Fight for Justice in 1930s Alabama**. New York: W.W. Norton & Company, 2016.

BELLEMIN-NÖEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. / Jean Bellemin-Nöel; título original: Psychanalyse et littérature; Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1978.

BÍBLIA, **Bíblia de Estudo de Genebra**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Almeida Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BOTTING, Fred. **Gothic**. Londres: Routledge Press, 1996.

BLOOM, Harold. **Bloom's Modern Critical Interpretations: Mark Twain's The Adventures of Huckleberry Finn**. Updated Edition. New York: Chelsea House, 2007.

BLOOM, Harold. **Bloom's Modern Critical Interpretations: To Kill a Mockingbird**. Updated Edition. New York: Chelsea House Publishers, 2006.

BJERRE, T. Æ.; ZAWADKA, B. **The Scourges of the South? Essays on "The Sickly South" in History, Literature, and Popular Culture**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014.

BURNETT, K. A.; HAGSTETTE, T.; MILLER, M. C. **The Routledge Companion to Literature of the U.S. South**. 1. ed. New York: Routledge, 2023.

BURKERT, Walter **Greek Religion: Archaic and Classical** / - Walter Burkert; Originally

published in German as *Griechische Religion der archaischen und klassischen Epoche*. Translated by John Raffan. Massachusetts: Blackwell Publishing and Harvard University Press, 1985.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 28 mai. 2024.

COBB, James C. **Away Down South: A History of Southern Identity**. New York: Oxford University Press, 2005.

CROW, Charles L. **A Companion to American Gothic**. Malden: Wiley-Blackwell, 2014.

DAVIS, Allison; GARDNER, Burleigh Bradford; GARDNER, Mary R. **Deep South: A social anthropological study of caste and class** / Allison Davis; Burleigh B. Gardner; Mary R. Gardner. University of South Carolina Press: Columbia, 2009.

DOWNS, Gregory; MASUR, Kate. **THE ERA OF RECONSTRUCTION, 1861-1900: A National Historic Landmarks Theme Study** / Gregory P. Downs; Kate Masur. The National Historic Landmarks Program; Cultural Resources; National Park Service; U.S. Department of the Interior; The National Historic Landmarks Program: Washington DC, 2017.

DU BOIS, W.E.B. (William Edward Burghardt). **As Almas da gente negra** / W.E.B. Du Bois tradução Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Ed. Lacerda, 1999

EHRlich, Howard J. **Hate crimes and ethnoviolence: the history, current affairs, and future of discrimination in America**. Boulder, CO: Westview Press, 2009.

ÉSQUILO. **EUMÊNIDES** / Ésquilo; Eumênides: Tradução do Grego Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FANON, Frantz. **Alienação e Liberdade Escritos Psiquiátricos**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: UBU, 2020.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução: Lígia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. São Paulo: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato de Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Racismo e Cultura**. Brasil: Terra sem Amos, 2021.

FAULKNER, William. **Absalom, Absalom!** New York: Random House, 1936.

FLORA, Joseph M.; MACKETHAN, Lucinda H.; TAYLOR, Todd W. **The Companion to Southern Literature: Themes, Genres, Places, People, Movements, and Motifs**. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2002.

FREUD, Sigmund. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução Ernani Chaves. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas - Volume 4: A Interpretação dos Sonhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas - Volume 11: Totem e Tabu** / Sigmund Freud; Título original: Totem und Tabu: Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker; Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914) São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Obras completas: Volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas - Volume 15: Psicologia das massas e análise do eu e de outros textos**, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1920-1923). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas - Volume 18: O Mal-estar na civilização**, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GERBNER, K. **Christian Slavery**. 1. ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018.

GRAY, R. **A Brief History of American Literature**. 1. ed. Malden: Wiley-Blackwell, 2011.

GRAY, R.; ROBINSON, O. **A Companion to the Literature and Culture of the American South**. 1. ed. Malden: Blackwell, 2004.

GRANT, Susan-Mary; REID, Brian Holden. **Themes of the American Civil War: The War Between States** / Susan-Mary Grant; Brian Holden Reid. New York: Routledge, 2010.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses** / Hesíodo; Estudo e Tradução Jaa Torrano. 7ª edição. São Paulo: Iluminuras, 2007.

INGE, M. Thomas (Ed.). **The new encyclopedia of southern culture: volume 9: literature**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2008.

JOHNSON, Claudia Durst. **Understanding To Kill a Mockingbird**. Westport: Greenwood Press, 1994.

KARNAL, Leandro *et al.* **História dos Estados Unidos: Das origens ao século XXI** / – Leandro Karnal *et al.* São Paulo: Contexto, 2007.

KREYLING, Michael. **Inventing Southern Literature**. Jackson: University Press of Mississippi, 1998.

LEE, Harper. **To Kill a Mockingbird**. New York: HarperCollins Publishers, 1960.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Tradução: Mariana Sérvulo da Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2021.

McCONNELL MAP CO; MCCONNELL, James. McConnell's historical maps of the United States. Chicago: McConnell Map Co, 1919. Mapa. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/2009581130/>. Acesso em: 19 de jul. de 2024.

SHIELDS, Charles J. **I Am Scout: The Biography of Harper Lee**. New York: Henry Holt and Co., 2008.

SHIELDS, Charles J. **Mockingbird: A Portrait of Harper Lee from Scout to Go Set a Watchman**. Revised and updated edition. New York: Henry Holt and Co., 2016.

SCHULTZ, Mark. **The Rural Face of White Supremacy: Beyond Jim Crow**. Urbana: University of Illinois Press, 2011.

SOUSA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** / Neusa Santos Sousa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SNODGRASS, Mary Ellen. **Encyclopedia of Gothic Literature**. New York: Facts On File, 2005.

PETTIT, Arthur G. **Mark Twain & the South**. Lexington: University Press of Kentucky, 2005.

PFEIFER, Michael J. **Rough Justice: Lynching and American Society 1874 - 1947** / Michael J. Pfeifer. Urbana and Chicago: University of Illinois Press. 2004.

TATE, Allen et al. **I'll Take My Stand: The South and the Agrarian Tradition**. Nova York: Harper, 1930.

TWAIN, Mark. **Adventures of Huckleberry Finn**. Barnes & Noble Classics Series. New York: Barnes & Noble Books, 2003.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Outline of American Literature Revised Edition**.

Washington: Published by The U.S. Department of State. 2007

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**; Tradução Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica**; Tradução Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens.** (R. F. d'Aguiar, trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WEST, Cornell. **Questão de raça** / Cornell West; Questão de Raça: Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

WILKERSON, Isabel. **Casta: As origens do nosso descontentamento** / Isabel Wilkerson; Caste: The Origins of Our Discontents. Rio de Janeiro: Editora SCHWARCZ S.A., 2020.